

MINISTÉRIO PASTORAL E ACONSELHAMENTO



Seminário
Casa de
Profetas

SUMÁRIO

| | <u>Pág.</u> |
|--|-------------|
| - INTRODUÇÃO | 04 |
| <u>PARTE I – MINISTÉRIO PASTORAL</u> | |
| - CAPÍTULO I | |
| - A Nobreza do Ministério | 06 |
| - CAPÍTULO II | |
| - Fundamentando um Ministério que Não Seja Fogo de Palha | 13 |
| - CAPÍTULO III | |
| - O Sustento do Obreiro | 19 |
| - CAPÍTULO IV | |
| - Cultivando um Ambiente Saudável no Lar | 31 |
| - CAPÍTULO V | |
| - A disciplina do Estudo e da Oração | 44 |
| - CAPÍTULO VI | |
| - Aprendendo a Conviver com a Fama | 50 |
| - CAPÍTULO VII | |
| - Fama, Orgulho e Honra: Onde Está o Equilíbrio? | 60 |
| - CAPÍTULO VIII | |
| - Lidando com a Traição | 66 |
| - CAPÍTULO IX | |
| - Lidando com a Inveja | 74 |
| - CAPÍTULO X | |
| - Lidando com as Tentações Sexuais | 79 |
| - CAPÍTULO XI | |
| - Aprendendo a Viver com a Decepção | 87 |
| - CAPÍTULO XII | |

| | |
|---|-----|
| - Lidando com o Desgaste Ministerial | 92 |
| - CAPÍTULO XIII | |
| - O Conflito do Pastor: Preservar a Imagem de Homem de Deus No Meio do Povo | 102 |

PARTE II – ACONSELHAMENTO PASTORAL

| | |
|---|-----|
| - CAPÍTULO I | |
| - Introdução ao Aconselhamento Pastoral | 113 |
| - CAPÍTULO II | |
| - Teoria de Aconselhamento | 116 |
| - CAPÍTULO III | |
| - Prática de Aconselhamento | 118 |
| - CAPÍTULO IV | |
| - Aconselhamento Efetivo | 123 |
| - CAPÍTULO V | |
| - Apêndice | 127 |
| - CONCLUSÃO | 132 |
| - REFERÊNCIAS | 133 |

INTRODUÇÃO:

“Esta é uma palavra fiel: se alguém almeja o episcopado, excelente obra almeja.”

I Timóteo 3:1

Um jovem pastor entra no ministério com todo o fogo. Ele tem o fogo de Deus que arde em seu coração. Tem também o fogo da alma, do conhecimento e da autoconfiança em tudo o que irá empreender. Quando termina o curso bíblico, seja no seminário teológico ou no Instituto Bíblico, ou mesmo como jovem na igreja, imagina-se ali, na liderança, levando a igreja nos rumos que ele gostaria de ver. Sente que pode mudar o mundo; e pode! Algumas das maiores revoluções sociais e espirituais que tiveram lugar no mundo, as revoluções da política e da igreja, partiram de ideias que começaram a arder cedo no coração de gente idealista, jovem, que ansiava por um mundo diferente.

Seja ele obreiro, fruto de um seminário teológico, ou formado no discipulado intensivo de uma congregação local, ele tem visões e sonhos. Quer ser conferencista de destaque, escrever livros, formar uma sólida igreja, galgar postos em sua denominação, e se vê dando a última palavra nos debates convencionais ou em reuniões mundiais. No entanto, no primeiro ano de pastoreio descobre que o caminho é bem mais espinhento, pedregoso e inóspito, além do que esperava. A primeira pergunta que lhe vem à mente é: será que os líderes que estão em evidência enfrentaram os mesmos problemas e passaram pelos mesmos atropelos que vêm enfrentando agora?

Nessa apostila, procuraremos ajudar ao aluno a Ter uma visão real e atual do que realmente seja o ministério pastoral.

Seja bem-vindo ao estudo de MINISTÉRIO PASTORAL E ACONSELHAMENTO!

PARTE I
MINISTÉRIO PASTORAL

CAPÍTULO I

A NOBREZA DO MINISTÉRIO

Assim, pois, importa que os homens nos considerem como ministros de Cristo, e despenseiros dos mistérios de Deus (Paulo de Tarso)

O jovem obreiro aguarda com expectativa o dia em que será ordenado ao santo ministério da Palavra. Ter um lugar especial no púlpito, ser chamado de pastor por todos os irmãos, o privilégio de se destacar entre aqueles que com ele cresceram na igreja, a possibilidade de votar, de ser eleito para diversos cargos na convenção, concílio ou direção de sua denominação, tudo isso é como uma auréola invisível ao redor de sua cabeça, um colar de glória em seu pescoço. Em sua denominação não há o uso do colarinho clerical, mas para quê? Ele existe, invisível, sempre reluzente pelo brilho do título que ora passou a envergar! Levará ainda algum tempo, quem sabe anos, algumas frustrações, decepções, e uma iluminação especial de Deus para perceber que o título ministerial, por si mesmo, nada é, se o jovem obreiro perder, por causa de seu caráter, a nobreza do ministério que lhe foi conferida. Ele descobrirá, então, que o título não tem sentido algum se a graça, a unção e a virtude profética de seu ministério forem perdidos.

Não é o título ministerial que dá nobreza ao ministério. Os títulos, por vezes, se vulgarizam e nos põem em pé de igualdade com os profissionais de qualquer ramo. Em alguns países, o pastor vive em pé de igualdade com o funcionário público, assalariado pelo governo. Noutros, pastor é profissão e algumas denominações chegam a solicitar seus serviços pelos classificados dos jornais, como nos Estados Unidos e Canadá. Aqui no Brasil, pastor é título vulgarizado nos meandros da maquiavélica política, e deturpou-se em escândalos de envergadura internacional. Alguns optaram por outros nomes mais pomposos, apóstolos e bispos, nomes realmente bíblicos, se ao menos bíblica fosse a envergadura do cargo que exercem, seguindo o exemplo daqueles que no Novo Testamento e nos três primeiros séculos da Igreja Cristã detinham tal nomenclatura. Você já pesquisou para ver quantas vezes aparece a palavra pastor no Novo Testamento como título ministerial? No entanto, apesar de aparecer uma única vez em Efésios 4.11 temos por ela maior

apreciação do que pelos demais títulos, como os de presbíteros, bispos e apóstolos!

A nobreza do ministério reside no chamamento divino, na possibilidade de se fazer parte do conselho de Deus na terra, na representação da misericórdia, do amor, da graça e da justiça divina. Os títulos não têm valor algum para Deus; a obediência ao chamamento, a fidelidade aos propósitos divinos e a representatividade de tudo o que é celestial nesse mundo terrenal é que têm valor diante de nosso Senhor. Contudo, a prática pastoral perdeu seu verdadeiro sentido em alguns lugares do Brasil, tanto que, apresentar-se como pastor é menosprezar a si mesmo, vulgarizar-se diante dos homens; em alguns lugares esse título não dá crédito no comércio e, cientes disso, muitos se apresentam com nomes de quaisquer profissões. Neste caso, o melhor mesmo é apresentar-se como Ministro do Evangelho.

A nobreza do ministério não está na posição que se galga dentro de uma denominação, nem nos cargos que se exerce numa grande igreja local, muitas vezes conseguidos por meios nada gentis; a nobreza reside na verticalidade da comunhão com Deus e na execução dos propósitos divinos na terra. E é a vida interior do obreiro que determinará seu ministério na terra. Aqueles que ensinam a verdade, que demonstram o conhecimento de Deus na terra, e que lidam com as almas de pessoas humanas, deveriam encarar as questões da vida interior como tema transcendental, e a saúde da vida interior deve ocupar seu pensamento e seu tempo mais do que qualquer outra pessoa na igreja.

Paulo disse: "Assim, pois, importa que os homens nos considerem como ministros de Cristo, e despenseiros dos mistérios de Deus" (1 Co 4.1). A palavra grega traduzida aqui como ministro é *huperetes*, um remador inferior, um ajudante de remador. Ao utilizar-se desse termo, Paulo está se referindo aos remadores que ficavam na parte mais inferior do navio; remadores submissos a outros remadores...Não é servo (diácono) nem escravo (doulos) mas alguém que trabalha por obrigatoriedade, uma pessoa contratada, que vive sob ordens de um superior, que espera ordens para agir, no caso de Paulo, de Cristo. O que Paulo pretendia dizer com isso? Que as pessoas deveriam entender que o ministro não age por conta própria, que trabalha sob ordens, obedece a um líder e que tudo o que faz é apenas trabalhar e trabalhar...obedecendo!

Mathew Henry diz: "Neste caso, o apóstolo requer respeito ao tipo de ofício que tem, especialmente porque muitos fracassaram na missão apostólica, ainda que outros, possivelmente, colocavam o apostolado como algo muito sublime, elevado, como se Paulo fosse o líder de um partido e, por isso, diziam serem seus discípulos. É nossa opinião de ministros, que deveríamos evitar os extremos. Os apóstolos não devem ser supervalorizados, pois são ministros, não mestres; despenseiros, não senhores. Eram apenas servos de Cristo e nada mais, ainda que servos do mais alto escalão, pessoas que cuidavam da despensa, provendo alimento e designando tarefas aos demais. Veja, é um grande abuso querer ser senhor dos servos, quando se é também servo, e exigir que se obedeça à sua autoridade. Pois os apóstolos não passavam de servos de Cristo, empregados dele, por ele enviados para serem despenseiros dos mistérios de Deus; mistérios que estavam guardados por gerações. Não arrogavam ter autoridade querendo dominar sobre os demais, apenas proclamavam a mensagem de Cristo."

O obreiro deve ter em mente que seu ministério não é uma profissão, que a igreja que pastoreia não lhe pertence, e sim a Cristo (e os demais líderes da igreja devem reavaliar seus critérios quando pensam que a igreja lhes pertence), que ele é assalariado de Deus e que recebe ordens do céu e não do conselho da igreja. E o povo deveria entender claramente desse assunto, para não pensar que seu pastor é o empregado da igreja. O obreiro é apenas um servo entre os servos, designado em liderar os demais na distribuição das riquezas da despensa de Deus aos homens.

Quanto de nós maculamos o bom nome de Cristo? Ou será que Deus não irá cobrar de nós o comportamento e a péssima reputação que damos ao nome de Cristo na terra? Será que nosso comportamento redundará "em louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo"? (1 Pe 1.7). Mantemos procedimento exemplar na cidade em que vivemos? (1 Pe 2.12). Precisamos entender que nossa função pastoral foi-nos concedida por Deus, e o nome do Senhor deve ser guardado na mais alta honra. Mas não é exatamente o contrário que acontece? Queremos manter o nosso nome honrado, zelamos por nossa reputação, zelamos por nosso ministério, quando na realidade deveríamos pensar em honrar o Nome daquele que nos chamou e nos capacitou para a obra de Deus.

O processo da vida interior purificada, imaculada e santa, não é para nosso próprio louvor, e sim para honra e glória do nome de Deus. Precisamos aprender a levar a culpa, a carregar o opróbrio, e não buscarmos apenas a honra e a glória ministerial. Consagramos nossas vidas com o objetivo de sermos capacitados com poder e graça, quando na realidade a consagração deveria ter como objetivo a glória do nome de Jesus. Essa inversão de valores é egoísta, pois aproximamo-nos de Deus buscando nossos próprios interesses. Quantos jejuam dias e noites com motivações erradas? Buscam poder, querem os dons para curar, expelir demônios, operar milagres e para isso jejuam; essas coisas, no entanto vêm como fruto da consagração a Deus.

"Somente podemos servir a Deus com aquilo que é de Deus. Nada, a não ser o que nos é dado por Deus pode ser usado no serviço do Senhor", diz W. Nee num de seus livros.

Na jornada da vida ministerial, em algum lugar, perdemos o verdadeiro sentido do ministério. Hoje, a capacitação teológica tem mais valor que a espiritual; o conhecimento da filosofia, mais que a vida cristã profunda. O humanismo conseguiu penetrar nas salas de aulas dos seminários e, como me disse uma teologanda de um famoso seminário: "quase não estudamos a Bíblia. Estudamos e lemos tudo sobre ela, mas não estudamos para que a Palavra penetre em nós."

Preservando o vigor profético do ministério.

O ministério, qualquer que seja, não pode perder o espírito profético no qual está inserido. Seja o de apóstolo, bispo, pastor, evangelista ou mestre, o ministério do homem de Deus deve ser exercido dentro do espírito profético e de profecia; deve respirar, exalar e manifestar o caráter profético que é o de confortar, edificar, consolar, fortalecer e orientar a vida das pessoas. O ministro de Deus deve servir ao Senhor com pureza e sensibilidade ao Espírito Santo, ouvidos atentos à sua voz, como aqueles que serviam ao Senhor, jejuavam, e ouviram a voz do Espírito Santo que comissionava a dois deles para a obra missionária. É a isso que me refiro como caráter profético do ministério. Paulo e Barnabé, a quem o Espírito Santo separa em Atos 13, foram dois apóstolos que revolucionaram o mundo de seus dias; diferentemente dos que se dizem apóstolos nos dias de hoje!

Um ministro de Deus que se engaja num partido político, apesar de pretender defender energicamente em plenário sua fé cristã, de empunhar a Bíblia como sua regra de fé, de querer influenciar os destinos de sua cidade, estado ou nação aos princípios bíblicos, logo se verá infectado pelo vírus da complacência, dos acordos políticos e da possibilidade de um ganho maior. Se foi vocacionado por Deus e se faz parte do conselho de Deus na terra, o homem de Deus não deve jamais se contaminar pelo sistema de governo do mundo. Alguns dos grandes escândalos que mancham a vida pastoral têm suas raízes em pastores que abraçaram a política, enganando-se, pensando que, pela política poderiam mudar o sistema e, com isso, trazer o governo de Deus à terra. Não é dessa forma que o governo de Deus virá à terra. Outros podem habilitar-se à vida política, o ministro não; se quiser entrar na política, deve renunciar ao chamamento divino, que provavelmente nunca teve!

O ministério, dádiva de Deus aos homens, não pode perder o seu ardor profético, a qualidade de vida que lhe permite confrontar as pessoas com a verdade. O ministro do evangelho que se deixa levar por esse caminho, perde a sublimidade de seu chamado, vive num nível inferior, pois o governo do mundo somente será mudado quando Cristo governar plenamente a terra em sua Segunda vinda. Ou, deveria pelo menos abandonar totalmente o ministério, entregar suas credenciais a quem de direito, e trabalhar como se faz em qualquer profissão, sem arvorar-se como ministro do evangelho. Essa é uma posição santa, dignificada pelo chamamento divino. Por outro lado, um obreiro que não consegue encarar de frente um político, porque está amarrado pelas mesmas cordas, perdeu há muito tempo seu vigor profético.

Mas não é somente entrando pela senda política que se perde a fragrância profética; qualquer pastor que publicamente simpatiza, defende, e expressa seu ponto de vista em favor desse ou daquele sistema de governo; que abre sua igreja e cede o púlpito para discursos de concorrentes a cargos eleitorais, esvazia a igreja de seu caráter profético. O obreiro deveria se manter puro, imaculado, livre das coisas do mundo, do contrário terá sua voz profética calada. A Igreja é a voz profética de Deus na terra, mas ultimamente vem sendo amordaçada, sua boca foi fechada, tudo porque se casou com o mundo que ela mesma deveria salvar.

Aqueles que defendem suas ideias citando Daniel como homem de Deus no meio de um povo corrupto, devem lembrar que esse homem de Deus passou incólume por vários governos, por sua fidelidade a Deus, e não por fidelidade partidária aos reis. Quando Nabucodonosor conta o sonho que tivera da grande árvore, Daniel ao interpretá-lo, exorta o rei, dizendo: "Portanto, ó rei, aceita o meu conselho, e põe termo em teus pecados pela justiça, e às tuas iniquidades usando de misericórdia para com os pobres; e talvez se prolongue a tua tranquilidade" (Dn 4.27). Daniel enfrentou muitas perseguições e, já velho, foi lançado na cova dos leões por fidelidade a Deus, nunca por perseguição política. Diferente de alguns homens, pastores, que foram levados à prisão, não por sua fidelidade a Deus, por sua fé no Evangelho, e sim pelo mau testemunho cristão.

Induzir a congregação a votar em tal pessoa porque forneceu o telhado para o templo, ou porque beneficiou essa ou aquela obra assistencial, é depender do mundo e não de Deus. Em todo o Novo Testamento não vemos os apóstolos entrando em aliança com o sistema de governo de suas cidades. João, o apóstolo, é claro: "O mundo jaz no maligno" (1 Jo 5.19). "Não ameis o mundo nem as cousas que há no mundo", diz, pois quem ama o mundo "o amor do Pai não está nele" (1 Jo 2.15). O ministro do evangelho que ama as luzes, que gosta de ser elogiado, que acalenta o sonho de ser conhecido pela mídia, que se deleita em festas mundanas, perdeu, há muito, o amor do Pai!

Os ministros do evangelho, vivem no meio do povo, sentindo seus dramas e aflições; partilhando dos problemas do irmão que, desempregado precisa ser socorrido, velando para que nada falte à sua família; são os que ficam ao lado do enfermo, ministrando-lhe nas dores; que confortam os membros de uma família enlutada diante da perda de um ente querido; na hora do socorro financeiro é a igreja quem socorre, e não aqueles que foram eleitos pelo voto do povo. Vivemos ao lado de pais cujos filhos embrenharam-se pelo caminho do vício, do crime, ao lado de casais que lutam para preservar sua família. Comemos o que o povo come, e no fim do dia cheiramos a gente, nossa alma desprende um odor de ovelhas, porque vivemos no meio do rebanho. Só os que vivem em gabinetes estão alienados da vida "pública" que é o ministério pastoral, e são esses os mais propensos a compactuar com o sistema político e econômico do mundo!

"Não são os ricos que vos oprimem, e não são eles que vos arrastam para os tribunais? Não são eles os que blasfemam o bom nome que sobre vós foi invocado? (...) Infiéis, não compreendeis que a amizade do mundo é inimiga de Deus? Aquele, pois, que quiser ser amigo do mundo constituiu-se inimigo de Deus" (Tg 2.6,7 e 4.4). E assim, pastores que deveriam andar lado a lado com Deus, entram em aliança com os inimigos de Deus!

Sempre que um colega pastor decide por cargos eleitorais, recomendo-lhe a leitura de "O Príncipe", de Maquiavel. Quem sabe, lendo o que este escreveu, poderia aquele mudar de ideia, permanecendo na vocação divina, no conselho de Deus na terra. Nesse seu tratado, Maquiavel aconselha que, para ter êxito, o regente deve "aprender a não ser bom", recorrendo a falsas aparências, violências e métodos imorais, quando necessário. Foi essa postura que inspirou o termo maquiavélico em que o político recorre à trapaça, à manipulação e à corrupção para alcançar fins vantajosos". Entrar na política sem ler Maquiavel ou Montesquieu, é ignorar o destino que o aguarda, é desconhecer que, nos corredores do poder, o povo é desprezado pelos próprios políticos que elegeu!

Procure preservar em seu ministério o vigor profético, o cheiro do povo, a unção de Deus, jamais se deixando corromper pelo sistema mundano!

CAPÍTULO II

FUNDAMENTANDO UM MINISTÉRIO QUE NÃO SEJA "FOGO DE PALHA"

Pois qual de vós, pretendendo construir uma torre, não se assenta primeiro para calcular a despesa e verificar se tem os meios para a concluir? (Jesus Cristo)

Para nós brasileiros, a expressão "fogo de palha" se refere a algo que faz muito barulho, ao estrépito de gravetos que queimam às labaredas que alumiam a noite, ao fogo que chama a atenção de todo mundo, mas logo acaba. Geralmente os ministérios tipo "fogo de palha" vêm envolvidos numa aura ou mística de muito dinamismo, com aparência de poder, com a proclamação de milagres e de façanhas, com métodos alternativos, mas que deixam pouco ou nenhum resultado profícuo, nem nas pessoas nem no próprio ministro!

Nenhum ministério por "fogo de palha" se torna, se estiver centralizado no chamamento divino.

Formando um pedigree

Permita-me usar a palavra *pedigree*. Não é a mais apropriada para referir-se a raiz ou fundamentação na igreja local, já que ela se refere ao certificado de pureza de cavalos e cães, mas ilustra o que quero dizer. O obreiro precisa ter raízes na igreja local, pois ali está o registro de seu "documento" de origem; é na localidade que o registro de "nascimento" de um obreiro é carimbado. Sempre gosto de ouvir comentários sobre determinado obreiro cujo ministério esteja em evidência no país e no exterior, coisas como: "Ah, o fulano... era um moço fiel em nossa congregação; sempre dedicado ao Senhor, tinha um bom testemunho...", mas me arrepio ao ouvir comentários nada recomendáveis: "O fulano, converteu-se em nossa igreja, auxiliava nos trabalhos da juventude, deixou uma moça grávida, não reconhece sua filha; nunca aceitou a disciplina da igreja e hoje é

evangelista internacional...". Aqui temos o exemplo do que quero dizer sobre pedigree. O primeiro, tem uma certidão que mostra sua linhagem pura, o segundo não tem certidão alguma!

Timóteo tinha raízes comunitária. Paulo vê no moço um obreiro em potencial. "Havia ali um discípulo chamado Timóteo, filho de uma judia crente, mas de pai grego; dele **davam bom testemunho** os irmãos em Listra e Icônio" (At 16.1-2 grifo do autor). Timóteo tinha bom testemunho tanto da igreja de Listra como de Icônio. Esse "bom testemunho" é o pedigree do obreiro.

A raiz comunitária não vem apenas pelo testemunho, mas pelo tempo de vivência na igreja local. Foi este também o caso de Timóteo. Ele era da cidade, crescera entre aquelas pessoas e ali estava frutificando para Deus. Aprendi no decorrer dos anos que não se deve tomar como obreiro alguém que não tenha raiz na igreja local.

É comum uma pessoa sair de uma cidade para outra, por motivos de trabalho ou estudo e logo ser separada para alguma tarefa na igreja. Sempre que se procede assim, navegamos num mar de problemas, pois o obreiro precisa criar raízes na localidade e na igreja. Ele é como árvore enraizada, firme, inabalável, prezado por todos. Todos na igreja e na sociedade o vêem com bons olhos. Seu nome é limpo no comércio, tem bom testemunho na empresa ou na escola. Seu caráter é por todos observado.

Falando de caráter, diz um autor: "Os gregos clássicos identificaram quatro virtudes cardeais: a *sabedoria* (ou prudência), a *coragem*, a *temperança*, a *justiça*. Essas são quatro virtudes do caráter e foram chamadas de virtudes cardeais da lei natural, porque acham-se em muitos sistemas de ética e de comportamento moral."

Se você tem um chamamento de Deus para o ministério, é necessário criar raízes numa igreja local. Lamentavelmente nossas igrejas e pastores não possuem um bom sistema de treinamento de obreiros na igreja da localidade e, logo que alguém se converte é enviado para um seminário teológico para aprender a Palavra. O treinamento deve ser na igreja, o aperfeiçoamento teológico pode ser feito num Instituto Bíblico ou seminário.

O exemplo apostólico

Os apóstolos estabeleceram parâmetros, desde cedo, que os orientariam na escolha de novos obreiros. No momento de decidir quem ocuparia a vaga deixada por Judas, optaram por escolher alguém que tivesse acompanhado o ministério de Jesus, desde os dias do batismo de João e que tivessem testemunhado também a sua ressurreição. Dois homens, José e Matias estiveram presentes desde o início, conheceram a João Batista, estiveram com Jesus, mesmo não sendo dos Doze, e preencheram os quesitos apostólicos para ocupar a vaga deixada por Judas. Apesar de haverem escolhido Matias, é Barsabás, ou José a quem vemos funcionando na igreja nos anos seguintes. Logo após o Concílio da igreja em Jerusalém, Barsabás foi escolhido ao lado de Silas (At 15.26-27). No entender dos irmãos, Judas (José ou Barsabás) e Silas eram "homens que têm exposto a vida pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo..." pois "Judas e Silas, que eram também profetas, consolaram os irmãos com muitos conselhos e os fortaleceram" (At 15.26,32). Não tenho dúvidas de que tanto José quanto Silas foram contemporâneos de Jesus. Tantos haviam se convertido desde o Pentecoste, mas os irmãos colocaram critérios de escolha sobre os novos obreiros.

A comunidade dos discípulos soube escolher seus diáconos. Os apóstolos estabeleceram os parâmetros de conduta: "homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria" (At 6.2-3). Das qualidades acima, a reputação é a única que não se adquire numa semana, adquire-se durante os anos de vivência numa localidade. Os frutos de uma pessoa não aparecem logo que ela se converte. Uma série de fatores nos levará a entender se uma pessoa frutificou ou não. Se você é um jovem, quer entrar no ministério mas não tem raízes comunitárias, aconselho-o a criar raízes numa igreja local, ser discipulado, trabalhar para ganhar seu sustento, criar reputação, e só então, estar qualificado para o ministério.

Quando a igreja em Jerusalém precisou de um homem para acompanhar o nascimento da nova comunidade na cidade de Antioquia, escolheu a Barnabé. Por que ele? "Porque era homem bom, cheio do Espírito Santo e de fé" (At 11.22-24). Barnabé tinha bom testemunho na cidade de Jerusalém. "José, a quem os apóstolos deram o sobrenome de Barnabé, que quer dizer filho de exortação, levita, natural de Chipre, como tivesse um campo, vendendo-o, trouxe o preço e o

depositou aos pés dos apóstolos" (At 5.36-37). Barnabé tinha raízes em Jerusalém! Tinha *pedigree* local.

O próprio João Marcos, o jovem a quem Paulo não quis levar na segunda viagem missionária causando enorme desentendimento com Barnabé, tinha o que decidi chamar de *pedigree*, ou raiz comunitária. Na casa de sua mãe a igreja se reunia e estava em oração na noite em que Tiago foi morto à espada, e Pedro mantido na prisão (At 12.12). Marcos estava acostumado às lides da igreja, sua mãe era mulher fiel, seu primo, Barnabé, ativo na igreja de Jerusalém; por isso, na primeira oportunidade Barnabé o leva com Paulo para uma viagem missionária (At 13.5). Ele auxiliava a Paulo e Barnabé. Lamentavelmente, e a Escritura não menciona a causa, João Marcos decide voltar para Jerusalém, causando um problema sério no relacionamento entre Paulo e Barnabé, assunto que trato neste livro. No fim da vida de Paulo, onde está Marcos? Ao lado de Paulo, e mais tarde sendo solicitado a prestar-lhe ajuda (Cl 4.10 e 2 Tm 4.11).

Submeta-se ao líder de sua igreja. Não se torne um *free-lancer*, pessoa que faz as coisas sozinho, sem consultar ninguém. É na vida congregacional que aprendemos a servir a Deus e aos irmãos. Acabei de mencionar João Marcos, que acompanhou a Barnabé e a Saulo como auxiliar. Ele estava em Jerusalém desde o início, sua casa era centro de reuniões, e alguns dizem que o jovem a quem tentaram prender na noite em que Jesus foi preso e que fugiu desnudo, depois que lhe tiraram o lençol no qual estava enrolado, teria sido João Marcos. Se isso for verdade, vêmo-lo ainda garoto, acompanhando de perto os acontecimentos daqueles dias! Barnabé estava no início de tudo, e tornou-se um dos apóstolos da igreja. E quantas mulheres foram usadas por Deus, algumas presentes desde o início do ministério de Jesus! Aquelas referidas em Lucas 8, fazem-se presentes no dia da crucificação, na ressurreição e no Pentecoste!

Se um obreiro não consegue submeter-se ao seu pastor local, terá muitas dificuldades em submeter-se mais tarde à direção do próprio Espírito Santo. Se ele não aprender e não desenvolver um espírito de submissão, alimentará, imperceptivelmente, uma imensa dificuldade em relacionar-se com os demais colegas de ministério. As heresias que surgiram no seio da igreja desde os

primeiros séculos, têm aí suas raízes; vieram por pessoas que não souberam ouvir os mais velhos nem se submeteram às autoridades da igreja.

Nunca busque resultados imediatos. A vida ministerial é como certas plantas, cujos frutos levam anos para aparecer. Certas sementeiras produzem logo, como o feijão, o arroz e o trigo - rapidamente colhidos e consumidos, e precisam ser plantados ano após ano; mas, determinadas árvores frutíferas demoram anos para que seus frutos apareçam, e depois frutificam regularmente a cada estação do ano.

A videira produz uva todos os anos, seus ramos velhos e retorcidos - alguns com quase um século de vida brotam sistematicamente, de quando em quando, e a safra de seus vinhos são sempre as melhores. A oliveira, antiga e castigada pelas intempéries, como algumas que pude ver no Oriente Médio, floresce todos os anos, produzindo o melhor azeite. Não devemos nos apressar em querer mostrar trabalho e frutos; estes aparecerão de qualquer maneira; bons ou maus, serão colhidos e aproveitados, ou lançados fora nos anos vindouros.

Se seu ministério não influenciar positivamente sua geração, mas deixar impregnado nela a nódoa da mentira, da falsidade, do egoísmo, da inveja, do adultério, da prostituição e do amor próprio, será como o fruto azedo de uma árvore que não pode ser apreciado, mas lançado fora. No entanto, se marcar a sua geração - e não estou me referindo a reconhecimento nacional - a vida daqueles que o conhecem e que estão ao seu lado, será planta frutífera que produz fruto apreciado por todos! Logo, não se apresse! Pois o mesmo Deus que o chamou, o recompensará!

Muitos jovens ministros querem "mostrar trabalho", especialmente os que anelam o ministério itinerante. Deixe-me acentuar uma verdade nesse ponto: o ministério itinerante tem que ser analisado seriamente à luz das Escrituras sob o enfoque do ensino apostólico. Nenhum ministério pode começar fora da igreja da localidade, e nenhum ministério itinerante é válido se o obreiro não estiver submisso à liderança da igreja local, ou se por ela não for enviado ou apoiado.

Por último, se você pensa em enriquecer pela via ministerial, está totalmente equivocado, e não entendeu o chamamento divino nem a dimensão do propósito de Deus! Os dons que Deus nos concedeu não têm como objetivo o benefício próprio, mas a edificação dos outros. A vida ministerial

é de despojamento contínuo, é uma vida de entrega diária, de morte, de negação do eu, das riquezas e da fama. Trilhar pelo caminho ministerial pensando em enriquecimento é um grande equívoco. Aliás, viver a vida cristã, independentemente de ser um ministro do evangelho ou não, pensando em enriquecimento, é um desvio do propósito de Cristo e de seu evangelho; é andar na contramão de Deus, pois todo crente deveria obedecer o evangelho de Cristo, fugindo da ganância, do desejo de se enriquecer, e viver a vida cristã dentro dos moldes do evangelho. A teologia da prosperidade não encontra respaldo nos ensinamentos de Cristo! Há uma prosperidade que vem pelo evangelho, e por ela somos brindados todos os dias.

Seu ministério será fogo de palha, se não estiver alicerçado na vida da igreja local, se não estiver submisso a pastores ou aos órgãos da igreja, se não estiver fundamentado nas Escrituras e no ensino apostólico, e se você não tiver a quem prestar contas! Esses parâmetros, certamente servirão de orientação à sua vida ministerial.

CAPÍTULO III

O SUSTENTO DO OBREIRO

O lavrador que trabalha deve ser o primeiro a participar dos frutos (Paulo de Tarso)

Deus chama: Deus paga!

Quero deixar bem claro, um princípio bíblico extremamente importante quanto ao sustento do obreiro: Se Deus o chamou ele o sustentará! Assim como você chama alguém para fazer um trabalho em sua casa e paga por seus serviços, da mesma maneira Deus nos chama para fazer a sua obra e nos paga. Os meios desse pagamento são mui variados.

A igreja evangélica criou certos conceitos e estereotiparam vícios de linguagem que deturpam toda uma geração de obreiros. Um dos vícios de linguagem, e por conseguinte um conceito mal interpretado é o de "tempo integral" e "viver por fé". O conceito que temos de tempo integral no ministério, significa deixar de trabalhar em uma profissão, e passar a ganhar salário da igreja, ou se não for assalariado pela igreja, "viver pela fé". Alguns dizem: "Não estou de tempo integral, pois tenho o meu emprego secular". Esses dois termos precisam ser analisados novamente. Não é errado dizer que se está de tempo integral no ministério, ou que tenho o meu trabalho secular, o problema é que esses dois termos são frutos do eclesialismo evangélico que ensina haver duas classes de pessoas na igreja - o clero e o leigo; e dois mundos distintos - o religioso e o secular. O clero é pago para cuidar do leigo que trabalha! Essa conceituação de clero e laicato precisa ser analisada com bastante profundidade em nossos seminários e institutos bíblicos, já que "leigo" tem conotações diferentes dependendo do pensamento dominante em cada denominação. Em alguns lugares a pessoa é leiga porque não é formada num seminário, noutros é leiga porque não faz parte do clero, e noutras é leiga porque nada sabe sobre assunto algum da Bíblia e da igreja.

Na igreja todos os crentes são ministros do Senhor, tanto o que é sustentado pela igreja para fazer a obra, quanto o que trabalha com suas mãos para ganhar seu sustento. Paulo, o apóstolo,

não era assalariado por organização alguma, e muitas vezes usou parte de seu tempo para fazer tendas e levantar seu sustento; na maioria das vezes dependeu da benevolência dos irmãos.

Watchman Nee, aborda a questão do sustento de um ponto de vista bíblico, que não deve ser desprezado, apesar de que muitos de seus conceitos não se encaixam em nossa cultura Ocidental. Em seu livro *A Vida Normal da Igreja Cristã*, no capítulo 8, "A Questão das Finanças", deve ser profundamente analisada. Gosto da franqueza de Nee, quando diz: "Se um homem confia em Deus, que vá e trabalhe para ele. Se não, que fique em casa, pois lhe falta a primeira qualificação para o trabalho.

Há uma ideia predominante de que, se um obreiro tem uma renda estabelecida, ele pode ficar mais à vontade para o trabalho e, conseqüentemente fazê-lo melhor, mas, para falar com franqueza, na obra espiritual há necessidade de uma renda incerta, pois essa necessita de íntima comunhão com Deus...Deus deseja que seus obreiros recorram somente a ele em busca de recursos financeiros, e assim não deixem de andar em estreita comunhão com ele e aprendam a confiar nele continuamente...".

A posição radical de Nee é: "De quem somos nós trabalhadores? Se formos trabalhadores dos homens, então vamos aos homens em busca de sustento; se, porém somos trabalhadores de Deus, então a ninguém mais devemos dirigir-nos, senão a ele, embora ele possa satisfazer nossas necessidades por meio de nossos irmãos." Anos atrás as colocações de Nee sobre finanças levaram-me a considerar a ter uma vida de maior dependência de Deus do que dos homens, e abriram-me a perspectiva de que, mesmo sendo sustentado por uma organização, precisamos entender que a provisão vem sempre de Deus e não dos homens.

Mas nem todos concordam com Nee, especialmente aqui na cultura Ocidental. Em nossa cultura, especialmente nos Estados Unidos e Inglaterra, existe um conceito bíblico arraigado na cultura do povo de que o obreiro deve ser pago e receber salário da igreja, pelo trabalho que faz; e essa cultura espiritual dá maior flexibilidade a que obreiros levantem fundos para a obra que realizam, especialmente se não são pastores de igrejas. Nenhum pregador é despedido de uma reunião onde pregou, de mãos vazias, e é sempre abençoado pela igreja ou pela espontaneidade

dos irmãos. E creio que essa cultura Ocidental está melhor fundamentada no conceito que a Escritura apresenta sobre o sustento do obreiro.

Se tivermos que recorrer a um ensino apostólico sobre o sustento do obreiro, é a Paulo que temos de consultar, pois apresenta o assunto do sustento do obreiro de forma clara e incisiva, especialmente quando defende seu ministério diante dos irmãos da igreja de Corinto. Parece, a princípio, haver um choque de opiniões entre o ensino de Jesus e o de Paulo, mas ambos encaixam-se perfeitamente.

Jesus apresentou aos apóstolos um modelo de sustento. Ele recomenda: "Não vos provereis de ouro, nem de prata, nem de cobre nos vossos cintos, nem de alforje para o caminho, nem de duas túnicas, nem de sandálias, nem de bordão: porque digno é o trabalhador do seu alimento" (Mt 10.9-10). Mas em Lucas ele faz nova proposta: "Quando vos mandei sem bolsa; sem alforje e sem sandálias, faltou-vos porventura alguma coisa? Nada, disseram eles. Então lhes disse: Agora, porém, quem tem bolsa tome-a, como também o alforje..." (Lc 22.35-36). Se ao lado de Jesus na terra dessas coisas não precisavam, agora que ele iria morrer, deveriam usá-las!

Pelo ensino de Jesus, os apóstolos deveriam sair com o mínimo de bagagem e depender da hospitalidade e amor das pessoas. Qual a centralidade dessa recomendação de Jesus? Ele os ensina a não confiarem nem dependerem dos seus próprios recursos para fazer a obra de Deus, mas a dependerem do Senhor que os envia.

Alguns irmãos dizem: "Se eu tivesse dinheiro, investiria tudo na obra de Deus". Eis aí o engodo de Satanás! Se alguém tem dinheiro, raramente investe no reino, pois o princípio de Deus é que a obra seja feita em total dependência dele e não de nossos recursos! Os que menos têm, são os que mais fazem! Jesus está dizendo: "Vocês merecem o sustento. Eu os pagarei".

Mais tarde, no entanto, o ministério apostólico dependia, em parte, das ofertas das igrejas já estabelecidas, como veremos. Se o obreiro local deveria receber honorários dobrados, alguém deveria receber soldo simples, ou a expressão de Paulo é comparativa ao "soldo" comum daqueles dias a um trabalhador normal, pelo menos esse é o pensamento de Mathew Henry em seu

comentário bíblico. Se no início da igreja os apóstolos seguiram o ensinamento de Jesus, no decorrer dos anos, mantendo-se atento ao princípio ensinado por Jesus, os apóstolos passaram a receber contribuições das igrejas estabelecidas para seu sustento e para a fundação de novas comunidades. A igreja de Jerusalém, certamente, contribuía financeiramente com os irmãos de Antioquia e esta com as comunidades iniciadas por Paulo e Barnabé.

Além da abordagem de Jesus sobre sustento, e ele não estava implantando um modelo de sustento para a igreja, busca-se no Novo Testamento, um ensino claro e abrangente sobre o sustento do obreiro na igreja local, e o único texto que é claro e específico sobre o assunto é o de 1 Timóteo 5.17 e 18, que aparece assim na versão da Bíblia de Jerusalém: "Os presbíteros que exercem bem a presidência são dignos de dupla remuneração, sobretudo os que trabalham no ministério da palavra e na instrução". A expressão "presidem bem" é a mesma palavra grega que aparece nessa carta de Paulo a Timóteo no capítulo 3.4, "governe bem", que é *proistemi*. O texto de 1 Timóteo acima mencionado, na atualizada diz: "Devem ser considerados merecedores de dobrados honorários..." A palavra *axioo* é usada como "merecedor", "ter direito", "ser correto" e aparece em Atos 15.38 como "achava justo" (quando Paulo "não achava justo levarem aquele que se afastara desde a Panfília..."). Em Atos 28.22 aparece como "gostaríamos" ou "pensamos ser correto" e em 2 Tessalonicenses 1.11 aparece como "digno". Esses são os únicos lugares no Novo Testamento em que a palavra grega é utilizada. Já a expressão, "dobrados honorários" só aparece uma única vez no texto de 1 Timóteo.

Os irmãos de Corinto não são bem vistos no Novo Testamento como povo contribuidor. Todo ensino sobre finanças àquela igreja vem em forma de advertência, de exortação e de comparação com outras igrejas. Paulo chega a dizer: "Será que cometi algum pecado ao humilhar-me a fim de elevá-los, pregando-lhes gratuitamente o evangelho de Deus? Despojei outras igrejas, recebendo delas sustento, a fim de servi-los. Quando estive entre vocês e passei por alguma necessidade, não fui um peso para ninguém; pois os irmãos quando vieram da Macedônia, supriram aquilo de que eu necessitava. Fiz tudo para não lhes ser pesado, e continuarei a agir assim" (2 Co 11.7-9 NVI). Não consigo entender como o povo de Corinto reagia negativamente às questões

financeiras de seu apóstolo; quem sabe o Espírito Santo deixou esse registro para mostrar aos obreiros que algumas igrejas serão sempre assim!

Paulo trabalhava com suas mãos, tirava o sustento de seu próprio trabalho, para poder ensinar a Palavra àqueles irmãos! Outros, entretanto, eram ajudados por aquela igreja que se recusava a ajudar o apóstolo!

"Até agora estamos passando fome, sede e necessidade de roupas, estamos sendo tratados brutalmente, não temos residência certa e trabalhamos arduamente com nossas próprias mãos" (1 Co 4.11-12 NVI).

Em algumas ocasiões os cooperadores de Paulo trabalhavam a fim de que ele estivesse livre para pregar o evangelho. Em Corinto, Paulo uniu-se ao casal Áquila e Priscila "e, posto que eram do mesmo ofício, passou a morar com eles, e trabalhavam; pois a profissão deles era fazer tendas" (At 18.3). Eis uma das qualidades do apóstolo: saber fazer alguma coisa! Quando sai a abrir novas frentes, tem como se manter, se as circunstâncias assim o exigirem. Nesse caso, Paulo, Áquila e Priscila faziam tendas; no Sábado estavam na sinagoga e entre os judeus pregando a Palavra. Ele pára de fazer tendas quando Silas e Timóteo chegaram da Macedônia, pelo que, "Paulo se entregou totalmente à palavra, testemunhando aos judeus que o Cristo é Jesus" (At 18.5). Entende-se que seus dois discípulos passam a trabalhar em busca do sustento, enquanto Paulo se dedica à pregação.

Apesar de trabalhar para seu sustento em Corinto, noutras cidades Paulo era ajudado por ofertas de várias igrejas. Ele não radicaliza o assunto, como alguns, que acham que o obreiro deve viver de ofertas e pela fé; ou outros que acham que o obreiro deve trabalhar para se sustentar. Não, Paulo não se posiciona radicalmente a respeito, ao contrário, apesar de tantas vezes trabalhar, lança a base doutrinária para o sustento de obreiros.

Em 1 Coríntios 9 Paulo usa alguns exemplos de pessoas que são sustentadas no que fazem. São cinco exemplos por ele apresentados: o soldado, o agricultor, o pecuarista, o boi e o sacerdote.

O soldado: "Quem jamais vai à guerra à sua própria custa?" (1 Co 9.7). Paulo está usando uma linguagem compreensível na época, pois as guerras eram financiadas pela sociedade através dos impostos e dos "liturgos", pessoas ricas da sociedade que financiavam com seus próprios recursos a manutenção dos teatros, escolas e navios de guerra. Nenhum soldado vai à guerra se não tiver apoio financeiro. Ele precisa de recursos para o sustento da família e dele próprio. Ainda é assim nos dias de hoje. Ninguém se alista para uma guerra se não obtiver algum retorno mais tarde. Para poder viajar, locomover-se e lutar, ele precisa de apoio técnico e logístico. E Paulo usa o soldado como exemplo de obreiros que precisam ser financiados no seu ministério.

O agricultor: "Quem planta a vinha e não come do seu fruto?" (1 Co 9.7). A segunda figura é a do agricultor. Paulo se refere ao trabalhador rural, que trabalha e prepara a terra; faz a semeadura, cuida das plantas enquanto crescem, irriga, e tem o direito de comer do que plantou. Seu argumento é: "Se nós vos semeamos as cousas espirituais, será muito recolhermos de vós bens materiais?" (v. 11). Paulo entendia que a semeadura espiritual produz bens materiais! Outros usufruíam da lavoura, e ele não (v. 12). Assim que, aos crentes da Galácia, recomenda: "Mas aquele que está sendo instruído na palavra faça participante de todas as cousas boas aquele que o instrui" (Gl 6.6). Para Paulo o semeador tinha direito sobre o fruto da colheita. Seu ensino a Timóteo, como vimos evidencia sua preocupação com o sustento do obreiro.

O pecuarista: "Ou quem apascenta um rebanho e não se alimenta do leite do rebanho?" (1 Co 9.7). A pessoa que lida todos os dias cuidando de seus animais, vacas, cabritas, ovelhas, tem direito ao leite que elas produzem! Cada um desses exemplos mexia com a vida dos crentes de Corinto, pois entre eles havia agricultores, soldados, e criadores de animais.

O boi de canga: "Porque na lei de Moisés está escrito: "Não atarás a boca ao boi que debulha. Acaso é de bois que Deus se preocupa? Ou é, seguramente, por nós que ele o diz? Certo que é por nós que está escrito, pois o que lavra, cumpre fazê-lo com esperança; o que debulha, faça-o na esperança de receber a parte que lhe é devida" (vv. 9-10). Paulo chega a comparar o obreiro do Senhor a um boi que trabalha, seja lavrando ou rodando o moinho. Esse boi, diz Paulo, precisa ser alimentado, do contrário não conseguirá trabalhar.

Os sacerdotes: "Não sabeis vós que os que prestam serviços sagrados, do próprio templo se alimentam; e quem serve o altar, do altar tira o seu sustento?" (v. 13). Paulo ilustra a necessidade do sustento do obreiro com a figura do sacerdote que comia dos sacrifícios trazidos ao altar, uma referência aos costumes do Antigo Testamento. Os sacerdotes estavam a serviço do povo, em funções especiais.

E, concluindo, afirma: "Assim ordenou também o Senhor aos que pregam o evangelho, que vivam do evangelho" (v. 14). Ele usa um verbo muito forte: ordenou. Paulo, no entanto, não se serviu de nenhuma dessas possibilidades, mas jamais posicionou-se contra os que viviam do evangelho. Por questões pessoais, Paulo não recebia sustento da igreja de Corinto, mas o recebia de outras igrejas, conforme ele mesmo declara em Filipenses 4.18: "Recebi tudo, e tenho abundância; estou suprido, desde que Epafrodito me passou às mãos o que me veio de vossa parte, como aroma suave, como sacrifício aceitável e aprazível a Deus." Quantos de nós poderíamos dizer: "estou suprido", "de nada tenho falta"?

O obreiro na dimensão da fé

Acima de tudo, o obreiro deve aprender a viver numa dimensão de fé em todos os sentidos da vida, inclusive quanto ao seu sustento. Quero analisar com você a expressão tão comum "viver pela fé", que alguns usam para distinguir o obreiro que trabalha sem salário algum, do que é assalariado da igreja, do empregado ou daquele que trabalha por conta própria.

Alguns obreiros, por não serem remunerados pela igreja local, dizem: "vivo pela fé". Mas e os demais? O pastor que é pago pela igreja não vive pela fé? O irmão que trabalha por conta própria na sua barbearia, no salão de beleza, na banca da feira, no escritório, etc., não vive por fé? Todos vivemos pela fé! Tanto o que não tem salário algum, quanto o que é assalariado, vivemos pela fé; o dono da banca precisa vender, do contrário, não come; todos precisamos que tudo vá bem, para podermos ter nosso sustento. O dono da loja precisa vender, para que o funcionário crente receba seu salário.

Mas o obreiro, quer seja assalariado pela igreja, quer viva de prebendas ou de ofertas, deve

desenvolver uma forma de vida mais elevada que os demais: deve aprender a depender diretamente do próprio Deus. Aquilo que estabeleci no início, de que Deus chama - Deus paga, deve ser o norte que nos guia, o princípio central de nosso sustento. Jamais esqueça que não fomos contratados por homens, mas por Deus. Os obreiros contratados por homens, submetem-se aos homens, os que foram contratados por Deus, a Deus. E Deus tem critérios totalmente diferentes quanto ao sustento do obreiro. E mais: Deus paga melhor! Às vezes temos apenas o necessário para comer naquele dia, outras vezes abundância, mas nosso Senhor nunca nos deixa passar fome se estivermos em perfeita comunhão com ele. Nas Escrituras temos exemplos de como os servos de Deus eram supridos em suas necessidades das formas mais variadas.

O maná nunca faltou no deserto durante quarenta anos! E na quantidade exata para cada pessoa. Deus fazia a água brotar da rocha. Elias foi sustentado por corvos que lhe traziam carne e pão duas vezes ao dia. Quando o ribeiro secou, ele foi para a casa de uma viúva onde comeu por mais de um ano e meio! Deus é fiel! Havia tantos ricos em Israel, mas Deus cuidou de Elias na casa de uma pobre viúva! Ele, ela e seu filho foram abençoados por Deus!

Deus é fiel! Se você tem certeza de que ele o chamou, pode ter certeza de que ele o sustentará.

A lei da sementeira

O obreiro não apenas recebe, ele deve aprender a contribuir. Se você quer ser abençoado com ofertas e ser alvo da generosidade do povo de Deus, aprenda a dar. A lei da sementeira se aplica também às nossas vidas. Se contribuirmos, recebemos. A promessa de bênção ao que oferta, não é apenas para os membros da igreja, mas para os pastores e todos os obreiros. A promessa de Jesus é: "Daí, e dar-se-vos-á; boa medida, recalcada, sacudida, transbordante, generosamente vos darão..." (Lc 6.38). Muitos pastores só querem receber. Precisam aprender a contribuir!

Paulo trata da contribuição como sementeira: "Aquele que semeia pouco, pouco também ceifará; e o que semeia com fartura, com abundância também ceifará" (2 Co 9.6). É como a sementeira de um campo. A colheita será feita na proporção da semente lançada na terra. Se você

enterrar na cova três grãos de milho, terá três pés de milho. E na hora da colheita, cada pé dará pelo menos duas espigas cheias! Serão seis espigas com cerca de 100 grãos cada! Semeou três grãos, colheu 600!

Falei com um amigo engenheiro agrônomo que me disse que a agricultura moderna já desenvolveu uma espiga de milho com quatrocentos grãos, o que evidencia o quanto vale uma boa semeadura. Essa é a matemática de Deus! A matemática dos homens é somatória ou geométrica, a de Deus é incalculável. Para o homem, dois mais dois são quatro. Deus de três faz mil e duzentos!

Paulo diz que Deus sabe se você contribui com tristeza ou com alegria, "porque Deus ama a quem dá com alegria. Deus pode fazer-vos abundar em toda graça, a fim de que, tendo sempre, em tudo, ampla suficiência, superabundeis em toda boa obra. Como está escrito: Distribuiu, deu aos pobres, a sua justiça permanece para sempre" (2 Co 9.7-9). A promessa é ampla: se você contribui, Deus o prospera. Além do mais, fica registrado nos anais do céu que você contribuiu, "sua justiça permanece para sempre"!

A promessa de Deus é que a sementeira será aumentada, para que você contribua com muito mais! Se você não contribui, como quererá receber, violando o princípio bíblico? Paulo está nos exortando a contribuir, pois, segundo ele, se você não contribui não receberá; se não semeia, não colherá. E pior: terá que usar da semente que foi guardada para o sustento diário. A pior coisa na vida do agricultor era quando perdia a semente que guardara para a próxima safra, seja pela escassez de alimentos ou por pragas. A única forma de manter a sementeira intocável e ainda com possibilidades de ser multiplicada, é ofertando! E nós os obreiros devemos aprender a ofertar, e a contribuir, mais que qualquer crente. O depósito ficará intacto, a sementeira será alargada e muita gente será abençoada.

Quando você contribui, aquele que você abençoou, passará a interceder por sua vida. Eis a verdadeira corrente de bênçãos! Parafraseando o que Paulo quer dizer, o texto fica assim: "A contribuição que vocês fazem, não apenas supre a necessidade das pessoas, mas tem um resultado maior: elas passam a glorificar a Deus e encher o seu trono com ações de graças. As pessoas glorificam a Deus, e o agradecem pela obediência de vocês, e pela liberalidade de suas

contribuições, pois vocês contribuem com todos! Esses irmãos oram constantemente a Deus a favor de vocês, com grande amor, por causa da graça de Deus que há em vocês". (2 Co 9.12-14).

E por isso mesmo, através das ofertas e da liberalidade em dar, mantemos Mamom longe de nossas vidas. Muitos obreiros são presas fáceis do deus das riquezas. Mamom domina os que não são liberais em suas contribuições. A igreja que contribui e o obreiro que é liberal, literalmente amarram a Mamom e o deixam imobilizado na vida da igreja. O obreiro tem muitas oportunidades de tocar no dinheiro, com chances de pecar nessa área. No entanto, se ele aprender a contribuir começará a olhar o dinheiro com outra ótica. "O conceito fundamental do cristão em relação ao dinheiro é que Mamom está em clara oposição a Deus. Qualquer obreiro que não ficou ainda livre do poder de Mamom, não poderá ajudar ou socorrer aqueles irmãos e irmãs que estão sob sua influência" (Nee).

E Mamom está na terra. Juntamente com Satanás intromete-se na pura obra de Deus, imiscui-se entre os simples obreiros do Senhor insinuando-lhes a felicidade das riquezas e acenando-lhes com a possibilidade do sucesso. E como consegue reproduzir-se, não apenas nos obreiros, mas em toda a igreja, infundindo nos obreiros o desejo da riqueza; e na igreja inculca o anelo da grandeza! Eis Mamom, das Catedrais o chefe, ocupando os lindos campanários, ocultando-se entre o ouro dos altares! Insidioso, rico e ganancioso, sabe como ofuscar do obreiro a simplicidade, cobrindo-a com a vestidura da fama, do orgulho e da riqueza! Costumo dizer aos jovens obreiros que o toque mágico desse demônio está por trás dos grandes empreendimentos feitos em nome da Fé!

A importância do trabalho na vida do obreiro

Um jovem obreiro nunca deveria entrar diretamente no ministério, vivendo dos recursos da igreja sem antes experimentar a importância do trabalho em sua vida. Geralmente os que nunca trabalharam, quer em empresas ou nas lides diárias do campo e da cidade, não saberão valorizar a

grandeza do chamamento de Deus. Quero fazer algumas observações nesse sentido.

O trabalho disciplina o corpo e a mente. Aprendemos a ser pontuais, pois temos horários a cumprir, e a sermos sinceros nos negócios. Também o trabalho disciplina-nos o corpo, dormindo apenas o necessário, alimentando-nos corretamente e agilizando a mente, pois precisamos estar atentos a tudo o que fazemos. Quando um moço é acostumado a levantar-se cedo para o trabalho, a dormir na hora certa, ao entrar para o ministério não será relapso com seu tempo e com os horários a cumprir. Aprenderá a dormir apenas o tempo necessário e a levantar-se cedo para aproveitar bem o seu dia!

O trabalho ensina ao homem a questão da autoridade. Antes, aprendíamos sobre autoridade no lar e na escola; hoje, a autoridade não é mais vista no lar, nem ensinada ou praticada na escola, e resta-nos esperar que ainda seja entendida nas empresas, em que cada pessoa sabe de seus limites e aprende a respeitar seu chefe. Um bom ou mau patrão, ou um sócio, pode ser um caminho excelente para ensinar o serviço e a obediência. O trabalho ajuda e forjar no homem um espírito submisso, de serviço e de amor.

Através do trabalho aprendemos a valorizar a providência. Quando uma pessoa recebe seu salário no fim do mês, faz cálculos, paga suas despesas, separa o dinheiro da passagem, das refeições, e aprende a viver dentro dos limites financeiros de seu salário. A partir daí, o obreiro passa a valorizar o dinheiro de Deus; a entender que as ofertas e dízimos dos irmãos são depositados no altar de Deus como fruto de obediência; dinheiro consagrado. Se aqueles irmãos aprendem a viver com o pouco que ganham, ele também aprenderá a respeitar o pouco que os irmãos recebem! O obreiro aprenderá a valorizar o esforço do operário, do empresário, do médico e do advogado que se esforçam para ganhar o pão, e isto o conscientizará a gastar com temor os recursos do Senhor.

Todo obreiro antes de estar "tempo integral" no ministério, deveria primeiramente profissionalizar-se. Com uma profissão, o ministério apostólico é mais desafiante. Um obreiro

poderá, à semelhança de Paulo trabalhar com as próprias mãos enquanto começa uma igreja. Uma profissão hoje, é a porta de entrada em muitos países que precisam do evangelho e são fechados aos missionários. Isto também confere independência em relação aos homens e às organizações evangélicas. Um homem que não tem profissão, curva-se diante de propostas indecentes de algumas diretorias de igrejas.

Ao concluir, quero desafiá-lo a confiar em Deus em primeiro lugar, e a lembrá-lo que, o Deus que o chamou paga bem e sempre em dia! Confie nele, e nada lhe faltará. Na velhice poderá dizer como Davi: "Fui moço, e já, agora, sou velho, porém jamais vi o justo desamparado, nem a sua descendência a mendigar o pão" (Sl 37.25).

CAPÍTULO IV

CULTIVANDO UM AMBIENTE SAUDÁVEL NO LAR:

Filhos, esposa e relacionamentos familiares

O mundo todo não vale o meu lar (Dito popular)

Raro o obreiro que não enfrente o conflito interior, entre atender a igreja, a esposa, os filhos, parentes próximos e o chamamento recebido de Deus. Esse tema merece atenção especial; pois, quando resolvido, deixa o obreiro livre do fardo de sua consciência, entre obedecer as demandas do ministério e as da família. Por isso, o maior conflito reside dentro de sua própria casa. Como conciliar o ministério e a família? Alguns obreiros sobrecarregam-se ainda mais, pois têm de trabalhar para sustentar-se no ministério. Como resolver tudo isso?

Pressões

As atividades ministeriais, exercem muita pressão sobre o obreiro e sua família. Ele sofre três tipos de pressões: a pressão interior, de sua consciência; a pressão do lar e a do ministério. Por vezes o conflito é tão grande que uma das partes acaba arrebatando.

Pressionado pela congregação. A atividade ministerial pressiona o obreiro de todos os lados. Se ele dedica uma parte do dia para o estudo e a oração, e não comparece ao escritório da igreja, é chamado de preguiçoso. Se se dedica à visitação (o que acho um mau costume, herança da atividade que os padres exerciam em nossas comunidades), não estuda a Palavra. Alguns tipos de igrejas valorizam o obreiro pelo que ele faz; outras, pelo que ele é. Se nessa atividade toda o casamento não vai bem, o obreiro fica desqualificado para exercer tão importante ofício. Resultado: com problemas em casa, o obreiro encontra na igreja, a fuga para seus problemas, e nunca o contrário.

Voltando à questão das visitas, quero comentar o seguinte. Uma coisa é o pastor conhecer

onde moram os membros de sua igreja e periodicamente fazer uma refeição na casa de alguns deles. Outra, diferente, é levar os irmãos a ficarem dependentes da visita pastoral, sem a qual não haverá retorno aos cultos, isto é, os membros não vão aos cultos se o pastor não os visitar durante a semana! É preciso romper com esse mau costume. Os irmãos devem ser menos dependentes emocionalmente do pastor e assumir com maior responsabilidade sua vida de fé, de compromisso com Deus e com a igreja. Esse costume, felizmente, vem sendo quebrado pelo próprio estilo de vida do povo que foi se modificando no decorrer dos anos. Geralmente marido e mulher trabalham, tem a hora da tevê...

Pressionado pela consciência. Nosso trabalho é completamente diferente de um empregado ou de um executivo. Esses retornam para casa depois de seu expediente; nós, passamos o dia atendendo pessoas e os compromissos do ministério e, ao invés de retornarmos ao lar, continuamos para o culto da noite.

Vejo como isso pesa no ministério de alguns jovens que exercem o ministério pastoral, e com quem me hospedo em frequentes viagens. Eles passam todo o dia atendendo compromissos da igreja e nem retornam à casa. Quando retornam, tarde da noite, a esposa e os filhos já estão dormindo. Domingo, quando poderiam dormir até mais tarde, têm de se levantar cedo para as atividades da igreja. É um círculo vicioso. Se tiram a Segunda-feira como dia de descanso, perdem a convivência com os filhos que passam o dia na escola, em diferentes atividades. Ele tem tanto trabalho que precisaria das vinte e quatro horas para realizar tudo o que tem de fazer. Visitar, estudar, meditar, interferir, orar, aconselhar, administrar...trabalho para o super-homem! Resultado: Serve à casa, à denominação, à sua instituição e não ao Senhor!

Pressionado pelos princípios bíblicos. Além das pressões acima tem sobre si a pressão bíblica. Afinal, não diz a Bíblia que o que segue a Jesus deve aborrecer pai, mãe e filhos por amor do Senhor? E por não resolverem essa questão teológica, abandonam os pais, os parentes mais próximos e sacrificam toda a família, como o obreiro famoso que visitou nossa igreja no meu tempo de jovem que, estufando o peito, falou: "Um dia desses meu filho perguntou à minha esposa: mãe, quem é esse tio?" Ele se orgulhava de passar três meses em casa durante o ano! Anos depois vi em que deu sua "entrega" a Deus! Já estava casado com uma terceira esposa!

Como encontrar a solução?

Ser **pressionado pela congregação**, pela consciência e pelos princípios bíblicos, requer do obreiro que encontre o ponto de equilíbrio. No primeiro tipo de pressão, o obreiro deve aprender a liberar-se das pressões da congregação, daquilo que o povo diz a seu respeito. Eis aqui a armadilha em que muitos caem, em que nós, obreiros mais experientes também caímos tantas vezes, não raro, em busca da autoafirmação ministerial, levamos demasiadamente em conta o que os irmãos dizem e pensam a nosso respeito. No decorrer dos anos, descobrimos que, o que o povo pensa, nem sempre "concorre" com a verdade, e com o que Deus pensa de nós.

Esse foi um dos pecados de Saul. Pressionado pelo povo e querendo provar ao povo que era verdadeiramente o homem escolhido por Deus, caiu na armadilha. Que armadilha é essa? A de fazer o que o povo quer e não o que Deus manda! Num dos episódios Saul deveria esperar por Samuel para o sacrifício ao Senhor, mas depois de sete dias, prazo estipulado por Samuel, decidiu, ele mesmo, oferecer o sacrifício. Como desculpou-se a Samuel? "Vendo que o povo se ia espalhando daqui, e que tu não vinhas nos dias aprazados..." (1 Sm 13.11). Ele sentiu a pressão do povo sobre ele, e errou em sua decisão. Noutra ocasião, não destruiu totalmente os amalequitas pela pressão popular. Colocou a culpa no povo e pediu a Samuel que o honrasse diante dos anciãos de Israel: "Pequei, pois transgredi o mandamento do Senhor e as tuas palavras; porque temi o povo, e dei ouvidos à sua voz...honra-me, porém, agora diante dos anciãos do meu povo, e diante de Israel..." (1 Sm 15.15,30). O problema do pastor é esse medo do povo!

O povo muda de ideia como o vento de direção, e nunca estará satisfeito por melhor que seja o pastor. Nesse sentido, o obreiro deve ser firme com o propósito de Deus e conduzir o rebanho como Deus quer e não como o povo exige. A expressão "voz do povo, voz de Deus" não encontra fundamento absoluto nas Escrituras!

Vícios congregacionais. Algumas igrejas mais parecem clubes em que a diretoria, que é o poder legislativo, decide o que o executivo (o pastor) deve fazer. São igrejas que operam na ordem inversa dos princípios bíblicos do Novo Testamento. O pastor é o homem de Deus colocado pelo próprio Deus sobre o rebanho; e quem coloca ou tira o líder da direção da igreja é Deus. Esse vício

congregacional só é extirpado através de liderança plural, em que a igreja é liderada por mais de um pastor, respeitando-se alguns princípios bíblicos de liderança plural. As "igrejas clubes", aparentemente funcionam muito bem, mas não cumprem com o propósito de Deus que é o de trazer o governo de Deus sobre a terra. Deus governa através dos homens por ele levantados na igreja. Não existe uma forma democrática, populista ou teocrática explícita no Novo Testamento; mas, existe uma forma de governo espiritual vivida e compreendida por aqueles que têm revelação de Deus sobre a igreja.

Pressionado pela consciência, também requer solução! A igreja precisa entender que o pastor é um elemento atípico, isto é, não se enquadra em classe empregatícia alguma. O pastor, diferentemente de um membro da igreja, dorme sempre muito tarde, seus horários são diferentes, e ele deve ter liberdade de administrar o seu tempo e não se submeter à pressão dos membros da igreja. Se seu ministério requer longos períodos da noite, deve dormir até mais tarde pela manhã, ou a tarde.

Cresci numa denominação em que falar em férias parecia um dos sete pecados capitais. Quando tirava férias, era para pregar em alguma outra cidade. Depois, fiz os cálculos e descobri que teria apenas um determinado número de férias durante toda a vida.

Ensine sua igreja sobre a importância da família, dos filhos e exija de seus obreiros que gastem tempo com suas esposas e filhos. Planeje saídas com os obreiros e suas esposas, e leve-os a valorizar o tempo da família. Seus obreiros serão seus maiores defensores e saberão respeitar seu horário de trabalho!

Talvez esse conflito, esse paradoxo entre servir a Deus e a família, sem ser relapso com Deus, nem prejudicar a família, precise ser resolvido pessoalmente por cada obreiro. O obreiro deve ter em mente que, se não sabe governar bem a sua própria casa, também não saberá governar a igreja de Deus!

A pressão dos princípios bíblicos, não deixa de ser também um conflito **da consciência**, que também precisa ser administrado. Nós, os pastores vivemos premidos pela consciência,

especialmente quando somos obrigados a viver de maneira completamente diferente dos membros da igreja. A igreja evangélica não se viu livre do espírito de pobreza preconizado na teologia católica de que o líder deve viver de prebendas, da bondade dos fiéis; não apenas o líder, mas também o povo.

A teologia de Roma insinua que a pobreza é relevante para a salvação, é importante para se alcançar o céu; porém, a instituição romana é a mais rica organização de toda a face da terra!

Esse espírito de miséria pressiona a consciência do obreiro. Se tiver algo funcional dentro de casa, ficará exposto ao espírito crítico de sua congregação. Portanto, evite morar em casa pastoral em fundos de templo ou em anexos, se possível, leve sua família para residir a uma distância segura do templo. Três quilômetros de distância já é uma boa margem de segurança! É bem melhor!

A pressão da consciência também perturba o líder e sua esposa, especialmente quando elas são obrigadas a desenvolverem um ministério lado a lado com seu marido, sem receber nenhuma remuneração para isso. Existe o conceito errado de que a esposa do pastor deve liderar o ensino de crianças na igreja, cuidar do coral, das reuniões de senhoras, reuniões do círculo de oração das mulheres e ser presidente da assistência social da igreja. Todavia, ela tem os filhos para cuidar, treinar, disciplinar, tem o marido que precisa de cuidados e precisa estar sempre bem arrumada para não ser confundida com a servente de limpeza, etc. E tudo isso sem receber ajuda financeira alguma! Eis porque muitas esposas recorrem a tratamento da psique e não poucas precisam de internamento hospitalar. Nesses últimos tempos percebo um agravamento do problema; esposas atentando contra a própria vida, outras vivendo sob constantes enfermidades, fruto dessa pressão congregacional, e outras tantas depressivas, insatisfeitas e revoltadas!

Essa pressão das Escrituras tem feito com que muitos obreiros se distanciem de seus parentes mais chegados, como pais, sogros e demais familiares. Ele é levado a viver totalmente contrário à realidade da vida, e confunde o chamado com discipulado e o chamamento ministerial como sinônimo de rompimento das relações familiares. O que queria dizer Jesus em Lucas 14.26? "Se alguém vem a mim, e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs, e ainda a sua própria vida, não pode ser meu discípulo". Este é o chamado ao discipulado em que

temos que optar entre a família e os relacionamentos familiares e Jesus. Mas, e quando toda a família se converte e paga o preço do discipulado?

Ao tratar da vida da igreja e do chamamento ministerial, Paulo usa um segundo critério para administrar os relacionamentos: "Pois se alguém não sabe governar a própria casa, como cuidará da igreja de Deus?" (1 Tm 3.5). E que fazer com textos como: "Honra a teu pai e a tua mãe (que é o primeiro mandamento com promessa), para que te vá bem, e sejas de longa vida sobre a terra" (Ef 6.2-3)? Existem situações em que o obreiro deve abdicar de determinado ministério para poder cuidar do pai e da mãe quando idosos, e não jogá-los para morrer em qualquer lugar! E se no ministério você puder cuidar dos seus "velhos", a promessa de longos dias de vida prometidos por Deus estarão ao seu alcance!

Viagens

Além do ministério na igreja local, que inclui uma agenda carregada, e da vida em família, que requer dele atenção especial, ele se vê obrigado a dividir seu precioso tempo com as frequentes viagens. São convenções, retiros, reuniões de comissões, conferências em que é convidado a pregar. Quando isso ocorre, acumulam-se as atividades da igreja e na outra ponta, quem sofre é a família!

Onde está a solução? Deve-se buscar um entendimento com os outros pastores da igreja, se há ministério plural, no sentido de dedicar à família um dia, por cada semana ausente. Se ficar quinze dias viajando, pelo menos dois dias inteiros dedicados à esposa e aos filhos. Costumo dizer aos jovens obreiros que a igreja continua, e nós nos vamos! Uma outra maneira de suprir a ausência em viagens, é levar a esposa e, quem sabe, os filhos em algumas delas. Premido pela agenda, certa ocasião uma igreja pagou as despesas de avião para que minha esposa e os dois filhos estivessem três dias comigo naquela cidade. Quando algum compromisso coincidia com a época de férias das crianças, procurávamos unir a conferência nas igrejas, buscando um lugar, para descansarmos alguns dias depois. Geralmente essa provisão deve ser feita pela igreja hospedeira. Faz parte da honra, assunto que abordo nesse livro. Os filhos, mesmo pequenos, tornam-se parte integrante do ministério do pai!

A esposa deveria participar, todos os anos, de algum retiro ou conferência em que seu esposo irá assistir ou ministrar.

Horários

O primeiro conflito é com o horário das refeições. Quantas vezes, toda a arte de cozinhar é prejudicada pela imp pontualidade do marido no almoço! Quando chega em casa, tudo está frio. O obreiro trabalha com pessoas; e essas não são objetos; reclamam se não forem bem atendidas. É difícil sinalizar à pessoa que o aconselhamento chegou ao fim.

O pastor, chefe de família, deveria estar presente, todos os dias, em alguma refeição da família, especialmente quando os filhos são ainda pequenos, e não estão às voltas com cursos extra curriculares na escola, etc.

Imagine o que acontece com a vida de um pastor numa cidade grande. Ele tem filhos adolescentes, e todos integrados na vida da igreja. Durante a semana, raramente vem à casa para almoçar. Seus filhos, chegam da escola, almoçam e saem para algum curso de inglês, prática de esportes, etc. À noite, o pastor está atendendo algum tipo de reunião da igreja, seja culto, comissões, discipulado, reuniões administrativas, sei lá o quê! Quando retorna, os filhos estão dormindo, ou se estudam à noite, ainda não chegaram em casa. Ele tem esperança de que, no sábado pela manhã verá todos os filhos, mas esses têm outras atividades, na escola e na igreja. Ensaios e mais ensaios. O grupo de teatro, a aula de música, o ensaio do grupo musical, etc. Ele, o pastor, sai com a esposa para as compras de fim de semana. Os filhos almoçam num shopping qualquer da cidade. À noite, reunião de jovens; ele, o pastor, dando os últimos retoques

no sermão dominical.

Vem o domingo. E o domingo cai como véu de escuridão sobre a família do pastor. Escola dominical. Lá se vão todos, resmungando. Ali pelas onze horas, todos estão bem despertados. Os adolescentes esqueceram que tiveram uma noite de pouco sono, e falam aos pais que irão almoçar na casa de uns amigos da igreja. Lá se vão os filhos. Ah! dizem, depois temos reunião disso ou

daquilo. Só irão se reencontrar com os pais no culto da noite. E quando o culto termina e chega a hora de voltar para casa, todos estão cansados; tiveram que esperar pelo pai, o último a sair do templo!

E essa rotina se repete a cada semana! Que tipo de lar e de relações familiares podem surgir num ambiente assim? Filhos e pais já não se conhecem mais!

Finanças

Eis um problema sério na vida da maioria dos pastores! Com raríssimas exceções o obreiro não é honrado financeiramente por sua igreja. Persiste, na maioria das igrejas, a velha ideia de que o pastor deve ser pobre; que deve viver de forma franciscana, com poucos recursos. Seu salário nunca é estipulado em termos de "suficiente", mas em quantos salários mínimos deve ganhar! Salário mínimo é referencial do governo dos homens, não do governo de Deus. Uma esposa indagou: "Já que sofremos a privação de nosso marido e pai de nossos filhos, por que não temos, pelo menos o dinheiro suficiente para viver como as demais famílias? Todo nosso sacrifício é para viver sempre com necessidades, problemas na igreja, incompreensão, até que nos mandem embora daqui e vamos a outra cidade sem saber o que nos aguarda?" O pastor vive o dilema dos dois extremos: riqueza e pobreza!

Onde está a solução? Priorizar o pastor e não a instituição. A igreja não deve ser administrada como uma empresa (perdoem-me os amigos americanos!), mas como organismo vivo, um corpo. E nesse corpo há uma família, um pastor casado, pai de vários filhos! Algumas igrejas funcionam como empresas multinacionais: sugam o funcionário e depois o dispensam! A maioria das denominações, entretanto, colocam em primeiro lugar a instituição. Todo o dinheiro arrecadado, tudo o que é feito, visa engrandecer a denominação ou a igreja da localidade.

Fui chamado a ajudar uma pequena igreja em determinada cidade. Os líderes queriam que eu lhes indicasse um pastor, e com eles me reuni para tratar de vários aspectos, inclusive, a questão financeira. Percebi que todo o dinheiro era usado, primeiro, para pagar as despesas de aluguel,

telefone, luz, água, etc. E fizeram o cálculo do salário do pastor tendo como base o saldo financeiro. Estavam totalmente errados. Primeiro o sagrado pagamento do pastor, depois as demais despesas. Ofertas extras devem ser levantadas para suprir as demais necessidades, nunca para o sustento do obreiro.

Essa falta de visão tem que ser corrigida pelas igrejas. A tesouraria deve estar na mão de gente espiritual, de pessoas de fé, que também aprendem a buscar em Deus os recursos para a igreja. Nunca na mão de funcionários de banco! Nosso planejamento financeiro toma como base o que pode entrar, sem descuidar de que o Senhor Jesus é o dono da igreja e que ele dispõe de recursos para os passos de fé de seu povo. Na matemática de Deus, dois mais dois são cinco, dez, vinte, etc. Na dos homens, é apenas quatro!

Por outro lado, o pastor é o responsável, como qualquer ser humano, de prover o sustento para os seus, senão, fica enquadrado entre os "infiéis". Se o que recebe não é o suficiente para o sustento de sua família, para a aquisição de alguns bens pessoais e para o lar, deve procurar algum tipo de trabalho. Você perguntará: mas e a fé? Esse obreiro não tem fé! Ter fé entre um povo sem fé, é a coisa mais difícil para um pastor. Jamais devemos esquecer que o trabalhador comum, aquele que está na fábrica, no escritório, vendendo de cidade em cidade, precisa também ter fé de que receberá o pagamento de seu salário. Essa questão de fé, portanto, não é assunto apenas para o pastor, mas para toda a igreja.

Visão e espiritualidade

O marido, muitas vezes, alcança um grau de espiritualidade que não é correspondido nem acompanhado pela esposa. Ele tem uma visão da obra, da vida da igreja, do que quer para o povo, enquanto ela está totalmente alienada de seu projeto. Falta diálogo entre ambos. Consequentemente a esposa se torna pouco espiritual, incompreensiva, rígida com os demais a quem o esposo deve mostrar amor e tolerância. Tendo que cuidar da casa e de algumas atividades da igreja - persiste a ideia errada de que a esposa do pastor é a primeira dama que assume

automaticamente a presidência disso e daquilo, do coral, etc. - e ela passa ter calos espirituais. Seu muito trabalho não lhe dá tempo para orar, ler as Escrituras, estar nos retiros espirituais e congressos, e mesmo assim sente-se obrigada a falar de Cristo e a consolar espiritualmente todos os que entram em sua casa. Ela tem um vocabulário espiritual, sem a vida espiritual. O pior ainda é quando sua falta de espiritualidade advém do fato de conhecer tão intimamente o seu marido e saber que ele não vive o que prega.

Encontrando soluções

Comecemos pela comunicação. O pastor deve partilhar com sua esposa de seus pensamentos, planos e projetos e, na medida do possível deixá-la a par do rumo espiritual da igreja. O que se vê, geralmente, são esposas cinco anos atrasadas em relação ao marido, desinformadas e alienadas dos assuntos espirituais da igreja. Uma outra coisa que devem fazer é tirar um tempo de férias sem os filhos; ir à algum retiro de casais, de obreiros, e gastarem o tempo necessário trocando ideias. Viajar de carro, apenas os dois a conferências, é uma boa escolha. Eles têm tempo para conversar no automóvel, no restaurante e no hotel.

Todos os assuntos podem ser colocados em dia. Muitas vezes o pastor está tão ocupado e a esposa se sente tão afastada dele, que ocorre-lhe a ideia de marcar uma hora no gabinete com seu marido. Minha esposa costumava fazer esse tipo de brincadeira comigo, sugerindo: "Reserve uma hora na sua agenda para conversarmos".

Descanso pastoral. Além do descanso com a família, isto é, do tempo necessário para estar com a esposa e filhos, o pastor precisa de um tempo seu em que poderá caminhar, exercitar-se, praticar algum esporte, descansar sozinho em algum lugar, meditar, etc. Algumas igrejas têm trabalho de domingo a domingo- todos os dias e todas as noites. Ora, é possível que uma igreja trabalhe dessa forma, mas não com um só pastor; neste caso, a igreja precisa de uma equipe de vários pastores, além de outros líderes para que ele tenha uma ou duas noites de folga - tempo para a noite da família e o tempo com a esposa.

Eis porque muitos pastores, ainda jovens, estão às voltas com problemas do estresse pastoral, controlando o colesterol, o triglicérido, tudo porque não praticam esporte algum! Os

obreiros de antigamente não tinham tais problemas, pois andavam a cavalo, à pé ou de bicicleta. As longas caminhadas solucionavam os problemas de saúde, diferentemente de hoje, quando nos locomovemos para todos os lugares de automóvel. Se Elias vivesse em nossos dias, receio que não poderia correr e caminhar quarenta dias e quarenta noites. Não teria condições físicas e teria que fazer o trajeto de automóvel ou de avião!

Hóspedes. Muitos! É ela que atende a todos e precisa buscar todo dia o milagre da multiplicação fazendo o dinheiro esticar e o suprimento multiplicar-se! Parece que todos os hóspedes tem um só rumo: a casa do pastor!

Vejamos algumas soluções possíveis.

Hóspedes a convite da igreja. É claro que um conferencista quer estar perto do pastor, dispor de tempo para conversar, e o melhor lugar é a casa do pastor. Mas, existem hóspedes casuais que já tomam de seu tempo, assim, nada melhor do que a igreja fazer-lhe provisões de hospedagem, seja na casa de outra pessoa, em hotel ou no próprio prédio da igreja. Algumas costumam manter um apartamento mobiliado, seja no prédio da igreja ou na cidade, onde o conferencista pode ficar bem hospedado, e sentir-se em casa.

O segundo tipo de hóspedes são os casuais, aqueles que estão apenas de passagem. Nesse caso, deve haver uma interação entre o pastor e os demais irmãos da igreja para que esses sejam também acomodados.

Os obreiros, especialmente, deveriam treinar e orientar os irmãos a não saírem vagando pelo país ou em férias na casa de irmãos. Temos que implantar uma nova cultura evangélica em que os irmãos aprendam a tirar férias sem incomodar a vida do pastor e da igreja. Muitos obreiros, também, saem a esmo, buscando pregar aqui e ali. Os verdadeiros servos de Deus estão muito ocupados para andarem perambulando à cata de igrejas para pregar!

Hóspedes da família. Os pastores costumam receber hóspedes que fazem parte de sua própria família: parentes, pais, sogros, irmãos de sangue, etc. Portanto, é deles a responsabilidade

de hospedagem, e a igreja o sabe muito bem! Nesse caso, seria bom aprender com os povos do Oriente. Os beduínos, no Oriente Médio, são muito hospitaleiros, a exemplo do que encontramos nas Escrituras. Um viajante ou forasteiro era motivo de satisfação, trazia notícias do mundo e deixava o beduíno a par dos acontecimentos. Esses, no entanto, eram cuidadosos no trato com seus hóspedes. A forma como o hospedeiro cozinhava ou preparava a refeição indicava ao hóspede se era bem-vindo ou não. Por exemplo, se o visitante recebesse uma xícara de chá com pouco ou quase nada, era bem-vindo, um indicativo de que teriam todo o tempo do mundo para bebericar e conversar. Se a xícara estivesse cheia, transbordando, a mensagem era: "Tome seu chá e dê o fora!". Hóspede que não é bem-vindo, dorme na sala...

Esposa invejosa

O pastor ministra a pessoas, não a objetos. Se trabalhasse numa fábrica, lidando com uma máquina, sem falar o dia todo, por certo chegaria em casa com uma vontade insaciável de conversar. No entanto, passa todo o dia falando, seja ao telefone, com outros colegas, aconselhando, orando, ministrando, pregando... e quando chega em casa não lhe apetece falar. Resultado: a esposa se ressentida com tudo isso. Além do mais, 80% das pessoas que o procuram são mulheres e a queixa principal das esposas é que seus maridos são mais corteses com as outras mulheres do que com elas. Agregue-se o fato de que as mulheres que o procuram para aconselhamento vêem no pastor o homem ideal com quem gostariam de casar, compreensivo, atento, cordial, romântico... que elas não têm em casa!

Nesse caso, busque-se uma solução, começando pelo diálogo entre o casal. A esposa do pastor não pode ser mulher ciumenta; ou confia no marido que Deus lhe deu, ou jamais deveria haver casado. Muitos ministérios não prosperaram e muitas igrejas enfrentaram problemas com esposas de pastores ciumentas.

Uma das soluções é que o aconselhamento seja feito junto com a esposa. Descobri que a presença de minha esposa no aconselhamento de mulheres, afastava, automaticamente, aquelas que procuravam o pastor com más intenções. Nem sempre uma mulher busca aconselhamento com

intenções levianas; ela pode ser sincera naquilo que busca, mas no decorrer do tempo, a semente do pecado germina, e ambos podem se envolver emocionalmente. Às vezes aconselhava uma ou duas vezes sozinho, mas logo que trazia a esposa, notava que elas se ausentavam. Muitos problemas foram evitados com a presença de minha esposa. Muitas mulheres fizeram tentativas de sedução, mas ali estava a presença de minha esposa, observando e dando-me "cobertura". As mulheres, em geral, possuem um sentido apurado e podem avisar seus esposos do perigo iminente.

Outra solução é formar uma equipe de mulheres que aconselhem mulheres. O pastor, obviamente, se encarrega da supervisão e, sempre que necessário estará presente para ajudar na solução de problemas. Na maioria das vezes as pessoas quem mesmo é o pastor; neste caso, ele faz o primeiro atendimento, e depois chama à sua sala alguns de seus auxiliares, homens ou mulheres que se encarregarão de fazer o acompanhamento. Isso livra o pastor do estresse pastoral, proporciona aos demais líderes que cresçam na área de aconselhamento e distribui responsabilidades a todos os demais.

CAPÍTULO V

A DISCIPLINA DO ESTUDO E DA ORAÇÃO

Quando você ora, os céus já estão abertos. Se você tiver que esperar os céus se abrirem, alguma coisa está errada. (Smith Wigglesworth)

Depois de anos de ministério, descobri que temos a tendência de gastar mais tempo no estudo da Palavra, na pesquisa e preparação de sermões do que na oração. Levamos oito horas preparando um sermão e oramos dez minutos. O sermão, pode parecer bem estruturado, homilética e exegeticamente correto, mas atingirá apenas o intelecto dos ouvintes, quando deveria penetrar no mais profundo de seus corações. A oração é o azeite que unge a mensagem e a leva ao espírito do homem.

Especialmente porque minha geração foi influenciada pela pregação clássica, em que procurávamos nos alinhar a alguém conhecido como "príncipe dos pregadores", fosse esse de nossa denominação ou de outra; queríamos ser um Spurgeon, um Wesley ou um Billy Graham da vida. Adquirimos uma idéia de que os grandes pregadores devem se esmerar no discurso e na oratória greco-romana. Exatamente o que diz Haddon Robinson, em seu livro *Biblical Sermons*:

No passado, o estudo da forma foi essencial a um entendimento apropriado do texto escriturístico, e o estilo raramente contribuía, para o formato do sermão. Os pregadores pensavam que a tradição retórica, aquele estilo empolado e retumbante, tão fortemente usado pelos gregos e romanos foi transmitida no Monte Sinai, ou foi inventada pelos apóstolos, quando na realidade era o estilo ensinado por Aristóteles. Podemos assegurar que não existe uma forma padronizada para que os sermões sejam inspirados. Fred Craddock fala sobre isso, quando diz: "Ainda que a retórica (dos gregos) dominasse o campo homilético por séculos, nem mesmo aquele padrão de apresentação oral pode ser justificado, nem considerado *como* modelo de sermão. É o caso dos sermões atuais que são definidos muito mais pelo conteúdo e propósito, do que pela forma."

Jovens recém formados têm a tendência de imitar seus mestres, o que é normal, mas nunca procuram adquirir seu próprio estilo e método de pregação, e dependendo da escola homilética a que foram submetidos, pregam de forma empolgante, discursiva como os pregadores nos quais se inspiraram. O que Robinson quer dizer é que o estilo greco-romano de retórica não foi uma revelação dada por Deus para comunicar seu evangelho, mas um estilo predominante no tempo do Novo Testamento no qual os apóstolos estavam inseridos.

Como nossa tendência é a de imitarmos os pregadores, seus gestos, entonação de voz e estilo, aprimoramo-nos na arte de pregar e esquecemos que o sucesso dos pregadores que admirávamos estava na vida de oração e na intimidade com Deus. Mas o estudo da Palavra e a vida de oração deveriam ser como gêmeos siameses que, mesmo tendo corpos diferentes, estão grudados pelo ventre.

Mas por que temos a tendência de nos esmerar nos sermões e de gastar pouco tempo na oração? Porque o sermão trabalha com o intelecto e com a emoção, enquanto a oração trabalha apenas com o coração. O estudo agrada o intelecto, a oração agrada a Deus. A eficácia de um sermão ou seus resultados na vida do povo só se fazem sentir através da vida de oração do pregador. O povo sente quando um sermão é bem azeitado na meditação e na oração, e se ressentido quando a mensagem é bonita, cultural e intelectualmente apelativa, porque penetra-lhe o intelecto sem trazer benefícios ao espírito. Certos pregadores apresentam mensagens só alcançadas pelas girafas; esquecem que estão dando "pasto" às ovelhas. Lembre-se: Estamos apascentando ovelhas; não girafas. Nossa mensagem deve estar onde todos possam alcançar para comer.

Por que a oração é importante? Porque coloca o pregador frente a frente com Deus, fonte inesgotável de mensagens. A inspiração vem de Deus, ele coloca em nossos corações os mais palpitantes temas para serem comunicados ao povo. Quando um pregador busca apenas em livros, inspiração para pregações, alimenta seu intelecto com informações, sua alma se satisfaz com os assuntos que podem ser tratados, mas quando associa tudo isso à vida de oração, a inspiração do céu o leva a pregar o que Deus quer que pregue e não o que ele havia planejado pregar. Se lermos

e estudarmos bastante, poderemos depender da inspiração do Espírito Santo, já que ele toma dos recursos aprendidos para ensinar o povo.

A Vida Interior do Obreiro

Um pastor comprometido em ensinar e demonstrar as verdades da fé, em espalhar o conhecimento de Deus, comprometido com as almas de pessoas que o buscam para aconselhamento, que trata de problemas de transcendental importância, deveria saber que deve viver acima da mediocridade, viver acima dos demais, em fé e exemplo.

O obreiro, mais que qualquer outra pessoa, precisa aprender constantemente a ter hábitos saudáveis, e a ver as coisas sob a luz divina.

"Aquilo que você é e o seu relacionamento com Deus, afetarão a vida das pessoas ao seu redor, seus ouvintes, aqueles com os quais você ora e a quem você ministra a ceia do Senhor." E o que somos depende, em muito, de nossa vida secreta de oração; daqueles momentos íntimos em que a alma se derrama diante de Deus. Estou certo de que nossa qualidade de vida é que contagiará os demais crentes; as pessoas irão "agarrar" o que você tem recebido de Deus.

Nossa tendência, entretanto, é de nos envolvermos de corpo e alma na obra. Depois, já não sobra muito tempo para Deus. France Fangispane conta em um de seus artigos a decisão que tomara em separar as manhãs para oração e meditação na Palavra. Só atendia as pessoas após o meio-dia. Com o crescimento da igreja, passou a dedicar cada vez menos tempo à oração e ao estudo, começando seu atendimento de gabinete já no meio da manhã.

Certo dia, uma pessoa ligou para ele de outra parte do país, e deu-lhe a seguinte mensagem: France, eu estava orando, e Deus lhe mandou o seguinte recado: "Diga ao France que estou com saudades dele!"

Qual a solução? O equilíbrio entre o ser e o fazer. Entre o tempo de intimidade com Deus em nossos devocionais e o tempo de trabalho com o povo. O desequilíbrio tem sido a tônica da vida pastoral. Senão vejamos: temos que ter tempo para Deus; tempo para a esposa e filhos; tempo para o povo; tempo para nós mesmos... Alguns místicos dedicavam-se tão fervorosamente à vida de comunhão com Deus que se esqueciam do povo. O contrário também acontece. Além do mais precisamos nos disciplinar na questão do tempo. Assunto que veremos neste livro.

Davi orava com fervor: "Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração: prova-me Senhor e conhece os meus pensamentos; vê se há em mim algum caminho mau, e guia-me pelo caminho eterno" (Sl 139.23-24). Os místicos sabiam que alguns tipos de reflexão podem ser prejudicial e induzir um certo senso de culpa no homem; referiam-se, obviamente à reflexão voltada para dentro, carregada com senso de culpa. Quando refletimos olhando para o Senhor, é a luz dele que ilumina o nosso interior. Por isso Davi se examinava a si mesmo sob a luz do Senhor e não de seus próprios conceitos. Quando nos examinamos sem a luz de Deus, nada vemos de bom em nós; quando é o Senhor quem nos examina, sua luz revela o nosso interior e, a mesma luz que revela, convence-nos da culpa e nos põe no caminho da santificação.

Oração. A vida de oração e de meditação do pastor tem sido comentada por muitos escritores, e há ótimos livros sobre oração, publicados por nossas editoras, que deveriam fazer parte da leitura de cabeceira dos líderes. O francês Andre Seves, em *Trinta Minutos com Deus*, diz que "a oração é uma espécie de aposta que fazemos em favor de um modo de vida: viver tudo com Deus...desde o momento em que experimentamos essa vida juntos, a aposta está ganha!".

Nós, os pastores, nos acostumamos a fazer pseudo-orações, incorrendo na condenação de Jesus Cristo a esse tipo de oração: "E, orando não useis de vãs repetições, como os gentios, porque presumem que pelo seu muito falar serão ouvidos" (Mt 6.7). Você já parou para ouvir a oração de alguns de seus colegas pastores? Orações repetitivas, feitas do mesmo jeito com as mesmas palavras dia após dia. Observe as orações que os pastores fazem nas convenções de suas denominações, em seus encontros, e perceberá que adaptaram-se a uma forma repetitiva de

oração. Fazemos orações que não são orações, são mera expressões de nossa carnalidade, um palavreado e um palrar nos quais nem cremos!

Esta disciplina da vida cristã tem que ser mantida. Aqui reside nossa fonte de recursos. Aqui reside a essência de nossa espiritualidade. Precisamos aprender a manter uma vida disciplinada de oração e de comunhão íntima com Deus! E não estou me referindo a oração de intercessão, aos momentos de intensa busca na presença de Deus a favor dos demais, refiro-me, isto sim, aos momentos de íntima relação com Deus, àquela comunhão entre Deus e o homem em que os dois não se deixam interferir por nada nesse mundo. E a igreja sente que alguma coisa boa ou ruim anda acontecendo na vida do obreiro. Ela colhe os reflexos da íntima comunhão de seu líder com Deus e sofre as consequências quando ele deixa de orar e de vigiar diante do Pai.

"Nunca somos mais parecidos com o Senhor Jesus Cristo do que quando intercedemos por outros, porque é isso que ele está fazendo nos céus hoje (Hb 7.24,25)"

Duas opções

Diante de nós, duas opções são-nos apresentadas. Ou aprendemos a ter uma vida interior com Deus espontaneamente, ou Deus nos atrairá por outros meios. O primeiro meio, como disse, é o da espontaneidade, a voluntariedade do coração em se dedicar a uma vida íntima com Deus, obedecendo passo a passo a Palavra de Deus e seguindo a senda em que somos chamados a trilhar. A essência de nosso chamamento é termos comunhão com Deus. Na realidade, o chamamento para o ministério pastoral ocorreu num desses momentos de íntima comunhão quando você, unido ao Pai, entendeu o seu grande propósito e deu o primeiro passo.

Deus nos chama a uma comunhão mais profunda com ele, por isso, quando não o buscamos voluntariamente, ele pode usar de artifícios que nos fazem chorar, como tribulações, enfermidades e perseguições. Esse é o segundo modo. O livro de Jó alude a esse tema. Deus fala com o homem enquanto este dorme, em visão ou em sonhos, mas também fala com ele através

da enfermidade. "Deus fala de um modo, sim de dois modos, mas o homem não atenta para isso" (Jó 33.14). O primeiro modo, diz Eliú a Jó é "em sonho ou em visão de noite...então lhe abre os ouvidos e sela a sua instrução" (v. 15). O segundo modo é quando "no seu leito é castigado com dores, com incessante contenda nos seus ossos" (v. 19).

E parece ser essa a opção preferida de muitos de nós. A voluntariedade seria menos dolorosa; já a obrigatoriedade nos leva a Deus por intermédio da dor e do sofrimento. Não seria melhor escolhermos a primeira opção? No entanto, a segunda é a mais utilizada pelos pastores. Jacó parece haver escolhido essa opção. Para ter uma vida interior de perfeita comunhão com Deus, levou a vida toda sendo transformado por Deus.

CAPÍTULO VI

APRENDENDO A CONVIVER COM A FAMA

Procure conservar o coração em paz, que nenhum sucesso o desassossegue; olhe que tudo há de acabar. (João da Cruz)

Santo Agostinho disse: "É certo, que assim como os amigos adulando nos pervertem, assim muitas vezes os inimigos injuriando nos corrigem". Um outro místico disse: "Os mestres espirituais advertem que Deus, às vezes, deixa nos maiores santos alguns defeitos, dos quais, por maiores esforços que façam, não conseguem deles desvencilhar-se, a fim de que sintam sua própria fraqueza e para que entendam o que aconteceria com eles sem a graça de Deus..."

Se você é servo fiel de Deus, prepare-se! Todo obreiro fiel sobe o pedestal da fama; a fama pode se restringir ao bairro, à cidade, ao estado, dentro do círculo denominacional, na nação e fora dela. Num grau menor ou maior todos nos destacamos por alguma coisa útil que fazemos! Todavia, alguns chegam lá, cercados de amigos e inimigos por todos os lados.

Todo obreiro, cedo ou tarde terá que aprender a lidar com a fama. Nem sempre a pessoa famosa é orgulhosa, e nem todo orgulhoso é famoso. Pode-se ser famoso, e humilde. Por outro lado, o obreiro de Cristo Jesus não deve fazer da fama seu alvo na vida. O ministério é diferente de qualquer outra carreira profissional. Trabalhamos para Deus, e nesse campo ele decidirá nosso futuro, e ele se encarrega de nos tornar famosos, ou não. Também a fama pode ser uma consequência do trabalho que você está fazendo para Deus. É sobre a boa fama que estamos falando; a má fama nem deve ser considerada.

A fama é fruto da obediência. Quando Deus nos torna famosos, geralmente é porque o obedecemos em algum projeto que ele nos propôs, ou porque ele mesmo em sua soberania decidiu tomar uma pessoa humilde e fazê-la galgar as escadarias palacianas. No primeiro caso, a obediência é que leva ao sucesso. Examine na Enciclopédia Britânica a pessoa de David

Livingstone, missionário britânico desbravador do coração da África, primeiro homem branco a descobrir a conhecida cataratas Vitória do continente africano. Homem cujo coração ficou sepultado na África. E veja a vida de seu irmão. David Livingstone é homenageado em várias páginas, seu irmão recebe apenas algumas linhas. Examine também o acervo da história e verá que o registro de pessoas que mudaram o rumo da história da igreja e alguns a história da humanidade, fizeram-no em obediência a Deus! De Pedro a Billy Graham, a história vem repleta de irmãos que obtiveram fama por sua obediência ao chamado divino!

Davi é um exemplo de alguém que Deus soberanamente escolheu. Desprezado por seus familiares, cuidando de umas poucas ovelhas numa terra desértica (hoje mesmo, quando se vai à Belém, na Palestina, ficamos imaginando como era a vida no campo milênios atrás), Davi tem uma jornada "ministerial" que o leva do campo ao palácio, não sem antes enfrentar seus próprios familiares e a fúria de Saul.

Depois de receber a unção com óleo das mãos do profeta Samuel, Davi volta a cuidar do rebanho de seu pai. Quando um espírito maligno começa a atormentar a Saul, um soldado que fazia a guarda pessoal do rei, e que sabia de Davi, o recomendou para tocar harpa no palácio. Agora, recrutado também como soldado, Davi ia a Saul e voltava para o campo (1 Sm 16.14-23). Quando se travou a peleja contra os filisteus, Davi nem fora convocado, por ser soldado jovem, ficando no campo, até que o seu pai o enviou para ver como estava a guerra e levar comida a seus irmãos. É na batalha do vale de Elá que Davi fica nacionalmente conhecido. Deus o tornou famoso, por um ato de obediência. O que diz a Bíblia? "Davi lograva bom êxito em todos os seus empreendimentos, pois o Senhor era com ele" (1 Sm 18.14). Deus era com ele! Se Deus estiver ao seu lado, meu amado irmão, a fama, por certo, virá da parte dele e não por seu esforço pessoal!

Paulo tece sobre Davi um comentário revelador. "Porque, na verdade tendo Davi servido à sua própria geração conforme o desígnio de Deus, adormeceu..." (At 13.36). Deus levantou aquele jovem efraimita para fazer da nação de Israel o povo que Deus almejava ter. É a isso que chamo de chamada soberana de Deus. Nesse caso, Deus prepara para o homem o caminho do sucesso e da fama. Não estou com isso acalentando o sonho de alguns que se dizem chamados por Deus para

realizar uma obra nessa presente geração, pessoas tomadas de um complexo messiânico, pensando que são o único e imprescindível instrumento divino na terra.

Por que David Wilkerson ficou mundialmente famoso? Por obedecer a Deus, deixando uma cidadezinha limpa e agradável do interior americano para evangelizar os viciados em drogas de Nova Iorque. Foi coordenador de sua vinda ao Brasil em 1972, e nenhuma dificuldade tive em preparar suas cruzadas porque era reconhecido como homem de Deus nas mais diversas denominações do país. A galeria da fé de Hebreus 11 é composta de homens e mulheres de fé, que tomaram a decisão de obedecerem a Deus.

A fama é resultado da vida de consagração. Muitos obreiros têm uma ascensão repentina e se tornam conhecidos, não porque se consagraram a Deus, mas por outras circunstâncias. Discursam bem, têm boa apresentação, são espertos, no entanto, a carreira de pessoas assim tende a ser meteórica. Eles surgem no cenário, não porque são consagrados ou porque Deus os levanta e sim porque alguns líderes se deixam levar pela aparência. Samuel, o profeta, orientado por Deus consagrou a Saul como rei de Israel. Era um moço alto, cheio de vigor e bonito. Quando Deus o envia para ungir o novo rei de Israel, ele procurou um rei com características semelhantes e pensou que Eliabe, o filho mais velho de Jessé fosse o escolhido. Deus, contudo o adverte: "Não atentes para a sua aparência, nem para a sua altura, porque o rejeitei, porque o Senhor não vê como vê o homem. O homem vê o exterior, porém o Senhor, o coração (1 Sm 16.7).

Samuel seguiu o exemplo da escolha do primeiro rei que fora escolhido pela aparência, e nem imaginava que o Senhor teria outros critérios de escolha. Deus estava olhando a vida interior de Davi e não suas qualidades naturais. Tocava bem a harpa (qualidade natural), mas a tocava para Deus (qualidade espiritual). E por ser um pastor responsável com as ovelhas no campo - quando foi levar pão e queijo a seus irmãos na guerra deixou as ovelhas sob os cuidados de outra pessoa - Deus o coloca como pastor de todo o seu rebanho! "Do meio do povo exaltei um escolhido. Encontrei Davi, meu servo; com o meu santo óleo o ungi" (Sl 89.19-20).

A fama é resultado da vida de humildade e responsabilidade. Quando Saul manda chamar a Davi para tocar no palácio, a mensagem é: "envia-me Davi, teu filho, o que está com as ovelhas" (1 Sm 16.19). O óleo da unção que o consagrara como príncipe em Israel estava sobre Davi, no entanto, dependia totalmente de Deus, e voltou a cuidar das ovelhas no campo. Em Davi temos o exemplo de alguém que espera em Deus, não força a "barra", e deixa que o próprio Deus se encarregue de levá-lo ao trono. Enquanto todos anelavam casar com a filha do rei, Davi se esquivava, argumentando que não teria condições de ser genro do rei, porque era homem "pobre e humilde de coração" (1 Sm 18.23).

Por ser responsável, Davi sempre admitia seu pecado, e quando errava, admitia seus erros. Chamava a si a responsabilidade dos fracassos da nação de Israel. Existem ótimos livros sobre Davi, seu caráter e trajetória, mas quero acentuar que ele dependia totalmente de Deus para ter sucesso como rei de Israel.

A fama, portanto, pode ser o resultado da ação de Deus em nós. (1 Cr 11.2). Alguns adquirem fama por meios naturais, outros, dependem de Deus. Depois de anos escondendo-se de Saul, e agora sete anos reinando em Hebrom, Davi recebe a visita dos representantes do povo, os quais lhe dizem: "Somos do mesmo povo que tu és. Outrora, sendo Saul ainda rei, eras tu que fazias saídas e entradas militares com Israel; também o Senhor teu Deus te disse: Tu apascentarás o meu povo de Israel" (1 Cr 11.2), e ali o ungem rei sobre toda a nação!

No caso de Salomão, por exemplo, sua fama espalhou-se por toda a terra. Por que as pessoas conversavam sobre ele e tanto queriam conhecê-lo? Deus o tornara famoso, pois queria tornar conhecido o nome de Jeová por toda a terra, e não o de Salomão. A fama de Salomão, portanto, era reflexo da fama do nome de Deus! "Tendo a rainha de Sabá ouvido a fama de Salomão com respeito ao nome do Senhor, veio prová-lo com perguntas difíceis" (1 Rs 10.1). A fama de Salomão foi devido o nome do Senhor, diz o texto! A Escritura diz que "Salomão amava ao Senhor" (1 Rs 3.3) e ele também era amado do Senhor, daí seu antigo nome, Jedidias, "amado do Senhor" (2 Sm 12.25). Salomão deveria agradecer a Deus por torná-lo famoso entre as nações da terra.

Deus torna as pessoas famosas, pois sua intenção é receber honra e glória através da pessoa que escolhe. Nós glorificamos ou desonramos o nome de Deus. Salomão ficou famoso desde o momento que Deus se lhe apresentou em sonhos. Deus colocou diante dele a opção de pedir o que quisesse, e Salomão pediu a Deus sabedoria para governar o povo. Junto com a sabedoria, Deus lhe deu a fama e um reino tranquilo.

Todos sabemos porque Salomão não teve um fim glorioso: começou a ceder diante da pressão de suas esposas e a edificar altares aos deuses de suas nações. Por essas concessões, veio mais tarde o juízo de Deus sobre a nação de Israel.

Deus pode fazer de você uma pessoa famosa, dando-lhe destaque entre os líderes da igreja e no meio da sociedade, mas a fama é para que o nome do Senhor seja engrandecido e glorificado, e não para que você seja mais famoso que o nome de Deus! Jamais esqueça que Deus não divide sua glória com homem algum, e que o orgulho vem sempre antes da queda! O mesmo Deus que deixa você famoso, torna-se seu inimigo se você começar a se vangloriar de tudo o que faz. Esta, a lição aprendida da história. E não precisamos recorrer aos anais antigos da história, basta vermos o que aconteceu em nossa geração com pessoas que eram famosas, e caíram, prostradas. Deus mesmo as prostrou por terra, porque começaram a abrir concessões em seu ministério ao dinheiro, mulheres, ao orgulho e ao autoritarismo. Neste caso, Deus é o maior inimigo do homem! Alguns líderes famosos, dos dias de hoje, vêm passando incólume através dos anos, deixando um lastro de humildade e de serviço, e na velhice, como diz o Salmo ainda estão frutificando! (Sl 92.12-14).

Orgulho: Parceiro intrometido da fama

O orgulho é intrínseco no indivíduo, seja ele famoso ou não. Sócrates, filósofo grego olhando para Antístenes, que se orgulhava de andar maltrapilho, disse: "Antístenes, estou vendo o teu orgulho através dos buracos da tua capa." O orgulho, as tentações sexuais e o desejo por dinheiro são as três coisas mais nocivas à vida do obreiro, e geralmente andam juntas, são as trigêmeas formadas na mesma placenta ministerial! Mas o que é a vaidade? Alguém a definiu como

a desmedida honra de nos gratificarmos, de sermos reconhecidos, é a reclamação que fazemos das outras pessoas não nos virem como tal, como desejamos ser vistos! É algo que se desenvolve na vida da pessoa, faz parte de sua formação. A criança se orgulha de saber a resposta certa, o adolescente vibra quando seu colega é preterido pelas garotas e ele o mais cortejado. Todos desenvolvemos uma espécie de orgulho, uma satisfação de que somos aceitos. O problema do orgulho é o menosprezo pelos demais.

Deus tratou dessa questão logo no início da vida do povo de Israel. Antes de entrar na Terra Prometida, Moisés fala ao povo o que todos nós sabemos. Primeiro. Não pensem que Deus teve afeição por vocês mais do que os povos da terra. "Não vos teve o Senhor afeição" (Dt 7.7), diz Moisés. Não se orgulhem, pensando que vocês foram escolhidos por serem os melhores; de todos os povos, vocês são o menor povo. Segundo. Não pensem que vocês foram escolhidos por serem mais numerosos (Dt 7.7). Terceiro. Jamais esqueçam que vocês foram escravos na terra do Egito, por isso lembrem-se sempre do Senhor (Dt 6.12) e cuidem bem de seus escravos, não os maltratem! Deus diz: "Guarda-te, para não suceder que, depois de teres comido e estiveres farto, depois de haveres edificado boas casas, e moradas nelas...se eleve o teu coração...não digas, pois, no teu coração: A minha força e o poder do meu braço me adquiriram estas riquezas..." (Dt 8.11-17). Quarto. Vocês foram escolhidos por que "o Senhor vos amava, e para guardar o juramento que fizera a vossos pais" (Dt 7.8). Deus está dizendo que o povo recebia a terra como herança por causa de uma aliança feita a Abraão, Isaque e Jacó! Não por merecimento.

Por que tantas recomendações ao povo? Porque a tendência do homem é de se gloriar, orgulhar-se e esquecer que foi Deus quem lhe deu todas as coisas. Não é isso o que ocorre com tantos ministérios famosos? A fascinação pela riqueza e a glória do poder enchem o homem de orgulho. A recente história de alguns pregadores americanos ainda demonstra o que quero dizer. Mas devemos olhar para dentro de nosso quintal onde casos semelhantes se repetem. Pastores famosos, orgulhosos de sua congregação, de sua denominação e de seu sistema de governo.

Davi, rei de Israel, quer agradecer a Deus por tantas bênçãos recebidas, e decide edificar um templo ao Senhor. Natã, o profeta, concorda com o rei, mas ao chegar em casa Deus o envia de

volta a Davi para fazer-lhe uma proposta: você não me edificará casa. Eu farei uma casa para você! Depois de lhe assegurar um reino vitorioso, e prometer a Davi que seu reino seria estabelecido para sempre, Deus lhe diz: "também te fiz saber que o Senhor te edificaria uma casa." Ao ouvir tantas promessas, Davi "entrou na casa do Senhor, ficou perante ele, e disse: Quem sou eu, Senhor Deus, e qual é a minha casa, para que me tenhas trazido até aqui?" (1 Cr 17).

Que atitude maravilhosa! Quem sou eu, Senhor? Como obreiros temos de Ter em mente um princípio divino evidenciado em toda a Bíblia e demonstrado nas páginas da história, de que Deus não tem prazer no orgulhoso! Ana, expressou em sua oração o sentimento de Deus, dizendo: "Não multipliqueis palavra de orgulho, nem saiam cousas arrogantes de vossa boca...até a estéril tem sete filhos, e a que tinha muitos filhos perde o vigor... O Senhor empobrece e enriquece; abaixa e também exalta. Levanta o pobre do pó, e desde o monturo exalta o necessitado, para o fazer assentar entre os príncipes, para o fazer herdar o trono de glória..." (1 Sm 2.3-8).

Nós, evangélicos costumamos tecer duras críticas à ostentação papal, ao ouro do Vaticano, e esquecemos que a tendência humana é seguir pelo mesmo caminho. A construção de suntuosos templos, alguns todos de mármore, outros com afrescos por todo o teto, decorações a ouro, a cadeira especial do bispo ou do pastor presidente na qual ninguém ousa se assentar, as roupas que diferenciam o clero do leigo, refletem um pouco do orgulho do homem. Ele perde sua simplicidade e se impõe sobre os demais. Os comunistas tomaram o poder na Rússia no exato momento em que os bispos ortodoxos discutiam a cor das meias!

Somos privilegiados, porque Deus nos comissionou como obreiros e embaixadores de seu reino. É uma honra, e não orgulho, sermos chamados para o santo ministério. Abrace o chamamento com humildade. Jamais esqueça o princípio bíblico: ele exalta o pobre e abaixa o orgulhoso.

Pois está escrito: Destruirei a sabedoria dos sábios, e aniquilarei a inteligência dos entendidos. Onde está o sábio? Onde o escriba? Onde o inquiridor deste século? Porventura não tornou Deus louca a sabedoria do mundo? Irmãos, reparai, pois, na vossa vocação; visto que não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos

de nobre nascimento...e Deus escolheu as cousas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são; a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus (1 Co 2.19-20, 26-29).

Assim como Davi, sendo rei em Israel, humilhou-se diante de Deus ao lembrar o árduo caminho do campo para a cidade, do pastoreio para o reinado, também nós devemos constantemente nos humilhar diante de Deus e agradecê-lo todos os dias pelo privilégio de sermos escolhidos a fim de trabalharmos para ele.

Nabucodonosor foi humilhado, porque não glorificou a Deus. Aprendeu que "ele quebranta o orgulho dos príncipes" (Sl 76.12). Herodes morreu, por não Ter dado glórias a Deus. "A humildade precede a honra", diz o provérbio (Pv 15.33).

O orgulho tende a ser mais visível em obreiros que têm grande habilidade na arte da oratória, na capacidade de ensinar e até no conhecimento das Escrituras. Também se manifesta depois que somos usados por Deus numa reunião da igreja, com curas, manifestações de Deus, conversões, etc. O caminho mais fácil para que o orgulho entre em nossos corações é quando somos usados por Deus. Podemos combater o orgulho, pensando na mula de Balaão. Ela também foi usada por Deus! Ou no iníquo Nabucodonosor, feiticeiro, chamado de "meu servo" pelo Senhor. Podemos sentir uma ponta de orgulho de nossa denominação - e como é forte esse sentimento -, de nosso sistema de governo, doutrinas, etc. Ou podemos sentir orgulho de nossa congregação local, da fama de nossos cultos, etc.

O orgulho vem tanto pela ostentação da riqueza quanto pela pobreza. Como disse certo escritor do século quinto: "Existem ciladas na abundância das riquezas, existem ciladas nas angústias da pobreza. As primeiras nos conduzem ao orgulho, as outras nos incitam para as dissensões. A saúde é causa de tentação, a doença é causa de tentação, enquanto a primeira é matéria de negligência, a segunda é sujeito de tristeza ..."

No livro *Paredes do Meu Coração*, o autor fala do evangelista imaturo, pessoa que chega a uma cidade exigindo tratamento cinco estrelas - "o melhor hotel, os melhores restaurantes, telefone com linha direta - para a igreja pagar a conta... uma personalidade competitiva (para não dizer, orgulhosa) que usa as pessoas para realizar seus projetos". Alguns obreiros quando são convidados à conferências, fazem exigências extravagantes.

"Deus resiste aos soberbos, contudo aos humildes concede a sua graça" (1 Pe 5.5). Vindo de Pedro é perfeitamente aceitável! Pedro se sobressaia dos demais e teve que ser tratado por Deus! Salomão descobriu que o Senhor abomina o orgulhoso! (Pv 16.5).

Qual a reação de Jesus quando lhe contaram que estava ficando famoso por batizar mais gente que João? Deixou a Judéia e voltou para a Galiléia (Jo 4.1-3). Jesus soube conviver com a fama sem se deixar dominar pelo orgulho. No início de seu ministério foi logo confrontado pelo diabo com a promessa de ser dono do mundo, se apenas o adorasse. "Tudo isto te darei se prostrado me adores" (Mt 4.9). Logo depois da multiplicação dos pães a multidão se reuniu para o proclamar rei, mas ele "retirou-se novamente, sozinho, para o monte" (Jo 6.15). E em vez de entrar na cidade montado num cavalo de raça, escolheu um jumentinho, porque a profecia de sua vinda o anunciava como "Rei, humilde, montando em jumento, num jumentinho, cria de animal de carga" (Mt 21.5). E como reagiriam alguns líderes religiosos de nossos dias? Em vez de um jumento, carro blindado!

Jamais devemos esquecer que o diabo cria circunstâncias para nos orgulharmos. Queremos nos vestir melhor, e um terno de marca cai bem! Queremos ser servidos, receber, proteger nossa boa imagem e cevamos o espírito de competição!

Algumas perguntas, entretanto, devem ser respondidas pelos obreiros. Como reajo quando a liderança está com os outros? Sou um super crítico, um servidor, ou um ajudador daquele líder? Outra pergunta: suporte a crítica? Não é fácil suportar a crítica de alguém! Mas esse é um bom parâmetro de medição do nosso homem interior. Duas coisas geralmente acontecem aqui: o orgulhoso ou se ofende, ou despreza a crítica!

Outra pergunta: Gosto que exaltem minha humildade? Um pregador, quando elogiado em excesso por seu apresentador, disse: "Não gosto de ser reconhecido e elogiado assim aqui na terra;

tenho receio de que, recebendo a glória aqui, nada sobre para o céu". Obreiros há que preparam sua própria festa, armam sua própria surpresa; seu orgulho vem embrulhado em papel de humildade, só que o embrulho é transparente!

Ficamos desanimados quando algum colega nos supera na graça, em dons e em frutos? Como nos sentimos quando alguém de nossa equipe se destaca mais que nós? E quando nossa obra progride além das demais, sentimo-nos superiores? A única maneira de vencer a vaidade e o orgulho é admitir que somos orgulhosos! Quero que você anote o seguinte:

Admita que é orgulhoso. O reconhecimento é o primeiro passo para a humildade. Humilhe-se diante de Deus. Pedro disse: "Humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão de Deus, para que ele, em tempo oportuno, vos exalte" (1 Pe 5.6). Uma outra maneira de vencer o orgulho é escolher voluntariamente uma posição de inferioridade, sujeitando-se a alguém superior a você. Quando temos que trabalhar com alguém, nosso homem interior é tratado e aprendemos a viver humildemente. Trabalhe em equipe com os do mesmo nível, jamais agindo com usurpação, em querer ser o melhor. Deus o honrará, e ele mesmo o exaltará!

CAPÍTULO VII

FAMA, ORGULHO E HONRA: ONDE ESTÁ O EQUILÍBRIO?

Se conseguires desprezar-te, gozarás de uma paz abundante (Thomas Kempis)

Desenvolvemos nos círculos evangélicos brasileiros o conceito de que o reconhecimento, o elogio ou a alta consideração por alguém irá levá-lo à queda, à ruína espiritual, deixando-o tomado de orgulho. Assim, raramente um obreiro é elogiado publicamente ou reconhecido diante de todos pelo que vem fazendo em qualquer área, pelo medo que temos de induzir a pessoa ao erro. Não deve haver medo algum em reconhecermos a obra de alguém. Se devido a um elogio o elogiado vier a ensoberbecer-se, é porque é imaturo e o elogio apenas acelerará sua queda. No caso de uma pessoa quebrantada e humilde, o elogio acentua suas virtudes.

Um incentivo ou um elogio, não ensoberbece. Paulo elogiava e recomendava que seus obreiros fossem bem tratados. "Nossa irmã Febe", disse ele, "é obreira na igreja de Cencréia. Cuidem bem dela, e dêem-lhe tudo que precisar. Ela é uma excelente protetora de muitos. Uma mulher de Deus. Tem me ajudado muito" (Rm 16.1-2 transliteração do autor). E em Romanos 16 ele elogia o casal Priscila e Áquila, a Epêneto, a Maria, Andrônico, Júnias, dos quais diz serem, "notáveis entre os apóstolos". Ele elogia e honra a cada um desses irmãos. Vale a pena ler sobre eles! Em 1 Coríntios 16 ele recomenda cuidados especiais com os da casa de Estéfanos, pessoas consagradas a Deus, e acrescenta: "Reconheçam a homens como estes" (v. 18).

Deram uma guinada no tratamento diferenciado. Assim, nós os líderes passamos a ser tratados como qualquer pessoa da igreja, já que os títulos foram abolidos; seus líderes eliminaram a plataforma e foram assentar-se entre o povo - não podemos negar o lado positivo dessa medida - passaram a ser iguais a todos, diferenciados apenas pelo cargo que ocupavam na igreja. Se antes éramos honrados e privilegiados em sermos os primeiros a nos assentar à mesa do almoço, para citar um exemplo apenas, hoje, em algumas localidades, somos os últimos e, com isso prejudicados em nosso ministério.

Essas igrejas que optaram por nivelar pastores e pessoas, tinham lá suas boas intenções, mas esqueceram da questão da honra entre os irmãos. A honra é dada a qualquer pessoa, não importa se é líder ou não! Por outro lado, em alguns lugares sou tão honrado, que fico constrangido. Procuro nem demonstrar desejo de nada, para que os irmãos não se preocupem comigo! Basta um suspiro e alguém aparece com alguma coisa!

Todos devem ser honrados. Paulo diz: "Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em *honra* uns aos outros" (Rm 12.10 grifo do autor). Valor, estima, preciosidade é o sentido da palavra grega aqui empregada! Essa é a normalidade entre os irmãos. "Tratai a todos com honra", diz Pedro (1 Pe 2.17).

Honra diferenciada. Já em Romanos 13.7, Paulo argumenta a favor do pagamento de tributos e impostos, acrescentando: "a quem respeito, respeito; a quem honra, honra." Aqui já há uma diferenciação entre níveis de respeito e honra. Se alguém merece, deve ser honrado e nem por isso irá pecar.

Galardão de profeta. Foi Jesus quem ensinou a questão da honra. "Quem recebe um profeta, no caráter de profeta, receberá galardão de profeta; quem recebe um justo, no caráter de justo, receberá o galardão de justo" (Mt 10.41). O que queria dizer Jesus? Quando recebemos e honramos uma pessoa enviada de Deus, ele nos recompensará devidamente, é o que se deduz do contexto. Mas quantas vezes desprezamos ou não damos a devida honra àqueles que Deus envia para ministrar entre nós? Honre o mestre e receberá galardão de mestre; o profeta, e receberá galardão de profeta; apóstolo e receberá o galardão proporcional, etc. Nesse sentido, posso afirmar que algumas igrejas estagnaram e pararam de crescer, ou começaram a diminuir depois de rejeitarem alguns servos de Deus que lhes foram enviados. Conheço o perfil de várias igrejas que, em reuniões de pastores da cidade, rejeitaram e não deram apoio à vinda de certos evangelistas e profetas. Em determinada cidade fecharam as portas a um enviado pessoal de Billy Graham! Noutra fizeram oposição acirrada contra a vinda de Benny Hinn. Ainda em outra oportunidade recusaram participar de uma cruzada com Luiz Palau! Essas igrejas deixaram de receber o galardão que lhes correspondia!

Honrando com ofertas. Algumas igrejas no Brasil ainda precisam aprender os aspectos práticos da honra. Os pastores dessas igrejas deveriam agir honestamente com seus convidados. Nada mais constrangedor do que, depois de uma série de conferências, despedir o pregador com mãos vazias, ou apenas com o dinheiro da passagem.

Enquanto algumas igrejas faltam com a honra, outras excedem, a ponto de tirar uma oferta para o preletor, com ele na plataforma. O correto seria fazer uma previsão financeira e, mesmo tirando uma oferta especial, usar da argumentação de que é para as despesas da conferência, nela incluída as despesas do preletor. Mais constrangedor ainda é ouvir que uma oferta está sendo tirada e, no final da conferência nada receber! E isso acontece! Igrejas que tiram ofertas para determinado missionário mas esse nunca as recebe! Paulo ensinou a igreja de Corinto a fazer esse tipo de previsão financeira: "No primeiro dia da semana cada um de vós ponha de parte, em casa, conforme a sua prosperidade, e vá juntando, para que se não façam coletas quando eu for" (1 Co 16.1). Paulo fala do mesmo tema em 2 Coríntios 9.5.

A oferta em dinheiro ao preletor, ao convidado, faz parte da honra. Paulo destaca o obreiro que trabalha arduamente: "Os presbíteros que lideram bem a igreja são dignos de dupla honra, especialmente aqueles cujo trabalho é a pregação e o ensino" (1 Tm 5.17 NVI), ou como diz a versão atualizada: "Devem ser considerados merecedores de dobrados honorários os presbíteros que presidem bem, com especialidade os que se afadigam na palavra e no ensino." E aqui fala de honorários, de remuneração pelo trabalho realizado, pois a seguir ele cita um texto da Escritura: "Não amordaces o boi, quando pisa o trigo. E ainda: O trabalhador é digno do seu salário" (1 Tm 5.18). O que Paulo está querendo dizer? Que o boi só trabalha se estiver alimentado!

Paulo diz: "Eis que pela terceira vez estou pronto a ir ter convosco, e não vos serei pesado, pois não vou atrás dos vossos bens, mas procuro a vós outros. Não devem os filhos entesourar para os pais, mas os pais para os filhos" (2 Co 12.14). Mas não é isso que acontece no meio evangélico. Certos pregadores, até mesmo alguns que vêm do exterior "andam atrás de nossos bens"! Se um obreiro faz conferências por necessitar de dinheiro para seu sustento ou porque precisa de recursos para manter sua organização, seu ministério está fora de foco, sua motivação totalmente

equivocada, e ele precisa aprofundar-se um pouco mais no ensino do Novo Testamento sobre finanças e sustento do obreiro. Sempre tenha em mente que a obra é de Deus e somos contratados por ele, os meios que usa para nos pagar são diversos! Erra aquele que processa na Justiça do Trabalho sua denominação em busca de direitos, e erra a denominação que trata o obreiro como empregado e não como Ministro de Deus! Parece-nos que, nesses casos, Deus nem se intromete. Por que? Porque o pastor e a igreja estão errados. O foro de justiça das causas pastorais é mais elevado que o Tribunal Superior do Trabalho, é o trono do próprio Deus!

Sou de opinião que, por questão de ética um obreiro não deve estipular o preço de seu trabalho, nem cobrar "cachês" para pregar. No entanto, muitas igrejas não valorizam o obreiro ético que nada impõe, que se dispõe a viajar pelo meio mais barato, e pagam cachês altíssimos a grupos musicais ou a artistas para que se apresentem em suas igrejas. Esse foi o problema que Paulo enfrentou. A igreja de Corinto que ele começou não o reconhecia como apóstolo nem o sustentava, a ponto dele dizer: "...gratuitamente vos anunciei o evangelho de Deus. Despojei outras igrejas, recebendo salário, para vos poder servir, e, estando entre vós, ao passar privações, não me fiz pesado a ninguém" (2 Co 11.7-9). A seguir informa que foi suprido de suas necessidades pelos irmãos pobres da Macedônia!

Paulo elogia a disposição da igreja dos filipenses pela forma como esta o supriu financeiramente, enviando ofertas quando ele estava em Tessalônica: "porque até para Tessalônica mandastes, não somente uma vez, mas duas, o bastante para as minhas necessidades." Depois, Paulo dá um exemplo a todos os obreiros: "Recebi tudo, tenho em abundância; estou suprido..." (Fp 4.15-18). Que obreiro poderá dizer à igreja onde vai ministrar, "Estou suprido"? Que evangelista pode dizer ao comitê organizador de sua campanha, "não preciso de ofertas"? Que pregador em nossos dias poderia, como Paulo afirmar: "tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes"? (1 Tm 6.8).

Por outro lado, devido à falta de honra das igrejas para com os pregadores e a disposição em pagar altos cachês a grupos artísticos, muitas vezes os obreiros são "empurrados" a pedir ofertas, e nesse sentido erram, tanto quanto as igrejas que não aprenderam a questão da honra.

Se por um lado os pregadores sofrem com a falta de honra das igrejas, por outro, essas mesmas igrejas se deixam explorar pelo mercantilismo de alguns grupos e artistas cristãos. Um pastor me mostrou o comprovante de depósito bancário que sua igreja fizera para trazer um grupo famoso à sua igreja. Era uma alta soma. Teriam que pagar todas as despesas de avião e hotel cinco estrelas além de transporte com ar condicionado para o grupo. Os grupos musicais e os artistas que dizem viver desse trabalho, deveriam aprender que devem depender de Deus, se é que seu ministério é parte do chamamento divino! Além do mais, têm o retorno de suas gravações musicais! Cachê é coisa de artista. Igreja é lugar de ministério e não de artistas.

Honrando com boa hospedagem. Também precisamos aprender a honrar nosso convidado com uma boa hospedagem. Seja ele um pastor que veio para conferência, ou um irmão em Cristo que dela veio apenas participar, merece ser tratado com dignidade. Numa conferência para mais de duas mil pessoas, todos os participantes ficaram hospedados nas casas de irmãos. Seus hospedeiros ofereceram o melhor que podiam. Deram o melhor quarto, a melhor alimentação. Numa casa simples, duas horas distante de ônibus do local da conferência, uma família ficou admirada do tratamento que recebeu. Seus hospedeiros foram os últimos a dormir e os primeiros a levantar. Quando os hóspedes se levantaram pela manhã, além do café servido, encontraram a roupa passada e um "lanche" preparado para o intervalo do encontro. Quando regressaram às suas cidades, cada um recebeu um presente. Esses são cuidados, tratamento de carinho que devem ser dispensados aos nossos irmãos em Cristo. Fui ministrar numa igreja e hospedaram-me num apto. com um rapaz solteiro! Imagine como me senti. Almoçava sanduíches e jantava fatias de pizza, além de outras inconveniências!

Honrando a família do preletor. Também devemos aprender a honrar a família do preletor. Às vezes voltamos de algumas igrejas com uma mala extra de presentes que os irmãos ofertam à esposa e filhos. Esse primeiro amor parece estar arrefecendo na vida da igreja. A honra deve voltar a ser ensinada, para que a igreja aprenda a receber o galardão que Deus tem para o seu povo. O princípio ensinado por Paulo à igreja de Corinto é que o "abençoado", no caso o que recebe os donativos, também abençoa os doadores, intercedendo e suplicando a Deus a favor daqueles,

"enquanto oram eles a vosso favor, com grande afeto, em virtude da superabundante graça de Deus que há em vós" (2 Co 9.14).

Protegendo o preleto. Aprendi que um obreiro nunca deve andar só, por isso, sempre que possível levo alguém comigo, ou solicito da igreja alguém que esteja próximo a mim. As tentações diminuem quando estamos acompanhados de outro obreiro. Jesus enviou seus discípulos dois a dois. O que ele queria dizer com isso? Que nunca é bom andar sozinho. Quando o pastor não pode viajar acompanhado da esposa, a igreja deve prover a passagem para que outro obreiro ou um irmão disponível o acompanhe em sua viagem. Isso é proteção.

CAPÍTULO VIII

LIDANDO COM A TRAIÇÃO

Onde há um adulator, há um traidor (Dito popular)

A igreja é uma comunidade em constante aperfeiçoamento, muitos de nós nunca primamos pela perfeição, e geramos uma igreja, que no dizer do Arcebispo Leighton, *não passa de um esqueleto sem alma*.

Lamento lhe informar, mas se você está entrando ou faz pouco tempo que está no ministério pastoral, prepare-se para uma das maiores lutas que um obreiro pode enfrentar: a traição! É raro encontrar nos currículos das escolas bíblicas e dos seminários teológicos o tema da traição no ministério. E é bíblico. Não apenas bíblico, mas o caminho do treinamento e da experiência ministerial passa inexoravelmente pela senda estreita entre rochedos elevados, ali, sem poder se desviar para a direita ou para a esquerda, o obreiro enfrenta a traição daqueles que considerava seus melhores amigos.

Jesus teve que enfrentar o traidor. Um de seus apóstolos que andou ao seu lado durante todo o seu ministério o traiu por um punhado de dinheiro! Judas fazia parte dos doze, a equipe apostólica mais íntima de Jesus. Comiam juntos, dormiam no mesmo quarto, choravam e riam, passaram fome e sede e Judas viu a manifestação de Deus em seu Mestre. Certamente Judas expulsou demônios, impôs as mãos sobre os enfermos e sentia pulsar em seu íntimo um profundo amor por Jesus. Entretanto o traiu! Deixou a mesa da comunhão e foi contar aos líderes judeus onde Jesus estaria aquela noite. Encontrou-o do outro lado do Cedrom. "Salve, Mestre! E o beijou. Jesus, porém lhe disse: Amigo, para que vieste?" (Mt 26.47-50).

Você também encontrará os que dizem: "Mestre!", aqueles que o beijam, que o tratam com desvelo e amor, mas que um dia o poderão trair. Mas nem por isso você vai andar desconfiado de tudo e de todos. Se você viver desconfiado de seu melhor amigo, nunca terá amigos! E nunca será

feliz! Faça como Jesus: confie em seus amigos! A traição, no entanto, é o preço que todos pagamos, não apenas uma vez, mas muitas vezes, na vida ministerial!

Para que serve a traição? Ela expõe o coração do homem, não apenas do traidor mas também do que está sendo traído. Quando somos traídos, Deus expõe a verdadeira condição de nosso coração. Se nos revoltamos e brigamos é porque a obra de Deus ainda não ficou completa em nosso interior. Se nos vingamos, é porque ainda não adquirimos em nossas vidas e no ministério o verdadeiro caráter de Jesus Cristo. Ele nos deixou a lição. Pedro foi testemunha do que Judas fez com Jesus, e ele mesmo foi um dos que o traiu negando ser seu discípulo; contudo, escreve sobre a reação de Jesus ao ser traído: "Pois ele, quando ultrajado, não revidava com ultraje; quando maltratado, não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga retamente" (1 Pe 2.23).

Ele não revidava nem fazia ameaças! Quando alcançamos esse primeiro estágio, o estágio da não perseguição, quando chegamos à maturidade que nos priva de ameaçar quem quer que seja, damo-nos por felizes! Muitos dos pastores, alguns dos quais conheço, fizeram da vida ministerial o palco do revide; e das barras dos tribunais e do martelo do juiz a condenação dos que os traíram! Sei de pastores que desenvolveram a "graça" de amaldiçoar aqueles que os perseguem! E quando saem de sua igreja, mais amaldiçoados são!

O tema da traição pode ser visto em toda a Bíblia, e alguns são exemplos clássicos. Jacó, traíndo seu irmão Esaú, mais tarde traído pelo sogro. José, traído por seus irmãos, que o venderam como escravo a mercadores midianitas. Durante muito tempo José nutriu grande revolta contra seus irmãos, a ponto de os colocar na prisão durante três dias. Não satisfeito, manteve Simeão como prisioneiro até a próxima visita de seus irmãos. Todos elogiamos a atitude de José, perdoando seus irmãos, no entanto, percebemos que no coração de José havia grande revolta e ira contra seus irmãos no Egito, a tal ponto que depois da morte do velho Jacó, seus irmãos suplicaram-lhe novamente que os perdoasse.

Absalão, traíndo o próprio pai, apoderando-se da cidade de Jerusalém, é outro exemplo bíblico (2 Sm 15-18). Depois de matar a Amnom, seu irmão, Absalão foge mas é perdoado por Davi

que o recebe de volta em Jerusalém, entretanto, depois de perdoado, Absalão se rebela contra o pai e o expulsa de Jerusalém!

Além desses exemplos pessoais, temos na Bíblia o exemplo do povo de Israel traindo a Deus. Ezequiel 16 relata a história de como Deus encontrou a nação de Israel, como menina recém-nascida, abandonada (Ez 16.4). A menina cresce e se torna moça. Deus a veste de vestidos finos e a enfeita de jóias preciosas. É agora uma linda mulher, mas abandona a Deus e se prostitui com as nações da terra. Deus se sente traído, mas promete perdoá-la tendo em vista a aliança feita com ela em sua mocidade (Ez 16.60-63). Jeremias a chama de pérfida, uma mulher desleal e traidora! (Jr 3.6-7). Nenhum homem gosta de ser traído pela mulher amada, e Deus sente fortemente quando sua amada, Israel, resolve abandoná-lo. A figura da igreja como esposa no Novo Testamento traz a mesma ideia.

A traição é como espada afiada que penetra o coração do homem! Ser traído pelo melhor amigo do mesmo ministério, ou membro da mesma equipe, produz dores e tristeza no coração do obreiro. É tão dolorido quanto se ver traído pela esposa com seu melhor amigo. E foi isso que Deus sentiu! Sua amada, a quem dedicara tanto carinho resolve traí-lo com seus vizinhos, as nações ao redor. E como escrevi anteriormente, a traição da mulher amada revelou o verdadeiro coração de Deus: um Deus que ama incondicionalmente e perdoa a pérfida esposa! Quando somos traídos, como reagimos? Como Jesus ou como os ímpios?

Vejamos alguns exemplos de traição dentro do ministério.

Traído por seu conselheiro. Trair e ser traído por alguém a quem você abriu seu coração. Lamentavelmente é a triste realidade que muitos enfrentam no ministério. Um sem-número de pastores desabafou comigo, chorando que foram expostos por seu pastor ou por alguém com quem abriram o coração. Os pecados que eram para ser perdoados, os traumas que eram para ser curados, as feridas a serem saradas, ficaram ainda mais expostas! Eu mesmo enfrentei situações assim. Abri o coração sobre algum problema familiar, o relacionamento com a esposa, a dificuldade na criação

dos filhos e as dificuldades financeiras, e a pessoa com quem me aconselhei usou todas as informações como ilustração de sua mensagem, no culto seguinte.

Quando isso acontece temos a tendência de nos fechar interiormente, e de jamais abrir a vida com alguém, por mais espiritual que seja. Muitos pastores jovens confidenciaram-me que preferem aconselhar-se com alguém que vem do exterior ou com algum pastor de outro estado, com medo de serem expostos ao ridículo. Nós, pastores, deveríamos aprender a ouvir, a aconselhar, mas nunca mencionar, direta ou indiretamente, o que nos foi relatado.

Existe uma grande necessidade de homens maduros que saibam ouvir, aconselhar e esquecer.

Conta a história que Alexandre Magno, rei da Macedônia, grande conquistador, ao julgar uma causa sem a presença do acusado, tapando um ouvido com o dedo durante a acusação, disse: "Eu reservo este ouvido inteiro para o acusado". Sua frase permanece como símbolo da imparcialidade, que deveria ser a principal característica do Direito. Nós, pastores, costumamos pecar pela parcialidade, dando ouvidos a acusações, sem que o acusado tenha oportunidade de ser ouvido.

Sempre que alguém conta uma história na qual é vítima, é bom ouvir o outro lado. Uma esposa iracunda pinta um retrato do marido, cuja realidade não é condizente. Um marido frustrado sexualmente pode dizer coisas da esposa que também não condizem com a verdade. Por isso, como disse Alexandre, um ouvido deve ser sempre reservado ao acusado. O bom senso manda que estejamos atentos e que não façamos um pré-julgamento durante o aconselhamento.

Traído por seu melhor assistente. O pastor experiente jamais deveria abrir seu coração a um mais jovem que ele, especialmente se trabalham na mesma equipe ou ministério. Muitas vezes temos que aprender a viver como a águia, isolados. (Nesse sentido há um grande conflito na vida ministerial, que é ser parte do povo, viver entre a gente, ser comum entre os comuns, e no caso

ministerial, fazer parte da mesma equipe, jogar futebol, fazer brincadeiras, sem se expor, isolando-se no momento oportuno.).

E caso precise relatar alguma experiência pessoal, seja no aconselhamento a um obreiro ou a pessoas que o procuram, faça-o na terceira pessoa, supondo que o caso haja ocorrido com alguém que você conheceu, ou que você tomou conhecimento lendo em livros. Uma experiência pessoal, quando negativa, isto é, pecados que cometemos ou situações que enfrentamos, não devem ser expostas em aconselhamento, porque tendem a fragilizar a autoridade pastoral. Conte-as como se tivesse acontecido com outra pessoa e os recursos que ela encontrou para vencer aquele pecado ou situação de risco.

Mas também é traição quando seu colega de ministério "costura" situações para o colocar em perigo. A isso chamamos de pecado de Absalão. O que fez ele? Sempre que alguém ia ao rei buscando conselho ou querendo ver julgada sua causa, Absalão o atendia na porta, e dizia: "Olha, a tua causa é boa e reta, porém não tens quem te ouça da parte do rei" (2 Sm 15.3). Absalão queria ser reconhecido como autoridade, por isso exclamava: "Ah! Quem me dera ser juiz na terra! para que viesse a mim todo homem que tivesse demanda ou questão, para que lhe fizesse justiça" (2 Sm 15.4). Alguns obreiros caem no laço do desejo pelo poder e traem seu pastor ou líder. E que mais fazia Absalão? Sempre que alguém o procurava, ele o tratava com cordialidade, "estendia a mão, pegava dele (da pessoa) e o beijava" (15.5). Por trás de um gesto de cordialidade, pode estar o espírito de Absalão!

Absalão, diz a Bíblia, conquistou durante quatro anos o coração de todos os homens de Israel (15.6-7). Ele minou a autoridade de Davi, dando a entender aos filhos de Israel que, como filho do rei, o estava auxiliando na difícil tarefa de julgar o povo. O povo deu ouvidos a Absalão imaginando que este auxiliava o rei nos negócios. Mas Absalão tinha segundas intenções, que era destronar seu próprio pai do trono em Jerusalém.

Em momentos de reflexão e meditação, é bom fazer uma auto análise para ver se não estamos incorrendo no pecado de Absalão em nosso ministério! Hoje você trai seu pastor, amanhã será traído por seu auxiliar!

Traído por seu pastor. Passei por uma experiência de traição do meu querido pastor. Hoje posso contar, porque passaram-se mais de trinta e dois anos desde que tudo aconteceu. Jovem, dinâmico, cheio de vida, sonhador e visionário, meu maior desejo era ir para o exterior onde pudesse adquirir maior experiência na obra do Senhor. Tentei ir para uma Escola Bíblica nos Estados Unidos mas não consegui a bolsa de estudo. Como gostava de trabalhar com programas de rádio, acertei a documentação para ser missionário trabalhando numa emissora internacional com sede no Equador. Todas as cartas e a documentação passavam pelo endereço da residência do pastor. Eu estava sempre a par das cartas que chegavam. Eu então, preenchia os formulários e os remetia para a sede da organização nos Estados Unidos.

Eufórico, fazia os planos de viagem e me imaginava trabalhando naquela famosa emissora de rádio que transmite em ondas curtas. Para minha surpresa, o pastor me comunicou que eu não fora aprovado. Que desilusão! Arrumei as malas e me mudei para outro estado do Brasil. No entanto, encontrei-me com um pastor da mesma denominação, líder nacional, que naqueles dias estivera na sede da emissora de rádio nos Estados Unidos e lá ficara sabendo que uma pessoa do Brasil fora aprovada para trabalhar no Equador. Com a voz grossa e pausada, característica que o deixava conhecido em seus programas radiofônicos dominicais, perguntou: "você é o João A. de Souza filho?" "Eu mesmo, respondi". E ele, então, confirmou que eu havia sido aprovado. Mas o que fazer? O filho do meu pastor presidente havia sido colocado em meu lugar! Como? Até hoje é um mistério! Traído por meu pastor! Felizmente, dois anos depois eu estava em San Francisco, Califórnia fazendo o mesmo trabalho radiofônico na KGEI - Voz da Amizade!

Devo confessar que foi muito difícil perdoar aquele pastor. Mas o perdoei!

Traído por seu discípulo. Mencionei anteriormente o que é ser traído por seu pastor assistente, seu companheiro, que trabalha ao seu lado no pastoreio da igreja. Nem sempre esse pastor, colega de ministério, que trabalha com o pastor titular foi formado na "escola de base" da

igreja. É comum recebermos auxílio de pastores que vêm de outras cidades, que auxiliam determinada igreja e passam a fazer parte da equipe pastoral. Uma equipe pastoral, dependendo do tamanho da igreja, pode ser formada por muitos pastores, liderados por um titular, ou presidente. É a isso que chamo de pastor assistente.

Quando falo de discípulo, refiro-me ao pastor que foi formado por você, no seio da igreja local. Tudo o que ele aprendeu foi com você. Aprendeu a estudar a Palavra, a pregar, a fazer exegese de textos, as lições de homilética, o cuidado com o rebanho, a questão do caráter, etc. Você foi seu mestre! Ele cresceu na vida da igreja local e foi reconhecido pelo povo como homem de Deus, e separado como pastor. Ser traído por um pupilo seu é a pior coisa que um obreiro pode enfrentar! Nesse caso, você sente o que Jesus sentiu com Pedro. Três vezes Pedro nega a Jesus! E Jesus o ouve! Arrependido, Pedro chora copiosamente. Jesus vai à cruz, morre e é sepultado. Pedro sofreu três noites e três dias. Sua consciência não o deixava sossegado. Ele negara o seu mestre!

Mas Jesus, nos ensina o que fazer quando traídos. O que ele fez a Pedro? Maria Madalena e as outras mulheres ouviram do anjo, na manhã da ressurreição, as seguintes palavras: "Vão, e digam aos discípulos dele, e a Pedro: ele está indo adiante de vocês para a Galiléia" (Mc 16.7). O anjo poderia ter dito: "digam aos seus discípulos...", mas ele acrescenta, "e a Pedro". A notícia chegou aos ouvidos dos discípulos, com a nota dominante: digam a Pedro! O traidor estava sendo perdoado!

Perdoar os traidores requer profunda vida interior com Deus. Corrie ten Boom conta sua reação ao ver na igreja onde estava pregando, o guarda alemão, seu algoz, que fez com que ela e sua irmã tirassem a roupa no campo de concentração. Sua irmã, tempos depois, morreu. Ela foi salva por milagre! Agora, testemunhando como sua família escondera judeus em sua casa, e como seu pai e mãe morreram nos campos de concentração, reconhece diante dela, no mesmo culto, seu carrasco! Ela travou uma grande luta interior. Ela não conseguia perdoá-lo. Mas o Espírito Santo a convenceu da necessidade do perdão. Ela, então, se dirigiu ao guarda e o perdoou! Esse é o verdadeiro espírito de Cristo! Perdoar os nossos traidores!

Complô ministerial: Quando jovem trabalhei com um pastor que se deliciava em fazer tramas, em armar conspirações contra aqueles que estavam se projetando no meio da igreja. A começar pelo princípio vigente da denominação de transferir a cada ano, no mês de janeiro os líderes das congregações filiadas a igreja sede. Não era uma variante buscando renovar a igreja e trazer para aqueles irmãos novos dons e novos talentos, mas uma prática visando evitar que o líder e o povo se acostumassem um com o outro. Hoje, quando analiso esses quase quarenta anos de vida ministerial, percebo que aquele líder nunca preparou discípulos, todo ano renovava o quadro do cargo de vice-presidente, sempre colocando ao seu lado pessoas sem muita capacidade de liderança.

Ele precisou se aposentar e não havia ninguém formado por ele durante mais de cinquenta anos. A Convenção do estado teve que intervir e nomear alguém de fora. Por que não formou ninguém? Por causa de suas conspirações contra todo que se projetasse na vida da igreja. Ele mesmo armava a cilada, ou conspirava através de alguém, para derrubar os líderes que estavam se projetando no ministério.

CAPÍTULO IX

LIDANDO COM A INVEJA

A Inveja é a podridão dos ossos (Provérbios 14.30).

Certa vez encontrei uma definição muito objetiva de inveja: É um senso de desprazer que uma pessoa pode ter, ante as vantagens de outra, principalmente de seus iguais. O dicionário a define como: "Desgosto, ódio ou pesar por prosperidade ou alegria de outrem. Desejo de possuir ou gozar algum bem que outrem possui ou desfruta." (Michaelis)

A primeira vez que a palavra inveja aparece nas Escrituras é quando Isaque, peregrinando pela terra dos filisteus, do cultivo da terra teve uma grande colheita, seu gado se multiplicou, a família prosperou, e os "filisteus lhe tinham inveja" (Gn 26.14). A partir daí começaram a entulhar os poços de água para que ele não pudesse saciar a sede do gado. Considerando isso, o que Caim fez com Abel, foi pura inveja. Abel se saiu muito bem diante de Deus, ao passo que a oferta de Caim foi desprezada! A inveja induz à ação, e é quase sempre maligna.

Sempre é bom ter em mente que Caim, antes de pecar, era um bom homem, crente, religioso, que buscava a Deus; não apenas buscava a Deus: Deus falava com ele. Como não havia profeta para confrontá-lo, o próprio Senhor o adverte sobre o iminente perigo a que estava se expondo. O fato de Deus falar com uma pessoa não a deixa mais santa nem imune ao pecado. Enganamo-nos quando achamos que por ouvirmos a voz de Deus, por recebermos inspiração divina para pregar, por sermos ungidos no ministério da Palavra, que não cairemos nesse tipo de pecado. Temos muitos exemplos de pessoas que ouviam a voz de Deus, mas persistiram no pecado! Caim é lembrado no Novo Testamento por sua inveja. Tanto João quanto Judas o mencionam como homem de caráter falho. João diz que ele "era do maligno" e assassinou a seu irmão "porque as suas obras eram más, e as de seu irmão, justas" (1 Jo 3.12); e Judas afirma que Caim foi movido pelo espírito de ganância" (Jd 11). A inveja é irmã gêmea da ganância!

Ainda com respeito a Caim, a Escritura diz que ele não aceitou a repreensão divina. Deus o alertou antes de pecar; mesmo assim, Caim levou adiante o seu intento. O problema do religioso, do líder que acha que pode fazer tudo sozinho, é que seu padrão de religiosidade, seu padrão de fé e sua autodeterminação, o impedem de obedecer a Deus, apesar de ouvi-lo. Caim deve estar sempre diante de nós, como exemplo de inveja e ciúme: o que aconteceu com ele, pode acontecer com cada um de nós!

Os irmãos de José o venderam por inveja. Estêvão diz: "Os patriarcas, invejosos de José, venderam-no para o Egito" (At 7.9). O levante contra Moisés e Arão no deserto foi pura inveja. Coré, Datã e Abirão e mais duzentos e cinquenta líderes do povo, diz a Bíblia, "eleitos" pela congregação, "varões de renome", por inveja da liderança, deram um golpe de Estado! (Nm 16). Eles queriam o poder. O que aconteceu no deserto é semelhante ao que acontece com a Câmara Federal e o Senado que decidem impedir a continuidade do presidente da República no poder. E neste caso, podem também agir por inveja! No caso do levante no deserto, os principais líderes da "igreja" queriam o poder! O Salmo 106.16 diz: "Tiveram inveja de Moisés no acampamento, e de Arão, o santo do Senhor." Um pastor pode ser afastado da igreja, não porque tenha pecado, mas pela inveja dos demais líderes. Felizmente Deus agiu em defesa de José, interveio em defesa de Moisés e Arão, e cuidou de Davi, pois Saul o perseguia porque invejava a vida deste homem. Davi recebeu mais consideração e louvor do que Saul, e este se indignou.

A todos os casos de inveja descritos na Palavra, segue-se uma ação maligna! No caso de Jesus, a Bíblia diz que Pilatos "sabia que por inveja o haviam entregado" (Mt 18).

A inveja corrompe o interior do homem. Leva-o a agir imprudentemente, e por consequência, a agir com malignidade. Tiago diz que "onde há inveja e sentimento faccioso, aí há confusão e toda espécie de coisas ruins" (Tg 3.16). Paulo diz que a pessoa movida por inveja: "é enfatuado, nada entende, mas tem mania por questões e contendas de palavras, de que nascem inveja, provocação, difamações, suspeitas malignas, altercações sem fim..." (1 Tm 6.4-5). Que descrição do invejoso! Ele gosta de contender, de provocar, difamar, vive suspeitando, e em atritos

constantes! Pedro recomenda o despojamento de toda inveja (1 Pe 2.1), para que haja crescimento espiritual!

A inveja traz a reboque o egoísmo, a maldade, o autoritarismo, a avareza, a cobiça, a ambição, a mesquinhez e outros males mais! Se o coração do obreiro não for purificado desse mal, todo seu ministério poderá ser arruinado! Caim se tornou um assassino, trazendo sobre si essa maldita característica do diabo. Homicida desde o princípio, o diabo tinha ciúmes de Deus. Enquanto a Escritura diz que Jesus não julgou como usurpação o ser igual a Deus (Fp 2.6), era um direito dele, pois era Deus, o diabo sendo um ser criado, dizia no seu coração "Eu sou Deus, sobre a cadeira de Deus me assento no coração dos mares" (Ez 28.2). O ciúme o levou a ser homicida (Jo 8.44), destino de todo o que não controla os impulsos de ciúme em sua vida. O ciúme gera o ódio e esse leva ao homicídio (1 Jo 3.15). Matar, então, não é somente um ato grosseiro feito com armas, mas também uma atitude espiritual. Para matar alguém basta ter ciúmes dele e odiá-lo.

O ciumento é também irreverente, mentiroso e egoísta. Quando Deus pergunta a Caim: "Onde está Abel, teu irmão?", ele responde: "Não sei: acaso sou eu tutor de meu irmão?" (Gn 4.9). Caim não teve respeito por Deus, mentiu e expressou todo o seu egoísmo. O mesmo pode acontecer com uma pessoa, mesmo sendo líder no ministério. O ciúme faz dela uma pessoa irreverente, conta casos e anedotas com indiretas visando prejudicar alguém, e a maioria dos irmãos entende a mensagem; passa a esquivar-se com mentiras, colocando sobre suas declarações uma capa branca, logrando-as verdade, e a leva a tornar-se egoísta. Tudo o que for feito e dito, se não redundar em glória em honra ao "seu" nome, é motivo de perseguição ainda maior! A mentira é companheira inseparável da inveja. Além de ser obstáculo à vida de oração, de ser a causa de toda ruína e de levar a pessoa à perdição, virá a ser descoberta, pois o mentiroso, que engana a si mesmo e, com seus sofismas engana seus irmãos, será algum dia descoberto.

Como se sentiu João Batista ao saber que Jesus estava batizando e que as pessoas que antes vinham a ele, agora o seguiam? E João ainda não tinha sido preso! Não se sentiu traído nem tão pouco ferido em sua autoestima, no que apenas respondeu: "Uma pessoa só pode receber o que lhe é dado do céu" (Jo 3.26-27).

Esse tipo de situações põe em cheque o nosso coração. Estamos dispostos a perder tudo por amor a Cristo? A deixar a liderança para que o corpo de Cristo não seja ferido? Veja bem, as maiores divisões da igreja na atualidade se deram mais por questões de liderança - de quem é quem - do que doutrinária!

Precisamos aprender com Jesus que "quando ultrajado, não revidava com ultraje; quando maltratado, não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga retamente" (1 Pe 2.23).

Como nos despojar da inveja? Gostaria de recomendar alguns passos práticos.

Primeiro. Reconheça que é invejoso e ore pela pessoa a quem você inveja! Orar por quem invejamos é a coisa mais difícil de ser feita.

Segundo. Reconheça que a inveja é um pecado. Paulo a situa ao lado de outros pecados grosseiros, como a prostituição, a impureza, a lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, divisões, iras, discórdias, dissensões, ciúmes, bebedices, glotonarias e coisas piores! (Gl 5.19-21). Inveja é pecado! E o pecado gera malignidade! Saia desse círculo vicioso em que o invejoso tem mais chances de cometer os demais pecados dessa lista do que qualquer outra pessoa!

Terceiro. A inveja pode ser defeito de caráter que vem da formação do indivíduo. Ele cresceu invejando os demais! Corrija enquanto é tempo. Como? Pelo quebrantamento. Ajude a pessoa a quem você inveja, faça-o com humildade e oração, e Deus o ajudará a superar essa fraqueza de caráter.

Quarto. Confie em Deus! Não pense que ele está sendo ou foi injusto com você. Ele conhece a intenção de seu coração e a libertação virá no momento certo.

Quinto. Louve a Deus pela vida da pessoa a quem você inveja e procure imitar as boas qualidades dela. Paulo diz: "Nada façam por ambição egoísta ou vaidade, mas humildemente considerem os outros superiores a si mesmos. Cada um cuide não somente dos seus interesses,

mas também dos interesses dos outros. Seja a atitude de vocês a mesma de Cristo Jesus, o qual, embora sendo Deus, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se, mas esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo..." (Fp 2.3-7 NVI).

CAPÍTULO X

LIDANDO COM AS TENTAÇÕES SEXUAIS

A sexualidade faz parte do plano criativo de Deus. A masculinidade e a feminilidade, não nos foram acrescentadas mais tarde, ou surgiram como parte de nossa natureza pecaminosa; elas fazem parte da criação original da humanidade (Clifford e Joyce Penner)

Os impulsos sexuais não são vistos nas Escrituras como pecado nem tão pouco a prática sexual, dentro dos parâmetros permitidos nas Escrituras, constitui-se pecado. Deus formou o homem e a mulher, distintos física e emocionalmente, aptos a se tornarem um só corpo, o que para a maioria dos expertos se dá por ocasião da cópula. Mas os dois não se tornam um único corpo apenas quando se casam e passam a ter relações sexuais; o ato sexual representa apenas uma das formas de união, já que os dois se tornam uma só pessoa também pelo casamento de espírito e alma, de emoções e intelecto. No Éden, certamente que os dois se amavam. Historicamente a igreja deixou transparecer que o pecado de Adão e Eva foi terem descoberto a vida sexual, mas essa não é uma verdade bíblica, já que no propósito de Deus eles teriam filhos e povoariam a terra, gerando filhos em sua verdadeira inocência.

Parece-nos, entretanto, que a prática sexual entre marido e mulher, em alguns meios se constitui pecado, o que não tem amparo legal nas Escrituras. A vida sexual é uma normalidade na vida do casal e não deve haver motivos para deixar que a consciência o acuse: o sexo é uma bênção que nos foi concedida por Deus. Entre obreiros mais antigos reinava uma dúvida que os deixava perturbados a cada ato sexual. Tudo isso por total desconhecimento das Escrituras, do propósito de Deus e da própria natureza humana. A Escritura em parte alguma condena a prática sexual dentro do casamento; condena-a quando praticada fora dos padrões estabelecidos por Deus.

Creio que Paulo foi quem melhor resumiu a questão da sexualidade do indivíduo. Ele aborda com toda franqueza a questão sexual do homem e da mulher ao responder às indagações dos crentes de Corinto. Para os costumes da época, Paulo está além de seu tempo - atualizado no tempo de Deus - e o que ele diz é como se estivesse dizendo-nos pessoalmente nos dias de hoje. Paulo era celibatário, o que se depreende de suas palavras - "no entanto cada um tem de Deus o seu próprio Dom" (1 Co 7.7), mas jamais induziu outros ao celibato nem condenou o sexo dentro do casamento. "É bom", diz ele "que o homem não toque mulher; mas, por causa da impureza, cada um tenha a sua própria esposa; e cada uma o seu próprio marido" (1 Co 7.1-2).

Seria bom que todos fossem como Paulo, que não tocassem em mulher, mas Paulo está preocupado com a sexualidade do homem, com suas tentações pessoais, com a vazão sexual e com a tensão física e emocional tanto no homem quanto na mulher, por isso passa a discorrer sobre o sexo entre os dois. Avançado nas questões sexuais para os seus dias, Paulo propõe algumas regras de vida a dois, aconselhando que não se "recusem um ao outro, exceto por mútuo consentimento e durante certo tempo, para se dedicarem à oração. Depois, unam-se de novo, para que Satanás não os tente por não terem domínio próprio" (1 Co 7.5-7 NVI). E mais adiante aconselha aos solteiros: "Mas se não conseguem controlar-se, devem casar-se, pois é melhor casar-se do que ficar ardendo de desejo" (v.8).

Roma e a teologia do sexo

A teologia de Roma deixou lastro no meio evangélico pressupondo o ato sexual como algo impuro, e a mulher, como símbolo do engano e da desgraça, dando a entender que o simples pensamento de sexo requer penitência, sacrifícios e pedido de perdão. Por isso Agostinho exclama em suas *Confissões*: "Mas na minha memória, de que longamente falei, vivem ainda as imagens de obscenidades que o hábito inveterado lá fixou. Quando, acordado, me vêm à mente, não têm força. Porém, durante o sono, não só me arrastam ao deleite, mas até à aparência do consentimento e da ação. A ilusão da imagem possui tanto poder na minha alma e na minha carne, que, enquanto durmo, falsos fantasmas me persuadem a ações a que, acordado, nem sequer as realidades me podem persuadir." O medo de pecar involuntariamente mesmo em sonhos, atormentava esse servo

de Deus! Richard Foster, diz de Agostinho: "Talvez ninguém tenha contribuído tanto para levar esses ensinamentos até o coração da igreja quanto Santo Agostinho. Não há dúvida de que suas próprias estripulias sexuais quando jovem são responsáveis pela atitude negativa que tinha para com a sexualidade depois de sua conversão. Em *A Cidade de Deus*, ele se refere à "vergonha que acompanha toda relação sexual".

E Agostinho influenciou a igreja nessa questão. Conheci pastores que aconselhavam abstinência em dias de cultos da igreja, o que, em alguns casos traria sérios problemas conjugais pela quantidade de noites ocupadas em afazeres com a obra de Deus. Outros recomendavam total abstinência na semana que antecedia a Ceia do Senhor, como se a prática do sexo no casamento fosse um pecado terrível aos olhos de Deus. A influência de Roma no pensamento pentecostal, tanto em relação à vida sexual como em alguns costumes, ainda é forte. Foster cita um "tal de Yves de Chartres (que) aconselhava os devotos a absterem-se de relacionamentos sexuais nas segundas-feiras, em respeito às almas que já haviam partido, nas quintas-feiras em memória à ascensão de Cristo, nas sextas em memória à crucificação de Cristo, aos sábados em honra à Virgem Maria, aos domingos em comemoração da ressurreição de Cristo..."

O pensamento de que o Espírito Santo abandona o quarto do casal na hora do ato sexual vem dos ensinamentos de Tertuliano: "Sendo todos nós o templo de Deus, depois de em nós introduzido e consagrado o Espírito Santo, a castidade é a guardiã e a superiora desse templo, a qual não permitirá que nada de impuro e de profano se introduza, não vá Deus que nele tem morada abandonar ofendido a sua habitação conspurcada." Se Deus abandona o homem na hora do ato sexual, como diziam alguns pais da igreja, então o sexo se constituiria, realmente, uma grande ofensa a Deus!

A analogia do casamento entre Cristo e a Igreja comparada ao relacionamento homem/mulher feita por Paulo na epístola aos Efésios, exige de nós uma profunda compreensão do propósito de Deus com a igreja, pois Paulo deixa o terreno do relacionamento conjugal entre homem e mulher e passa a falar do relacionamento entre Cristo e a igreja.

Pedro, aborda a questão do ponto de vista espiritual, expondo que a quebra de relacionamento entre homem e mulher, implica automaticamente na quebra de relacionamento do homem com Deus. Para ele, se não soubermos viver a vida comum do casamento, até mesmo as orações ficam interrompidas! (1 Pe 3.7). James Moffatt, comentando a argumentação de Pedro, pondera: "Tendo em vista a tendência daqueles dias em alguns círculos da igreja que afirmavam ser a vida conjugal incompatível com o cristianismo, vale a pena observar que a ética de Pedro está livre dessa aberração ascética. Ele ensina que as relações normais entre marido e esposa devem ser a regra de mais alta consideração na religião cristã" Para o escritor da carta aos Hebreus, o leito conjugal sem mácula, é perfeitamente aceitável: "Digno de honra entre todos seja o matrimônio, bem como o leito sem mácula; porque Deus julgará os impuros e adúlteros" (Hb 13.4). E creio que em nenhum momento o autor de hebreus está se referindo a homem e mulher deitados na mesma cama sem qualquer atividade sexual, como interpretam alguns; refere-se, isto sim, a uma vida sexual pura entre o casal.

A experiência ensina

Lá pelos meus quarenta anos de idade conheci um pastor, também da mesma idade, que passou a se aconselhar comigo sobre algumas áreas de sua vida. Ele tinha problemas financeiros e, nossa visão de corpo e de igreja sempre nos levou a ajudar colegas pastores, mesmo que pertencessem a outro grupo cristão na cidade. Resolvidas as questões financeiras nossa amizade deu abertura a conversas sobre sua vida íntima. Ele tinha tentações por revistas e filmes pornográficos. Aquele colega pastor sempre que queria comprar jornal numa banca de revistas, ficava folheando e lendo revistas. As lojas de artigos pornográficos passaram a exercer grande fascínio sobre ele. Os filmes pornográficos também. Ele corria perigo. Se não vencesse as tentações nesta área, seu ministério iria por água abaixo. Ele se mudou para outro estado onde foi pastorear uma igreja de sua denominação e nunca mais nos encontramos. Nosso relacionamento que durara uns dois anos terminou com sua transferência. Enquanto fomos amigos, e enquanto estive ao seu lado aconselhando e ajudando ele superou os problemas. Dois anos depois fiquei sabendo dele. Alguém me informou que ele até preso esteve por assédio sexual a uma mulher que morava ao lado da casa pastoral. Nunca mais soube notícias dele.

Por que tantos pastores caem em pecados sexuais? Quando eu ainda era um jovem pastor não conseguia entender. Observava que muitos pastores da denominação a que pertencia, caíam em adultério ou em prostituição sexual depois dos quarenta anos de idade. Hoje, depois de passar dos cinquenta entendo esse problema na própria carne. As tentações sexuais nos acompanham, estejamos em pleno vigor sexual ou não. Pastores conhecidos caíram em adultério e na prática do homossexualismo. Ainda moço no ministério fiquei chocado com um dos líderes que, com mais de sessenta anos de idade incorria na prática de aliciação sexual de adolescentes. Ele que era avô, tornara-se pedófilo!

Por que tudo isso? Creio que um dos problemas é a falta de comunhão com Deus! Quando deixamos de viver intimamente com Deus, o pecado passa a exercer domínio sobre nós. É a vida de intimidade com Deus que nos enche de temor, que nos leva a meditar nas consequências do pecado. Um obreiro que subjuga seu corpo em jejuns, orações, retiros espirituais, que vive intensamente a busca de uma maior comunhão com Deus, que tem bons amigos, consegue vencer qualquer área de tentação em sua vida, especialmente na área sexual. Os místicos contam que sofriam terríveis tentações sexuais nos momentos em que buscavam maior intimidade com Deus. Tinham visões nessa área, sentiam o corpo arder em desejos e lutavam em oração e jejuns para dominar o corpo da carne.

Lendo sobre a vida dos místicos pode-se perceber que eles viviam no lado oposto da vida que muitos levam hoje. O universo dos místicos se resumia a poucos lugares do convento: a cela, onde estudavam e dormiam, a capela, o refeitório e a horta. Era um universo pequeno. Enclausurados em conventos, até mesmo um simples pensamento caía sobre eles como o peso de uma grande culpa. Apesar de não viverem expostos à nudez explícita, aos apelos do sexo como os que enfrentamos todos os dias, os místicos enfrentavam os mesmos tipos de problemas, e precisavam resolver as tentações sexuais como cada um de nós. No entanto, não sei o que aconteceria com eles se vivessem nos dias de hoje. Nós, os pastores, não vivemos trancados numa sela de mosteiro, estamos em contato diário com o povo, assistimos tevê, lemos jornais, temos internet com todos os recursos possíveis, desde páginas culturais, religiosas e eróticas. Os apelos surgem de toda parte. Até mesmo em nossos cultos as formas sensuais no traje de muitas mulheres

são um desafio à verdadeira consagração. Mas não podemos desprezar a riqueza e o achado espiritual daqueles místicos.

Por que alguns pastores levam a vida como se não existisse tentação na área sexual, como se não tivessem que enfrentar o orgulho que os assola, nem tivessem que lutar contra o desejo de fama e de posição de autoridade? Esses solitários, muitas vezes conseguem esconder o pecado nessas áreas, e cedo ou tarde cairão nas mesmas falhas que procuram encontrar nos membros de suas igrejas.

O apóstolo João que vivia intensamente a mística sem abandonar o povo, conhecia bem a natureza humana. São dele as palavras: "Não ameis o mundo nem as cousas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele; porque tudo o que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procede do Pai, mas procede do mundo" (1 Jo 2.15,16). Se você conhece as Escrituras, perceberá que ela dedica uma boa quantidade de versículos aos temas que tratam da sensualidade, do sexo, de nossos desejos, do orgulho e das paixões pelas coisas do mundo. E não adianta os pastores imporem leis e regras sobre vestimentas, penteados ou proibições do que deve ou não ser visto nos cinemas e na tevê. Recordo-me, quando jovem, que nosso líder considerava o púlpito um lugar sagrado. Ali os irmãos só podiam estar de paletó e gravata; as irmãs não podiam nem mesmo cortar a ponta dos cabelos. Uma irmã da congregação era elogiada por se manter fiel às "doutrinas", e para espanto de todos, descobrimos que ali mesmo no púlpito, durante as madrugadas, o líder e ela mantinham relações sexuais!

Alguém já empreendeu uma pesquisa para saber por que tantas moças da igreja se tornaram mães solteiras? Irá descobrir que muitas delas foram vítimas de abuso sexual de líderes de igreja, daqueles zelosos pelos bons costumes e doutrinas! Por isso a palavra é tão clara: "Tais cousas, com efeito, têm aparência de sabedoria, como culto de si mesmo, e falsa humildade, e rigor ascético; todavia não têm valor algum contra a sensualidade...Fazei, pois, morrer a vossa natureza terrena: prostituição, impureza, paixão lasciva..."(Cl 2.23 e 3.5). Quantos pastores gostam desse "culto de si mesmo"? dessa "falsa humildade"? Lembro-me que o nobre pastor era tão santo diante da igreja

que com um olhar fulminava os pecadores; as irmãs o respeitavam por sua moral, os homens o viam como um homem de Deus, até que descobriram que ele estava vivendo com a dirigente do coral há vários anos! Como isso pode acontecer?

As tentações na área sexual não são um "mistério"; é algo revelado em toda Escritura. Deus fez questão de deixar registrado nas páginas da Bíblia os pecados de alguns homens nessa área. O "pai da fé", Abraão, e o homem segundo o coração de Deus, Davi são dois exemplos claros nas Escrituras. Caíram e se levantaram! Os místicos descobriram que de nada adiantava mutilar o corpo, o pecado continuava presente assim mesmo. "Porque a carne milita contra o Espírito, e o Espírito contra a carne, porque são opostos entre si" (Gl 5.17).

As tentações sexuais surgem quando você menos espera. Foi assim com Davi. Almoçou e foi tirar sua sesta. Ao se levantar, olhou pela janela e viu uma linda mulher se banhando. Depois de um bom descanso, com suas energias sexuais renovadas, o quadro que viu diante dele era demasiadamente tentador: uma mulher nua a banhar-se! Foi tomado de desejos por ela e a possuiu! (2 Sm 11). Não é diferente hoje quando se liga a tevê ou se navega pela internet; a cada momento deparamo-nos com apelos ao sexo. A tentação sexual ronda o obreiro a todo momento. No aconselhamento pastoral, enquanto está pregando, viajando, etc. As reações sexuais são coisas normais na vida de qualquer pessoa, a menos que esteja doente, e o obreiro deve encarar essa normalidade sem receio de que, por sentir-se tentado ou atraído por outra pessoa esteja pecando. Ceder às tentações, sim, configura-se pecado! É comum, no aconselhamento pastoral, a mulher desabafar e despejar sobre o obreiro tudo o que se passa com ela, suas frustrações, seu relacionamento com o marido e até mesmo sua vida sexual. Às vezes, age com sinceridade buscando ajuda, noutras ocasiões visa conquistar seu conselheiro. Por isso, sempre que for aconselhar uma mulher que esteja desacompanhada do marido ou de outra pessoa, faça-o ao lado de sua esposa ou de outra irmã da igreja.

A esposa do obreiro costuma ter um faro apurado, e percebe quando alguém dele se aproxima com segundas intenções.

Hedonismo. Este é um termo grego que vem de *hedone*, palavra usada para explicar o prazer como a melhor forma de vida. O apelo hedonista na igreja leva muitos a admitirem, inclusive pastores, que lhes é permitido dar vazão à sua vida sexual fora do casamento. Um pastor me contou que em sua denominação eles disputavam para ver quem conseguiria sair depois do culto com determinada moça ou mulher! Depois de orarem por cura, de expulsarem demônios, e de realizarem tantos "milagres" caíam na farra!

A literatura hedonista que defende o prazer no sexo como uma grande conquista, domina os manuais de seminários sobre casamento e vida sexual. Não que o prazer no sexo seja pecado no relacionamento conjugal (se bem que há uma linha da igreja que não permite o sexo por prazer, pensamento oficial da Igreja Católica e de alguns segmentos evangélicos), mas o apelo ao prazer está indo além dos limites. Pastores com problemas matrimoniais podem ver nessa "abertura" uma forma de vida desejável de se viver, totalmente contrária aos ensinamentos bíblicos. Durante sete anos participei de um fórum anual de discussões de temas teológicos com pastores do Brasil e de vários países da América do Sul. O tema do novo casamento entrou em pauta e cinco "linhas" diferentes foram apresentadas, entre elas, um pastor em cuja igreja o sexo só é permitido para a procriação. O tema foi interessante, porque a visão do sexo apenas para gerar filhos é o oposto da visão hedonista da vida.

Sempre reajo com temor quando a questão da santificação é deixada de lado nos tópicos apresentados em seminários sobre vida matrimonial. O ensino de que o pastor, ou o homem casado pode dar vazão ao sexo pela masturbação é ensinado abertamente, sem que o aspecto santificação seja levado em conta. Aqui reside o extremo daqueles místicos da igreja: enquanto para eles um simples pensamento sexual gerava total desconforto espiritual, nesse caso a recorrência a métodos de alívio sexual não gera desconforto algum.

CAPÍTULO XI

APRENDENDO A VIVER COM A DECEPÇÃO

Muitas vezes Deus deixa nos melhores santos alguns defeitos, dos quais, por mais que queiram, não conseguem deles desvencilhar-se, a fim de levá-los a sentir sua própria fraqueza, para que aprendam que não podem viver sem a graça de Deus (João da Cruz)

Se você fizesse parte da equipe ministerial de Paulo, o apóstolo, conheceria um homem disposto a confiar nos membros de sua equipe, a depender deles para o desempenho de seu ministério, e desde cedo aprenderia que ele não gostava de ser decepcionado pelos mesmos.

No início de seu ministério rompeu com Barnabé - homem cujo caráter ilibado é elogiado pelos apóstolos no livro de Atos. Barnabé, o único que acolheu Paulo em Jerusalém - enquanto os apóstolos dele desconfiavam - e que anos depois foi procurá-lo em Tarso, trazendo-o para Antioquia. Barnabé, homem de visão, que vira em Paulo um grande potencial para o reino de Deus, acolheu-o em Antioquia e, por certo, foi quem instruiu a Paulo nos ensinamentos de Jesus; afinal, Barnabé foi contemporâneo de Jesus e, certamente um dos que estavam no dia da descida do Espírito Santo! Paulo - temperamental e exigente - rompeu com seu melhor amigo por haver-se decepcionado com João Marcos. A divisão entre ambos é o registro mais triste da história da igreja em seu começo - e quem sabe um dos mais tristes episódios do Novo Testamento.

Paulo, o decepcionado

Enquanto o livro de Atos reluz a vida excelente da igreja primitiva, manifesta os feitos de Deus e os grandes milagres, a separação entre Paulo e Barnabé é uma nódoa que macula aquele período da história. Até o capítulo 15 de Atos temos bênçãos sobre bênçãos. Depois deste capítulo, outra vez, bênçãos sobre bênçãos, mas exatamente aqui, depois de resolvida uma das maiores questões doutrinárias e teológicas da história da igreja em que o Espírito Santo, com sua supremacia sobre a igreja mantém o corpo unido, Paulo põe fim ao espírito de unidade reinante

entre os líderes, tudo porque um jovem obreiro os abandonara no meio da viagem - João Marcos!

Barnabé queria que seu primo João os acompanhasse na viagem, "mas Paulo não achava justo levarem aquele que se afastara desde a Panfília, não os acompanhando no trabalho" (At 15.38 c/ 13.13). Paulo, intempestivo e temperamental, rompeu com o Filho da Consolação (At 4.3-5), por não haver aprendido, até então, a lidar com a decepção! (Alguns comentaristas acham que João Marcos é o mesmo rapaz que foge desnudo na noite em que Cristo é levado ao interrogatório, portanto, alguém que sempre estava no lugar da cena, junto a Jesus e dos apóstolos! (Mc 14.51-52).

O obreiro que não sabe lidar com a decepção, fere seus colegas e fere o corpo de Cristo. O obreiro que se deixa dominar pela decepção, por certo colherá amargos frutos até que essa área lhe esteja sob total domínio no ministério. Depois da separação, agora, acompanhado por Silas, Paulo empreende suas viagens, e Barnabé, apesar de nada mais constar sobre ele no restante do livro de Atos, continua a exercer sua função ministerial. Paulo continuou a fazer uma grande obra. Imagine se Barnabé e ele estivessem juntos o tempo todo. Creio que os frutos seriam ainda maiores!

Barnabé soube conduzir-se muito bem, pois tomou aquele a quem Paulo desprezara e fez dele um excelente obreiro no reino de Deus. Anos mais tarde, Paulo reconhece a importância de João Marcos - fiel seguidor de Jesus, homem comprometido com o reino de Deus, e que aprendera aos pés de seu tio Barnabé - e pede que João Marcos venha visitá-lo, por ser-lhe de grande utilidade. Preso em Roma donde sairia para o suplício, pede a Timóteo: "Somente Lucas está comigo. Toma contigo a Marcos (João Marcos) e traze-o, pois me é útil para o ministério" (2 Tm 4.11). Em Colossenses vemos João Marcos, na prisão, ajudando aquele que o decepcionara no início do ministério. "Saúda-vos...Marcos, primo de Barnabé (sobre quem recebestes instruções; se ele for ter convosco, acolhei-o) e Jesus..." (Cl 4.10).

Se Paulo tivesse aprendido a lidar cedo com a decepção na carreira ministerial, não teria causado tanto estrago no relacionamento com Barnabé. Vemos, no entanto, que Paulo aprendeu a

lidar com o problema, pois sua jornada ministerial esteve marcada com o selo da decepção, muitas vezes, de seus melhores amigos. Demas, seu companheiro de ministério (Cl 4.14), certamente um obreiro em quem Paulo depositara tanta confiança, o decepciona e abandona a fé! "Demas, tendo amado o presente século, me abandonou e se foi para Tessalônica" (2 Tm 4.10). João Marcos o abandonara no caminho, mas jamais abandonou a fé! Aquele o abandona no caminho e na fé! Numa das cartas apócrifas do Novo Testamento, há o registro de que Demas e Hermógenes sentiram-se ofendidos e possuídos de inveja pela atitude de Onesíforo que havia saudado cordialmente a Paulo, mas não aos dois que em companhia de Paulo estavam. Demas, apesar de ser discípulo de Paulo tornou-se seu inimigo e não o defendeu diante das acusações que lhe foram feitas pelas autoridades de Icônio, ao contrário recebeu somas em dinheiro de um certo Tâmares, governador da cidade que moveu grande perseguição a Paulo.

Alexandre e Himeneu, obreiros de sua equipe apostólica, causaram-lhe grandes males, a ponto de Paulo entregá-los a Satanás (1 Tm 1.20). E pior, Alexandre aprontou para cima do apóstolo (2 Tm 4.14). Quando Paulo foi levado a julgamento, entende-se que esses dois o abandonaram e não o defenderam (2 Tm 4.16). Paulo aprendeu a lidar com a decepção, o que, conseqüentemente o levou a confiar naqueles que estavam há mais tempo ao seu lado.

Paulo também se viu decepcionado com os irmãos de Corinto. Depois de ficar dezoito meses morando na cidade, hospedado na casa de Áquila e Priscila, descobre que os irmãos estão desunidos, divididos em facções apostólicas, e vivendo em prostituição. Paulo não recebia os mesmos direitos dados aos demais apóstolos (1 Co 9). Nem mesmo era aceito por aqueles crentes. Que maior decepção existe do que, fundar uma igreja, fundamentá-la, dela não receber ajuda financeira alguma e depois ser rejeitado? Pois Paulo não recebia ajuda financeira dos irmãos de Corinto e, nem era aceito por alguns como apóstolo (1 Co 4)!

Decepcionou-se com Simão Pedro, discípulo de Cristo que, às vezes, não mantinha a mesma palavra. Diante dos discípulos judeus, defendia a circuncisão, quando ao lado dos gentios, era contra. Antes de alguns irmãos da igreja de Jerusalém (ligados a Tiago) descerem para Antioquia, Pedro era visto na casa dos irmãos gentios, mas depois que esses chegaram na cidade, Pedro, com

medo deles, afastou-se. Paulo ficou decepcionado com a atitude daquele que andara com Jesus. Ele disse: "Se, sendo tu judeu, vives como gentio, e não como judeu, por que obrigas os gentios a viverem como judeus?" (Veja Gl 2.11-15). Não rompeu com Pedro. Paulo chamou sua atenção perante os demais, mas não o abandonou.

Depois que aprendeu a conviver com a decepção, Paulo escreveu: "Quando somos injuriados, bendizemos; quando perseguidos, suportamos; quando caluniados, procuramos conciliação: até agora temos chegado a ser considerados lixo do mundo, escória de todos" (1 Co 4.12-13). E por haver aprendido a lidar com a decepção, Paulo preparou o corpo doutrinário, o estilo de vida para a igreja. Ele agora diz que é ministro de Deus "na muita paciência" (2 Co 6.4), paciência que não tinha no início do ministério.

Apesar das decepções, Paulo continuou firme no chamamento que de Deus recebera, aliás, como o fez João Marcos, que, apesar de abandonar a equipe apostólica na primeira viagem, nunca abandonou a Cristo, tornando-se obreiro exemplar!

Em seus últimos dias na prisão de Roma, Paulo não pôde contar com a ajuda de alguns de seus companheiros, mas tinha ao seu lado um amigo precioso, João Marcos a quem havia desprezado no início do seu ministério. E antes de ser levado ao martírio ele diz: "Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé" (2 Tm 4.7).

Temos de aprender a lidar com a decepção, especialmente quando se espera o melhor de alguém, e depois de anos de investimentos na vida dessa pessoa, ela nos decepciona. Como saber que amadurecemos o suficiente e que a decepção já não nos causa rancor nem ira, nem divisões?

1. Como Paulo, reconhecemos nosso erro e acolhemos novamente em nosso círculo de amizade aquele que nos decepcionou. Paulo amadureceu. João Marcos também. Paulo aprendeu a ser paciente e longânimo; João aprendeu a ser fiel aos seus colegas.

2. Como Paulo, aprendemos que a igreja é do Senhor Jesus, e não nossa. Paulo se entregou de corpo e alma aos irmãos de Corinto, no entanto, era sustentado pelos irmãos da Macedônia. Apesar de colocarem em dúvida o chamamento de Paulo, este permaneceu firme na vocação que de Deus recebera. Assim mesmo, continuou a exercer seu apostolado naquela igreja, ciente que era apóstolo de Jesus e não da igreja.

3. Aprendemos a aceitar a realidade da vida. Decepção faz parte da vida. Não devemos deixar-nos abater por ela. A igreja do Senhor Jesus é maior que todos os problemas. Decepcionar-se com os irmãos na fé, com os que crêem no mesmo Deus e no mesmo Cristo, com os que bebem do mesmo cálice e partilham do mesmo pão, não deve abater-nos.

Sempre que se sentir decepcionado, pense em Jesus, pense em Paulo, pense em João, o apóstolo. Esse último não tinha acesso a uma das igrejas, pois havia um obreiro que também não o aceitava como apóstolo. Diótrefes se achava o tal, e não aceitava o ministério daquele que reclinara a cabeça nos ombros do Senhor Jesus (3 Jo 9).

CAPÍTULO XII

LIDANDO COM O DESGASTE MINISTERIAL

Davi muito se angustiou, pois o povo falava de apedrejá-lo, porque todos estavam em amargura, cada um por causa de seus filhos e de suas filhas porém Davi se reanimou no Senhor, seu Deus (1 Sm 30.6).

Quero analisar com você os motivos porque um pastor sofre de desgaste ministerial, na realidade, uma espécie de desgaste emocional, quase sempre acompanhado do desgaste físico. O que é o desgaste ministerial se não uma sucessão de erros, problemas e situações não resolvidas na igreja e na vida do pastor, acompanhado de um declínio espiritual da igreja? Um obreiro é vítima de desgaste ministerial quando as coisas não vão bem com sua congregação. Seria possível encontrar nas Escrituras exemplos de desgaste pastoral? Creio que sim, portanto, vejamos alguns exemplos de desgaste, e tiremos deles algumas lições.

Davi desgastado diante de seu exército

Há um episódio na vida de Davi que demonstra quanto o desgaste ministerial é prejudicial quando as coisas não dão certo!

Os soldados de Davi e seus familiares, depois de intensa perseguição pelas tropas de Saul, encontraram refúgio em Ziclague, cidade no território dos filisteus. Certa ocasião, ao voltarem de uma investida em que acompanhavam o exército dos filisteus, encontraram a cidade queimada, e todas as mulheres e as crianças haviam sido levadas cativas pelos amalequitas (1 Sm 30.1-20). Nessa ocasião, Davi tinha um exército de seiscentos homens e todos se levantaram contra ele querendo apedrejá-lo. "Davi muito se angustiou, pois o povo falava em apedrejá-lo, porque todos estavam em amargura, cada um por causa de seus filhos e de suas filhas; porém Davi se reanimou no Senhor seu Deus" (1 Sm 30.6). Que desgaste para Davi, descobrir que suas mulheres e filhos, e

todos os habitantes da cidade foram sequestrados! Esses soldados estavam cansados de andarem vagando pelos desertos, escondendo-se de Saul, e esperavam que Davi logo conquistasse o reino de Israel. Davi, também, estava cansado de andar errante, como nessa ocasião, a ponto de fingir-se louco diante do rei dos filisteus. E apesar de toda oposição, adquiriu forças em Deus e animou-se para a batalha! Convocou seus homens, saíram à peleja e recuperaram todas as mulheres e crianças!

Como Davi superou o desgaste "ministerial" daqueles dias? Ele encontrou em Deus a sua força! Aqui está o segredo da liderança: fortalecer-se e fortalecer aos demais! Quando nem tudo sai como se quer, o jeito é fortalecer-se em Deus! Recobrar ânimo nele!

Desgaste pelo pecado

E quando o desgaste ministerial vem pelo pecado? Toda a nação ficou sabendo que Davi pecara com Bate-Seba. Pior, chamara seu marido que estava lutando as guerras de Israel, para que este viesse e ficasse uns dias em casa com sua esposa, assim, o marido pensaria que o filho que Bate-Seba esperava era seu. No entanto, depois de recusar ficar em casa, Urias é enviado de volta para a batalha, levando em suas mãos, uma carta a Joabe com sua sentença de morte. Depois de alguns dias, Urias está morto. Este pecado na vida de Davi, apesar de perdoado por Deus, trouxe uma série de problemas na vida da família real. No Salmo 51 Davi rasga seu coração e expõe suas fraquezas às gerações futuras; não encobre seu pecado que é lembrado três mil anos depois, mas registra que a misericórdia de Deus pode alcançar o mais vil pecador.

Os capítulos seguintes mostram Amom, apaixonado por sua meia irmã e seu plano de possuí-la. Depois de violentar a Tamar, Amom a despreza, e isso despertou em Absalão um enorme desejo de vingança. Ela era irmã de Absalão (2 Sm 13.20). Dois anos depois, Absalão matou a Amom, e teve que fugir de Jerusalém, escondendo-se em Gesur durante três anos. O rei perdoa a Absalão, mas durante dois anos não se encontra com o filho. Somando-se, Absalão ficou sem ver o rei Davi cinco anos!

Depois disso, Absalão engendrou um plano para usurpar o trono de Davi. Punha-se à porta da cidade e julgava o povo, ganhando a confiança de todos os que vinham procurar o rei em busca de aconselhamento. Esse seu plano durou quatro anos e "assim ele furtava o coração dos homens de Israel" (2 Sm 15.6-7). Depois disso ele conseguiu levantar seu próprio exército, expulsando Davi da cidade de Jerusalém. Nove anos depois, Davi ainda sofria com o desgaste de seu pecado com Bate-Seba, e perseguido pelo filho, fugiu de Jerusalém, sendo humilhado por aqueles que o odiavam. Enquanto isso Absalão manteve relações sexuais com as concubinas do pai, numa tenda no eirado, diante dos olhos do povo de Jerusalém! Desgastado "ministerialmente", Davi vê-se obrigado a fazer guerra contra seu próprio filho, que é morto, preso pelos cabelos nos galhos de uma árvore, sendo assim executado por um dos homens de Davi. Somente depois disso, pode retornar a Jerusalém recuperando o reino!

O pior desgaste, é aquele que vem pelo pecado, seja ele do conhecimento dos irmãos, ou mantido em oculto! O pecado, quando mantido em oculto corrói a vida espiritual do obreiro; embota sua percepção espiritual; deixa-o ensurdecido à voz profética; fá-lo perder a sensibilidade e o deixa exposto aos ataques demoníacos. Se ele não se disciplinar no que lê, vê ou almeja, coisas que pode fazer em secreto, acabará enredado pelas garras do mal; perderá a comunhão com Deus, e os reflexos serão sentidos por toda a igreja!

Exaustão espiritual. Desgaste ministerial fruto da exaustão espiritual. Vejamos o caso de Elias. Seu sucesso espiritual é incontestável. Ele aparece no capítulo 17 de 1 Reis confrontando a Acabe, rei de Israel que se casara com Jezabel, mulher fenícia. Seu ministério é uma sucessão de fugas e milagres durante três anos e meio (Tg 5.17), até que confronta os profetas de Baal no Monte Carmelo. Na hora do desfecho final, quando deveria encarar Jezabel cara a cara, ele teme por sua vida e foge. Aquela confrontação com os profetas no Carmelo, depois de três anos e meio de fuga, deixou-o espiritualmente desgastado. Elias foge, é sustentado por Deus em Berseba, caminha quarenta dias e quarenta noites até Horebe, tempo suficiente para refletir, repensar e analisar toda sua vida e tem um novo encontro com Deus, de quem recebe novas ordens. O ministério, especialmente o profético, traz desgaste espiritual, emocional e físico.

Emocional. Existe também o desgaste ministerial, fruto da imaturidade emocional. Tratei desse assunto quando abordei a dissensão entre Paulo e Barnabé por causa de João Marcos. Não tenho receio em afirmar que Paulo, imaturo, desgastou-se ministerialmente quando rompeu com Barnabé, seu melhor amigo. Paulo afirma que confrontou a Pedro na questão de seu comportamento diferente com judeus e gentios, assunto que abordei em lidando com a decepção.

Tensão. Uma outra coisa que produz desgaste ministerial na vida do pastor é a tensão ente irmãos. O desgaste das fofocas. Todos os dias o pastor é chamado a resolver situações entre os irmãos, a apaziguar os ânimos, a aconselhar, etc. São coisas que deveriam ser normais no meio do rebanho, mas se acontece todos os dias, e o pastor se vê numa roda-viva, todos os dias, com os mesmos problemas, ele se esgota espiritualmente. Chega um momento em que terá que refletir e buscar as causas, os porquês. Terá que descobrir a fonte, as pessoas que mais trazem esse tipo de problema; o núcleo donde partem todas as situações; e, com mansidão, pela palavra de Deus, repreender, exortar e, se necessário disciplinar a pessoa ou as pessoas. Deus abomina aquele que provoca confusão entre os irmãos. "Seis coisas o Senhor aborrece, e a sétima a sua alma abomina", e que é a sétima coisa? "o que semeia contenda entre os irmãos" (Pv 6. 12-19). Deus abomina o que semeia contenda entre os irmãos, e o pastor deveria abominá-los também! Estude bem a questão da disciplina na igreja e irá descobrir que os pastores disciplinam e excluem por tantos motivos, raramente por esse que nauseia o próprio Deus!

Tensão familiar. Outra forma de desgaste ministerial vem como consequência do relacionamento pastoral com a família. Um obreiro se desgasta quando as coisas não vão bem em sua casa. Às vezes um filho adolescente intransigente, uma esposa que anda na direção oposta ao ministério do marido, etc. Se o pastor não for bem assessorado, e não obtiver a compreensão de seus colegas de ministério, e da igreja, dificilmente superará o desgaste sozinho. Quando um de meus filhos esteve numa dessas fazes difíceis, meus colegas de ministério deram-me total apoio, ajudando-me para que estivesse em casa a maior parte do tempo, dispondo de tempo para andar com ele. Isso foi de grande ajuda! Os irmãos dedicam atenção especial aos filhos do pastor, amando, cuidando, compreendendo, brincando com eles, ajudando-os, etc.

O desgaste ministerial, neste caso, poderia ser evitado se os irmãos da igreja e os demais obreiros formassem todos uma grande família. Não é o que geralmente acontece. As pessoas esquecem que seus filhos crescerão, e que enfrentarão os mesmos tipos de dificuldade, ou esqueceram-se de que passaram por momentos difíceis quando seus filhos estavam na adolescência.

Além do mais, o obreiro enfrenta o conflito sobre certas admoestações bíblicas dirigidas aos servos de Deus, como o que Paulo diz a Timóteo: "É necessário, portanto, que o bispo seja irrepreensível...e que governe bem a sua própria casa, criando os filhos sob disciplina, com todo respeito..." (1 Tm 3.1,4). Muitos pastores chegam a desistir do ministério devido essas demandas. Até que ponto, depois que criamos nossos filhos sob disciplina, e esses se desviam dos caminhos de Deus, somos responsáveis? Creio que existe um momento, quando o indivíduo passa a tomar suas próprias decisões, segue seu próprio caminho; só que, enquanto estiver sob a autoridade dos pais em casa, deve submeter-se a eles.

Preciso falar ainda do desgaste ministerial que pode ocorrer no relacionamento do pastor líder com seus obreiros. Existem tratados evangélicos sobre liderança pastoral que o ajudarão a evitar o desgaste ministerial no relacionamento com os demais obreiros. No entanto, quero examinar com você algumas coisas que devem ser evitadas para que o desgaste ministerial não ocorra.

1. Vida transparente. Seus auxiliares sabem que você não é um super-santo; que não costuma passar quarenta dias no alto do Sinai, que não vive em meio a fogo e trevas aterradoras, que você também tenta controlar a ira, a passividade, a impetuosidade, etc. Mas o conhecem bem, e sabem que você, apesar das fraquezas é homem dedicado ao estudo da Palavra, à oração e homem de trabalho. Conhecem suas reações quando está calado, quando confrontado, na prática do esporte, etc. Você é um homem normal como eles, mas conhece o segredo da vitória na vida cristã.

Você, à semelhança dos sacerdotes do Antigo Testamento, também vive "rodeado de fraquezas". O escritor de Hebreus diz que o sacerdote era "tomado dentre os homens" e "constituído nas cousas concernentes a Deus" (Hb 5.1), dizendo, portanto, que apesar de sacerdote, é homem, escolhido para tratar de assuntos divinos. Não tente manter uma aura de santidade, vivendo de um jeito diante deles e de outra maneira quando ausente de seus obreiros.

2. Instabilidade emocional, inconstância e desânimo. Eis três situações que costumam deixar o líder desgastado diante de seus obreiros. Ninguém suporta trabalhar ao lado de um líder que muda como as cores do céu. Quando está bem, suporta com cavalheirismo que alguém discorde dele, e no outro dia bate ferozmente na mesa, se irrita e desanda a chorar quando suas opiniões não são cordialmente aceitas. Seus obreiros nunca conseguem descobrir como andam suas emoções; se hoje vai reagir negativamente como ontem, ou vai levar tudo numa "boa". Quando um líder tenta convencer os demais irmãos usando de chantagem emocional, perde sua autoridade. Trabalhei com um líder que costumava acatar, hoje, a palavra de alguém que dele discordasse, mas amanhã desandava a chorar, alegando que não entendíamos o quanto ele vinha orando, jejuando e buscando a Deus, de como se preocupava com isso ou aquilo, e, pela chantagem emocional, trazia os mais fracos para o seu lado. Quando alguém do grupo, com amor, o advertia de que estava procedendo de maneira errada, ou de que falara inconvenientemente, desandava a chorar, querendo que todos afagássemos sua autocomiseração, que acariciássemos seu ego ofendido.

A inconstância é outro mal que leva o líder a desgastar-se ministerialmente diante de seus obreiros, ou vice-versa. Já abordei o exemplo de João Marcos que abandonou a Paulo e Barnabé na Galácia (At 13.13), causando sérios problemas no relacionamento dos membros da equipe. Citei anteriormente a reprimenda de Paulo a Pedro por não ser coerente com o que pregava. "Pois, antes de chegarem alguns da parte de Tiago, ele comia com os gentios. Quando, porém, eles chegaram, afastou-se e separou-se dos gentios, temendo os que eram da circuncisão. Os demais judeus também se uniram a ele nessa hipocrisia, de modo que até Barnabé se deixou levar" (Gl 2.12-13). Pedro demonstrou ser inconstante entre aceitar os gentios sem a necessidade de circuncisão e conviver com os judeus cristãos que achavam que todos os gentios deviam circuncidar-se; ora estava de um lado, ora doutro.

A inconstância em assuntos doutrinários é um dos grandes males do desgaste ministerial entre os obreiros, especialmente em temas que geram controvérsias nas Escrituras. Por isso mantenha uma mesma posição, e quando tiver dúvidas, mantenha a posição da neutralidade, e convide seus obreiros a estudarem e apresentarem ideias sobre esses temas. Eles sentirão por si mesmos a dificuldade de posicionar-se em determinados temas bíblicos.

E nada é mais prejudicial do que o desânimo, porque amarra o crescimento da obra, impede que se avance por novos caminhos, além, é claro, de abalar a própria estrutura de fé da congregação local. Todos os dons nas Escrituras estão relacionados à fé, à coragem, à edificação e nenhum deles ao desânimo. Faça um estudo sobre esse tema à luz das Escrituras, e descobrirá que Deus não gosta de pessoas desanimadas, sem fé, e que ele próprio, jamais desanima o seu povo. Trato sobre esse tema de forma abrangente em meu livro "Estratégias Para a Batalha Espiritual".

O medo está intimamente ligado ao desânimo. Nas leis de guerra de Deuteronômio 20, os líderes deveriam perguntar, antes de saírem à guerra, se havia homens medrosos no exército. Por que? Porque o medroso e desanimado contamina negativamente seu colega de trabalho! (Dt 20.8). O líder não pode sofrer de desânimo. Ele é um empreendedor que leva os demais a grandes empreendimentos! Não pode ser inconstante; hoje é um valente, amanhã um derrotado. Hoje está animado e anima; amanhã desanimado e desanimando!

Ao lado do desgaste ministerial temos a passividade.

Lidando com a Passividade

Um outro mal é a passividade. O obreiro fecha os olhos a determinadas situações, ignorando totalmente o que se passa em sua congregação. Sem menos esperar aparecem situações difíceis de serem resolvidas, e isso não traz problemas apenas para ele, causa problemas também para a congregação. Logo que descobrem esse "ponto" fraco do seu pastor, algumas coisas

tendem acontecer: (1) pessoas ávidas por liderança, nem sempre as mais capacitadas, passam a controlar e a dominar; (2) uma disputa entre os membros por uma posição de liderança; (3) murmuração no meio do povo; e, (4) falta de compromisso dos irmãos, tanto para com a igreja quanto para com o próprio pastor.

A passividade do pastor, praticamente deixa o poder decisório nas mãos de alguns irmãos, e não é isso o que eles almejam. Todos querem ver o "capitão" conduzindo o povo para a guerra contra Satanás; querem ver o "líder" tomando as decisões, orando, louvando, adorando, ministrando, evangelizando, etc. Todos querem ver o pastor usando seu cajado com amor e autoridade. Jamais esqueçamos que nosso ministério vem revestido da autoridade concedida por Deus aos seus ministros. A autoridade não exclui a humildade, como disse certo autor, "é errado confundir humildade com convicção...o que sofremos hoje é devido a humildade ser colocada no lugar errado. Espera-se de um homem que duvide de si mesmo, mas jamais duvide da verdade, mas mudaram o conceito: espera-se hoje que não se duvide de si mesmo e deixe a verdade sem qualquer relevância. Parece que estamos produzindo um tipo de homem cheio de auto estima, certo de si mesmo, sem se preocupar com a fundamentação na verdade"

O líder passivo gera uma igreja passiva. Existe um ditado que o povo tem a cara de seu líder. Se ele é comprometido, o povo também. Se ele sai à frente na guerra contra Satanás, o povo o acompanha. Se ele se acovarda, os irmãos também. A passividade pode invadir nosso ministério sem que a percebamos. Temos o exemplo de Davi, guerreiro e lutador; homem ativo, de forte liderança, mas que precisava de uma palavra de ânimo em algumas situações. Quando deu fuga pela perseguição de Saul, Davi deixa seu pai e mãe aos cuidados do rei de Moabe; ele mesmo queria ficar do outro lado do Jordão, nas altas montanhas que cercam a atual cidade de Amã. Mas o profeta Gade é duro com ele: "Não fiques neste lugar seguro; vai, e entra na terra de Judá" (1 Sm 22.5), como se estivesse dizendo: "Você vai ficar se entregar a um autoexílio?"

A passividade faz com que o pastor fique descansando enquanto os demais trabalham. Todos vão para as ruas evangelizar, ele fica no gabinete. Todos vão à guerra na luta contra Satanás, ele não ora, jejua ou acompanha o povo nas vigílias de oração. Como líderes, precisamos encontrar

meios de nos despojarmos desse mal que grassa a vida pastoral. Até o líder ativo pode, em alguns casos, tornar-se passivo.

A passividade nos afasta do estudo diário sistemático da Palavra de Deus e da vida de oração. Se não nos conscientizarmos desse mal, aos poucos nos afastamos da leitura sistemática da Palavra e da vida de oração. Se pudéssemos colocar nossas vidas num gráfico, veríamos os "picos" e as "quedas" de nossa vida espiritual. Não conseguimos manter uma linha em nosso gráfico que indique um platô, aquela linha superior no alto do gráfico. Temos "picos" de espiritualidade e "quedas" de produtividade.

A passividade anda lado a lado com a ignorância. O obreiro não percebe o que está ocorrendo com a congregação e interpreta mal todos os acontecimentos. Paulo teve que ser duro com a liderança da igreja de Corinto pela passividade em não agir com as pessoas que viviam em pecado, ignorando o que poderia acontecer com toda a congregação. "Geralmente se ouve que há entre vós imoralidade, e imoralidade tal, como nem mesmo entre os gentios, isto é, haver quem se atreva a possuir a mulher de seu próprio pai. E, contudo, andais vós ensoberbecidos, e não chegastes a lamentar, para que fosse tirado do vosso meio quem tamanho ultraje praticou?" (1 Co 5.1,2). Os líderes conviviam com o pecado, e passivos, ignoravam que esse tipo de fermento pode contaminar a igreja inteira. Por isso, no versículo 7, ele trata do fermento velho, porque toda a igreja ficaria contaminada se o fermento não fosse lançado fora. "Não sabeis que um pouco de fermento leveda a massa toda?" (1 Co 5.6).

Lentidão ou Excesso de Rapidez

Se por um lado pecamos por sermos rápidos demais em nossas decisões, por outro pecamos por sermos demasiadamente lentos em decidir. A congregação fica na expectativa de decisões que devem ser tomadas, o povo sente que o "barco está afundando", mas o pastor, o capitão, não decidiu o que fazer. Precisamos aprender com Moisés, exemplo do equilíbrio de um homem de Deus. Fugindo do Egito deparou-se com enormes obstáculos à sua frente. Atrás, o

exército de Faraó que vinha em perseguição furiosa contra o povo de Deus; adiante, o Mar Vermelho. Ele, no entanto, tinha uma palavra de fé para o povo: "O Senhor pelejará por vós, e vós vos calareis" (Ex 14.14). Se vacilasse, todo o povo pereceria.

Noutras ocasiões, entretanto, Moisés agiu rápido demais. Quando viu o povo adorando o bezerro de ouro, quebrou as tábuas da lei que o Senhor lhe dera no Monte (Ex 32.19). E não entrou na Terra Prometida por ser impetuoso diante de uma crise congregacional. O povo suplicava por água e a "Rocha que os acompanhava", que era Cristo, estava ali presente. Deus pede que Moisés fale à Rocha, diante dos anciãos de Israel, mas Moisés num ímpeto de cólera bateu na rocha. Selou ali seu próprio destino: não pôde entrar na Terra Prometida (Nm 20.12).

Uma coisa é esperarmos em Deus, outra é nos apressarmos sem ouvir uma ordem de Deus. Dizemos que a pressa é inimiga da perfeição, e a lentidão o que é? Abraão se apressou, temeroso de que a velhice não lhe possibilitasse engravidar sua mulher e teve um filho com a escrava Hagar. Sua pressa resultou em muitos problemas em casa, que ainda se sentem até o dia de hoje, especialmente no Oriente Médio. Deus prometeu a Abraão que faria dele uma grande nação, e durante muitos anos a nação era constituída de apenas duas pessoas, Abraão e Sara. Depois de vinte e cinco anos, o povo de Deus aumentou para três pessoas e ainda demorou mais sessenta anos para que Esaú e Jacó nascessem e o povo aumentasse para seis pessoas, pois Sara havia falecido. Onde estava a promessa de Deus se, oitenta e cinco anos depois eram ainda tão poucos? Deus não é lento, nós é que somos rápidos demais! Na pressa de livrar o povo de Israel do Egito, Moisés matou um homem e teve que esperar quarenta anos no deserto! Davi nunca se apressou em subir no trono da nação de Israel. Depois da morte de Saul esperou sete anos em Hebrom, até que toda a nação o reconheceu rei de Israel. Tanto a lentidão quanto a rapidez são inimigos perigosos na vida do obreiro.

A lentidão e o excesso de rapidez são inimigos do bom governo. É aqui que continuamente tropeçamos!

CAPÍTULO XIII

O CONFLITO DO PASTOR:

PRESERVAR A IMAGEM DE HOMEM DE DEUS NO MEIO DO POVO

Pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós [...] Ora, logo que o Supremo Pastor se manifestar, recebereis a imarcescível coroa de glória (Pedro)

Quando era moço, um velho pastor me recomendou: "se possível, arrume uma sala, em algum anexo ao templo, para que seu local de estudo seja junto ao local em que você trabalha, e não em casa. Em casa somos perturbados pelo choro das crianças, pela esposa que nos pede que vá ao armazém comprar alguma coisa que esteja faltando, temos a inconveniência do barulho da máquina de lavar, da enceradeira, etc." Quanto a mim, nunca pude usufruir de um gabinete pastoral junto ao templo ou local de reuniões e, apesar do conselho desse meu amigo, as circunstâncias da vida levaram-me a ficar todos os dias exposto ao barulho do lar, das crianças e da rotina da casa. Para mim, passar as manhãs em casa estudando, deixava-me próximo da esposa e dos filhos e isso compensava os dias em que tinha que ficar ausente devido as muitas viagens e conferências.

Mas sempre admirei os pastores que podem servir-se de uma ótima sala, com ar condicionado, ajudados por uma secretária que "filtra" os telefonemas, que coordena sua agenda, e que podem trancar-se no gabinete horas a fio, em oração, estudo e pesquisa. Um dos pastores que visitei tinha uma biblioteca enorme, tão grande quanto o apartamento em que eu morava, com livros até o teto, uma escada que deslizava por trilhos; a sala era forrada de tapete espesso, branco, a parede atrás de sua mesa cheia de fotos com gente importante do meio político e artístico, etc., verdadeiro contraste com a dependência de empregada de nosso apto. que eu usava, apertada, com livros espalhados por todo canto, por falta de espaço.

Hoje, se tivesse que recomendar alguém quanto ao seu lugar de estudo, não me deteria necessariamente nesse aspecto, se seu gabinete de estudo deve ser em casa ou junto ao seu local de trabalho, isso não importa. O que percebo é que existe uma tendência de nos isolarmos do povo,

seja com o gabinete em casa, ou no templo. E nosso ministério deve ser equilibrado: devemos aprender a nos isolar e também aprender a conviver com o povo. Um pastor que tem seu gabinete em casa, corre o mesmo risco de se ausentar do povo, como o que tem seu gabinete na igreja. Afinal, existem maneiras criativas de barrar as pessoas, e não permiti-las que tenham acesso ao pastor. Em casa, - a esposa; na igreja, - a secretária.

Quando um pastor tem seu gabinete em casa, corre o risco de levar a família a perder sua privacidade, devido ao número de pessoas que o procuram, a menos que se discipline, atendendo-as no gabinete ou numa sala do templo. E devo acrescentar que nosso lar deve ser inviolável. Quando atendemos pessoas em casa, corremos o risco de expor nossa família aos problemas das pessoas, e trazer demônios para dentro de nosso lar (ainda que teologicamente alguém não concorde!). Por isso, mesmo com o gabinete de estudo em casa, aprendi a atender as pessoas noutra local. As experiências que tive atendendo pessoas em nossa sala, prejudicaram nossos filhos e violaram a privacidade do lar. Além de perturbar os moradores do prédio!

O que está em questão aqui é a dimensão de nosso convívio com o povo, se vivemos dele isolados, ou se mantemos o equilíbrio entre estar com o povo e com Deus. Temos a tendência natural de viver nos extremos. Existe o grande perigo de aplicarmo-nos ao estudo e à oração, na tentativa de imitarmos os acontecimentos de Atos 6, como também o perigo de nos envolver demasiadamente com o povo, abandonando o estudo e a oração.

Ser e Estar

Os místicos da igreja, apesar de se isolarem para o estudo e meditação, aprenderam que a vida cristã consiste do ser e do fazer. Juan de Taulero disse: "Os homens deveriam atentar, não ao que fazem, mas ao que são; porque se têm um interior sano e bom, suas obras o revelarão. Não são as obras que nos santificam, mas quando somos santos e temos a intenção santa, santificamos nossas obras...a santificação torna nossas obras maiores e mais divinas" Os santos do passado encontraram a fórmula do ser e do fazer: toda consagração leva à ação!

Parece-nos que os apóstolos da igreja, no registro de Atos 6 enveredaram pelo caminho apenas do estudo e da oração, esquecendo o exemplo de seu Mestre, Jesus Cristo. Sempre que lemos os evangelhos, encontramos Jesus em movimento, em ação: andando, falando, ensinando, curando, mas em perfeito equilíbrio de comunhão com o Pai. Ele se afastava do povo para orar e meditar, mas no outro dia, lá estava ele, outra vez, cumprindo sua missão. Depois de atividade intensa, punha-se a orar, pois era na comunhão com o Pai que recebia forças para fazer a obra. "Tendo-se levantado alta madrugada, saiu, foi para um lugar deserto, e ali orava" (Mc 1.35). Outro texto diz: "Ele, porém, se retirava para lugares solitários, e orava" (Lc 5.16). Ser e fazer, foi o exemplo deixado por Jesus. Os discípulos o ouviram dizer: "Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também" (Jo 5.17).

Sempre que leio o texto de Atos 6, a escolha dos auxiliares dos apóstolos, fico com um quê de interrogação, porque a argumentação apostólica de que deveriam escolher homens para fazer a distribuição de alimentos, a fim de que pudessem se consagrar "à oração e ao ministério da palavra" não reflete o exemplo deixado por Jesus. Jesus se dedicava à oração e à palavra, mas envolvia-se com o povo.

É a partir desse texto que a maioria dos pastores encontra subsídio teológico para cercar-se de pessoas que façam o trabalho entre o povo enquanto eles buscam a Deus. O título de algumas Bíblias logo na abertura do capítulo supõe que ali ocorreu a ordenação dos diáconos, o que é um equívoco. A palavra grega para *auxiliar* ou *serviço* no versículo 3, "aos quais encarregaremos deste serviço" é *chreia*, negócio, afazeres, trabalho. Não é nem *diaconeo*, servo ou serviço, se for verbo ou substantivo, e donde procede nossa palavra diácono. Essa palavra aparece no versículo 2, *diaconeo*, como verbo servir. "Não é razoável que nós abandonemos a palavra de Deus para *servir* às mesas" (v.2 grifo do autor). É interessante que eruditos bíblicos da qualidade de Mathew Henry e de Albert Barney insistam em "ordenação de diáconos". Eram auxiliares e não diáconos como sendo um ofício na igreja. Mais tarde Paulo trata desse assunto com Timóteo.

Haja vista que o próprio Espírito Santo, logo a seguir, altera a proposição apostólica, e faz de alguns daqueles homens escolhidos, verdadeiros arautos da Fé, evangelistas que mexeram com a

vida espiritual de Jerusalém e das províncias. Quer dizer, a decisão apostólica parece não ter encontrado aval do Espírito Santo, que começou a usar aqueles homens, não no serviço assistencial, mas na pregação poderosa da palavra de Deus com demonstrações de poder. Um dos escolhidos, Estêvão, resolve confrontar os líderes de Israel com a verdadeira mensagem do evangelho e é morto, e seu testemunho muito contribuiu para a salvação de Saulo, líder da turba assassina de Estêvão. Filipe, com a perseguição, evangeliza Samaria, cumprindo assim a ordem de Jesus. Alguns dizem que desde o Pentecostes a essa data (Atos 6) passaram-se onze anos! E os apóstolos continuavam em Jerusalém, agora, orando e estudando a palavra. Mas o Espírito Santo parece dizer aos apóstolos que a vida de oração e de estudo da palavra tem que ser demonstrada com ação, entre o povo. Certamente os apóstolos estavam absorvidos pela demanda das viúvas, e não tinham quase tempo para a oração e o estudo, no entanto, deveriam parar e refletir o ensino do Senhor Jesus Cristo, com o qual conviveram tanto tempo.

Stanley Jones, velho pregador Metodista, aventura-se em dizer, e corajosamente afirma num de seus devocionais, que o episódio de Atos 6 foi a primeira tentativa de clericalização na igreja. Criando dois níveis, o dos que trabalham com o povo e o dos que se dedicam a Deus, a semente do clero teria sido plantada na igreja. E baseia sua argumentação no que vem logo no capítulo 8: "Naquele dia (o dia da morte de Estêvão) levantou-se grande perseguição contra a igreja em Jerusalém; e todos, exceto os apóstolos, foram dispersos pelas regiões da Judéia e Samaria" (At 8.1 parêntese do autor). A pergunta que Stanley Jones faz é: Por que os apóstolos não foram forçados a deixar Jerusalém? Sendo que sempre eram os primeiros a serem presos, por que dessa vez puderam ficar em liberdade, enquanto milhares de discípulos foram forçados a sair da cidade? Sempre que vinha uma perseguição sobre a igreja, os apóstolos iam para a cadeia. Agora, os crentes foram para a "cadeia" e os apóstolos não!

Comentando sobre Atos 6.2-4 Stanley Jones diz: "Parece que a decisão dos apóstolos foi sábia e espiritual. Mas, muitas vezes, coisas perigosas e desastrosas se escondem sob a capa da espiritualidade. E foi o que aconteceu aqui. Os apóstolos criaram um abismo entre o espiritual e o material. Eles se entregariam apenas ao espiritual, e os sete ao material. Separaram o que Deus unira: na Encarnação o material e o espiritual eram uma só coisa. A Palavra se fez carne. Aqui a

Palavra se fez palavra. Eles separaram o espiritual do material.. eles criaram dois sistemas de vida: o sagrado e o secular".

No momento em que passaram a dedicar todo o tempo à palavra, deixaram de lado um princípio encontrado nas Escrituras: o Espírito Santo sempre nos leva à ação! Quanto mais cheios do Espírito, mais realizamos para Deus. O Espírito Santo fez de José um ótimo governador; de Bezalel, um artista; de Gideão, um guerreiro e de Azarias um mestre! Anos antes, Pedro e João experimentaram isso na Porta Formosa, curando o coxo de nascença, a caminho da oração.

Diz Stanely Jones: "Eles criaram uma classe especial, com funções, honras e privilégios..." E Deus "mudou o centro espiritual de influência e poder dos apóstolos para os "sete". Daquele momento em diante o centro do avivamento e da obra missionária ficou na mão dos assim chamados "leigos"... e Antioquia, não Jerusalém, tornou-se o centro da vida da igreja e da obra missionária." Por que os apóstolos não foram expulsos da cidade? Alguns comentaristas afirmam que devido o conselho de Gamaliel (At 5.35-39), os apóstolos sentiram-se protegidos. Mas se o conselho foi de real importância, por que somente os discípulos foram expulsos, enquanto os apóstolos, protegidos? Incisivo em sua resposta, Stanely Jones faz duas colocações: (1) "Os apóstolos se encaixavam melhor no sistema judaico dos que os "leigos". Eram conservadores, os demais irmãos, radicais." (2) "Os líderes judeus perceberam que os apóstolos estavam confinados ao estudo e à oração, à vida espiritual, e que não ofereciam perigo algum ao sistema"

Cheirando a povo e exalando Deus

O ministério que Deus nos deu assemelha-se ao de Jesus: no meio do povo e longe do povo. Alguns pastores têm sua autoridade diluída ou contestada, por se exporem em demasia ao povo. Não estou me referindo ao ministério que fazemos, pregando, curando, orando entre o povo, mas ao "desgaste" de vivermos intensamente no meio do povo, em conversas, brincadeiras, piadas, jogos e tempo demasiadamente prolongado de lazer com os irmãos da igreja. Por outro lado, ausentar-se dos irmãos e não participar de suas atividades, à guisa de espiritualidade, é

também um grave erro. Devemos dosar com sabedoria e aprender a viver entre o povo, sentir seus dramas e necessidades, participar de suas vitórias, de suas festas, sem perder nossa intimidade e comunhão com Deus. Muitos jovens pastores se "queimam" diante do povo com coisas comuns. Perguntei a um jovem pastor por que não jogou futebol com os demais irmãos no retiro? Respondeu-me que tem péssimo testemunho quando pratica esse esporte e que preferia se "resguardar". Eis um caso de pastor que perdeu sua autoridade pastoral, pois ele, e ninguém mais, deveria dar o exemplo e coordenar o jogo de futebol!

Geralmente, o que acontece nas quadras de esporte é a falta de respeito das pessoas para com seus líderes e a ausência de um bom comportamento desses para com aquelas. Convidado a praticar esportes com um grupo de irmãos, notei que os pastores não eram respeitados, pois as pessoas tratavam seus líderes com chacotas e piadas apimentadas. Os líderes haviam perdido sua autoridade e aqueles irmãos precisavam aprender a respeitar os que os pastoreavam. Nesses casos, o melhor que se pode fazer é buscar uma academia ou praticar esportes com amigos da mesma idade.

Jesus disse: "E a favor deles eu me santifico a mim mesmo, para que eles também sejam santificados na verdade" (Jo 17.19). Muitas vezes nossa posição de autoridade na igreja impede-nos de participar de coisas lícitas. O irmão pode, o obreiro não. Este aprende a privar-se de certas regalias, de participar de algumas festas, de beber e comer licitamente, santificando-se ou separando-se a favor dos irmãos. É nas festas que se descobre o verdadeiro pastor!

Existe grande dificuldade em viver nesse equilíbrio: estar com o povo sem perder a intimidade com Deus. A atividade pastoral desgasta o obreiro diante do povo, torna-o uma pessoa comum; a diferença está em que as pessoas exclamem: esse pastor realmente anda com Jesus (At 4.13).

Solitude, sim. Solidão, jamais! Os pastores devem aprender a viver sós, mas também entre amigos, e quando a sós, cultivando a presença do Senhor! A amizade entre pastores deveria ser prioridade de todos; no entanto, existe uma forte tendência dos pastores isolarem-se dos demais

colegas de ministério, ou porque se ocupam demais com suas congregações em atividades denominacionais, ou pela falta de visão de unidade. Alguns ministros pensam que são donos da verdade, que suas congregações são as melhores e não dão prioridade a esse tempo precioso que deve ser gasto com os demais obreiros da cidade. Andar com pastores que não sejam do mesmo ministério ou Convenção enriquece a vida do obreiro.

A solidão mata. Um pastor solitário, que se isola dos demais e que não tem amigos, tem mais tendência para cair em tentação; já o pastor que tem amigos, pode contar com quem compartilhar seus temores, sentimentos, frustrações, alegrias e sonhos. Sempre que um pastor tem que abandonar o ministério devido a pecados cometidos, a raiz do problema pode estar na falta de amigos; além, é claro, na falta de santificação, consagração, etc. Um deles confessou numa entrevista, que apesar de famoso e conhecido, não tinha amigos. Quando um obreiro passa a viver de conferências, está quase sempre cercado de outras pessoas. Alguém o espera no aeroporto; espera-o quando sai do apto. do hotel. Depois do culto, é cercado de líderes que querem jantar em sua companhia; deve estar atento às perguntas, pensar na resposta, pois todos têm interesse em ouvir suas opiniões. Dorme tarde e cedo pela manhã já o esperam novamente. Se tem interesse em visitar uma loja, em comprar livros, lá se vai acompanhado de outras pessoas. Ele perde sua liberdade a favor dos demais. O problema é que essas pessoas não são seus amigos. Mesmo cercado de pessoas, sente-se só. E quando isso acontece todos os dias, todas as semanas, numa agenda infundável de compromissos, mais solitário se sente. E a solidão é a catapulta que pode lançá-lo nos braços do pecado!

Já a solidão existe voluntariamente. Fazemos planos de afastar-nos das pessoas, de outros pastores, de ficarmos a sós, de desfrutar da intimidade com Deus. Aprendemos com Jesus que jantava com pecadores, sem se contaminar com seus pecados. Seus vários amigos o acompanhavam por toda a parte, mas sempre que necessário saía para lugares solitário no deserto e ali orava. "Tendo se levantado alta madrugada, saiu, foi para um lugar deserto, e ali orava" (Mc 1.35).

Buscando um novo conceito de "visita pastoral"

Nossos pais criaram um sistema pastoral, ainda comum nas pequenas e médias cidades, que é o da visitação. Visitar cada crente e cada família todos os meses, e alguns todas as semanas, dava aos crentes a sensação de estarem sendo pastoreados, e ao pastor uma satisfação de dever cumprido. O pastor sentia-se na obrigação de visitar as pessoas de sua igreja, pois em muitos casos, a visita determinava se elas estariam presentes ou não na próxima reunião. E os crentes usavam a visitação como trunfo a seu favor: se fossem visitados, compareciam aos cultos; se queriam ser mais visitados, ausentavam-se das reuniões para que o pastor os procurasse durante a semana. Muitas vezes vi-me incluído nesse círculo vicioso da congregação. Certa ocasião, no primeiro dia de conferência numa cidade do interior, o pastor que havia me convidado levou-me com ele para visitar cada membro da igreja, convidando-os para o culto da noite, com promessas de que ouviriam um pregador de fora, etc. Foi desgastante e constrangedor!

Não consegui descobrir de onde procede tal costume que está profundamente enraizado na cultura evangélica. Cheguei a pensar que herdamos do pároco local, que por não ter família para cuidar, esposa para amar nem filhos com quem brincar, passava todo o dia visitando seus paroquianos e alimentando-se na casa deles. Além de ser uma forma de pastoreamento que resguardava as pessoas do assédio dos pregadores evangélicos, o padre punha-se a par da vida de sua comunidade e conhecia até mesmo o que pensavam seus fiéis.

A prática da visita pastoral mudou nas grandes cidades. Diferentemente da vida rural ou da cidade pequena, na grande cidade todos trabalham; raramente as pessoas são encontradas em casa, e quando são encontradas, estão entretidas em colóquios eletrônicos. Falam consigo mesmas, com os personagens da novela da tevê que está sempre ligada, com o rádio, suas músicas, e ocupadas demais colocando em ordem a vida do lar, pois onde todos trabalham, muita coisa deixa de ser feita a tempo. E quase sempre alguém está fora, seja a esposa, o marido ou os filhos. As pessoas têm que manter a casa arrumada, a roupa limpa e passada, o jantar preparado para os filhos que chegam tarde da noite da faculdade, etc., e não dispõem de tempo para receber, nem mesmo seu melhor pastor! E é nesse contexto que muitos ainda perseveram na visitação pastoral, um

costume que ficará em desuso, pelo menos da forma como era feita. Aquele contato íntimo entre pastor e povo, antes feita na visitação, agora terá que ser feito de outras maneiras. Aumente-se o número de pastores na igreja e todos serão atendidos. Alguns expertos em pastoreamento aconselham um pastor para cada cem pessoas, e uma boa equipe pastoral numa grande igreja teria aí a forma de pastoreamento ideal.

Busca-se um novo sistema de contato com o rebanho. Em algumas igrejas de cidades grandes, existem pastores cuja missão é a visitação, especialmente atendendo situações de emergência dos irmãos. Munidos de celular e automóveis, estão na rua atendendo a demanda pastoral. A secretária da igreja lhes telefona, e avisa que tal irmão foi hospitalizado, que outro está doente em casa e pede visita, que alguém está enfrentando problemas e precisa de aconselhamento em casa mesmo, e para lá vai o pastor de rua! Uma equipe de visitação pastoral que consegue atender a membresia tem sido a solução nas grandes cidades.

Assim, o dia de aniversário de um membro da igreja continua sendo lembrado pela igreja através da visita de um dos membros da equipe pastoral de rua, ou pela secretária que telefona em nome do pastor, por um e-mail, e flores e presentes que a igreja envia através de serviços terceirizados. Pastorear o rebanho nas cidades em pleno século vinte e um, é bem diferente do que se fazia na época da vida rural. Além do mais, nas grandes cidades, o pastor tem a oportunidade de almoçar com empresários da igreja, tomar café com outros em restaurantes de hotéis da cidade, de acompanhar algumas famílias em almoços dominicais, sem se expor em demasia. Ele deve buscar o equilíbrio de participar de churrascos e jantares como um ser humano comum, tal qual Jesus que comia com todos e era convidado a jantar na casa de seus admiradores.

Os costumes e conceitos dos crentes mudaram em relação ao pastor, e ele pode fazer ginástica em academias, praticar esporte num clube ou associação, ser visto praticando o *jogging* em parques e avenidas da cidade sem o perigo de ser rejeitado ou tido como "mundano". Mas uma coisa não mudou: espera-se que o pastor tenha sempre uma palavra de sabedoria, que seja homem de oração, que suas mensagens toque o coração de seus ouvintes. Uma igreja que não tem essa

demanda nem expectativa, está a caminho de se tornar mais um clube da cidade, e não um corpo vivo, a própria expressão de Deus na terra.

Pastorear é uma arte. E em cada cidade, a vida pastoral é diferente. Uma coisa não muda: os pastores têm que aprender a separar tempo para o estudo e oração sem alienar-se dos problemas do rebanho! A igreja do século vinte um terá que encontrar outros meios de pastoreamento eficaz, ou ficará amordaçada pelo tempo!

PARTE II

ACONSELHAMENTO PASTORAL

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO AO ACONSELHAMENTO PASTORAL

Base Bíblica

João 10:3-5 “Para este o porteiro abre, as ovelhas ouvem a sua voz, ele chama pelo nome as suas próprias ovelhas e as conduz para fora. Depois de fazer sair todas as que lhe pertencem vai adiante delas, e elas o seguem, porque lhe reconhecem a voz; mas de modo nenhum seguirão o estranho; antes, fugirão dele, porque não conhecem a voz dos estranhos.

A – Base para o Aconselhamento Pastoral

1. Jesus o Bom Pastor de ovelhas, chama suas ovelhas pelo nome.
2. As ovelhas o seguem pois conhecem sua voz.
3. Aqui podemos ver o forte relacionamento que tem o pastor de ovelhas e a sua ovelha. O Pastor, como o pastor de ovelhas, tem o mesmo tipo de Relacionamento.
4. Este é um ponto fundamental no estudo do aconselhamento pastoral.
 - a. A ovelha não seguirá um estranho (não aceitará conselhos).
 - b. Porém, o pastor que é um bom conselheiro (efetivo) é o pastor que conhece o seu povo e permite que o seu povo o conheça.

B – Um entendimento essencial: Quem é responsável?

1. Há uma diferença entre motivação e responsabilidade.
 - a. O pastor pode oferecer conselhos e motivação.

 - b. Porém, a pessoa sendo aconselhada é responsável por sua própria vida.

2. Em outras palavras, o pastor deve lembrar que é a pessoa que está sendo aconselhada que deve estar disposta a mudar.

C. Tipos de Aconselhamento.

1. Família

2. Casamento

3. Pré-matrimonial

4. Financeiro

5. Suicídio

6. Situações dolorosas / Abusos

7. Crise

8. Fases da Vida (por exemplo: primeiro filho de um casal).

9. Falha Moral.

10. Vício (drogas, álcool, pornografia, etc. ...).

D – Mantenha arquivos dos casos aconselhados.

1. Mantenha uma pasta para cada área de aconselhamento:

2. Você pode usar os casos passados como exemplo para o caso em questão.
 - a. É muito mais fácil aconselhar um casal (pré-matrimonial) depois de já tê-lo feito a outro casal. Não há substituto para a experiência.
 - b. Também é mais fácil se você tem informações arquivadas de como você ajudou outros casais.

CAPÍTULO II

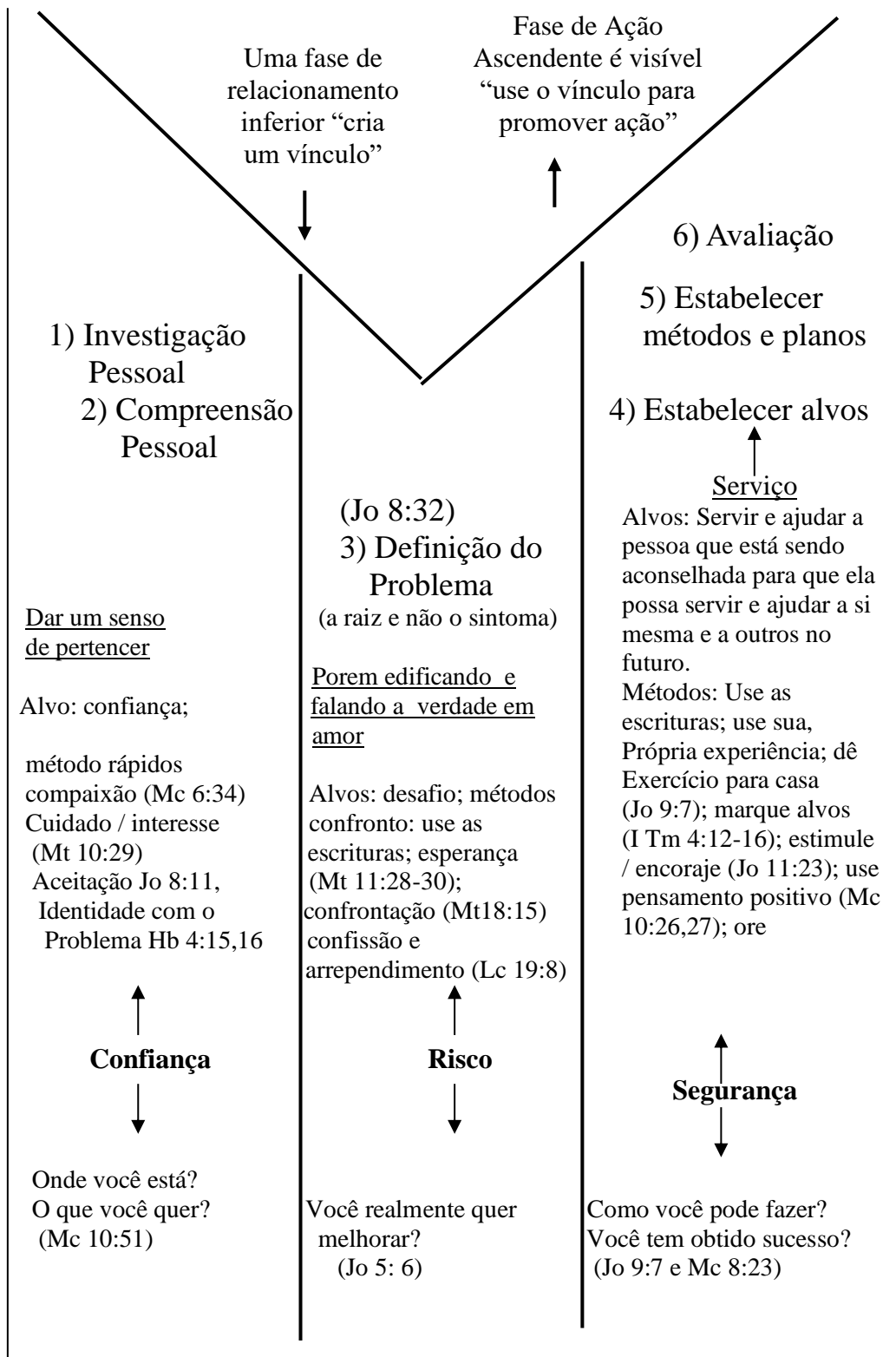
TEORIA DO ACONSELHAMENTO

A – Justificação.

1. No ministério em geral, é verdade que a teologia deve ser a base da prática.
2. Do mesmo modo, em aconselhamento, é verdade que a teoria do aconselhamento deve formar uma base para a prática do aconselhamento.

B – Teoria básica.

O diagrama a seguir é a combinação de modelos de Joe Kloba e William Kirwan.



CAPÍTULO III

PRÁTICA DE ACONSELHAMENTO

A – Habilidade para aconselhar

1. Habilidade de ouvir.
 - a. Apesar de que muitas pessoas não são boas ouvintes, 90% do processo de comunicação inclui formas diferentes de ouvir.
 - 1) Ouvir o conteúdo.
 - 2) Ouvir para a ênfase.
 - 3) Ouvir pela emoção.
 - 4) Ouvir pela entonação da voz.
 - 5) Ouvir indicadores não verbais.
 - a) posição de corpo
 - b) gestos
 - c) tensão
 - b. Somos capazes de ouvir cinco vezes mais rápido do que somos capazes de falar.
 - 1) Uma pessoa pode ter a capacidade de falar 120 palavras por minuto.
 - 2) Temos o potencial de ouvir 600 palavras por minuto.
 - c. Por isto, a pergunta é: o que você faz com o tempo extra ou seu potencial de ouvir?
 - 1) Muitas pessoas devaneiam.
 - 2) Muitas pensam no que vão responder (diminuindo sua habilidade de ouvir).
 - 3) Algumas pessoas são boas ouvintes. São ouvintes ativos.
 - a) Eles vigiam durante o tempo extra por dicas não verbais (movimento de corpo, postura, etc. ...)
 - b) Eles também vigiam a entonação e o tom da voz.
 - c) Talvez, o mais importante eles tentam ser sensíveis aos indícios espirituais.

- d) O pastor que deseja ser um conselheiro efetivo deve ser um ouvinte de fato (Considere Sl 34:15-18; Sl 116:1,2; e Pv 18:13,15).

2. A Habilidade de fazer perguntas.

- a. Esta é uma das melhores capacidades que um conselheiro deve ter.
- b. Há cinco tipos de perguntas, dentro de três categorias gerais, que podem ser usadas no aconselhamento pastoral.

Ponto para Debate

| Investigação – Pessoal | Conscientização | Definindo o Problema |
|--|---|---|
| 1) Colhendo informação: O que você fez então? | 3) Perguntas para refletir: Você sabe que estava errado, mas você não viu um meio de evitar? | 5) Perguntas confrontadoras: Você alguma vez abraça seu filho ? Quando foi a última vez que você abraçou seu filho? |
| 2) Esclarecendo perguntas: Como isto aconteceu? | 4) Perguntas de ligação: Você foi feliz até ...? | |

3. Confrontando.

- a. Sempre comece a hora de confrontação, com uma afirmativa de segurança, para dizer a pessoa:
- 1) Eu entendo
Estou a par das circunstâncias
 - 2) Eu considere toda a situação.
- b. Sempre use as escrituras para confrontar uma pessoa (II Tm 3:16)
- c. Seja firme. Seja específico. Quando chegar a hora de confrontar (desafiar) uma pessoa. Não ajuda você dar só uma noção ou ser vago.
- d. Encoraje e permita uma resposta.

B – Ferramentas para aconselhar

1. Tarefas (dando tarefas para pessoa que está sendo aconselhada).
 - a. Estude Jo 9:7
 - b. Desafie a pessoa a fazer algo para si ajudar e provar que o seu desejo é de ser ajudado. (faça-a responsável).
 - c. Algumas pessoas pedem ajuda mas não estão dispostas a fazer o esforço de si ajudar. Elas dizem que querem mudar mas não mostram em suas ações. Dando uma tarefa para estas pessoas as ajudará a tomar uma ação corretiva para resolver o problema delas.
 - d. Pontos para lembrar:
 - 1) Seja firme. Dê tarefas depois de cada aconselhamento.
 - 2) Não inicie um novo aconselhamento até que você receba totalmente a tarefa anterior até que você tenha tempo de terminar sua tarefa antes do próximo aconselhamento.
 - 3) A primeira tarefa deve ser fácil e que não gaste muito tempo.
 - 4) A tarefa deve ser específica. Deve ser capaz de ser avaliada. Uma tarefa escrita normalmente funciona bem.
 - 5) A tarefa deve encorajar a pessoa a mudar. Por exemplo: se a pessoa tem problema com a lascívia, então pode ser dada uma tarefa de estudar algumas passagens (versículos) que a iriam desafiar e encorajar.
2. A Bíblia.
 - a. A Bíblia deve ser a ferramenta mais importante do pastor para aconselhar (Veja II Tm 3:16).
 - b. Ajudará se usar uma Bíblia que tenha concordância e índice de tópicos.
 - c. A Bíblia pode ser usada para:
 - 1) Confrontar

- 2) Ensinar
- 3) Reprovar
- 4) Corrigir
- 5) Instruir em retidão
- 6) Renovar a mente.
- 7) Mudar hábitos.
- 8) Meditar
- 9) Confortar e encorajar.

3. O Espírito Santo.

- a. Considere as implicações de Jo 16:13-15.
- b. Tenha confiança que o Espírito Santo irá te dar revelação, entendimento e discernimento.
- c. Ore para que os dons do Espírito sejam manifestados (cura, palavra de sabedoria, etc.)
- d. Peça ao Espírito Santo que te de verdadeiro amor (ágape) pela pessoa.
- e. Lembre-se o Espírito Santo é “O Conselheiro” (Jo 16:7; Is 9:6).

4. Oração.

- a. Ore com a pessoa. (Mt 18:19; Jr 5:18)
- b. Ore pela pessoa (I Sm 7:5-11)

5. Encaminhar (a outro conselheiro)

- a. Algumas vezes você pode achar que não está capacitado para aconselhar certas situações.

Nestes casos, a coisa mais sábia a fazer é encaminhar a pessoa a outro conselheiro.

b. Exemplos:

- 1) Um caso físico ou psicológico grave.
- 2) Um problema muito específico no qual você não tenha muita experiência. Você pode conhecer outra pessoa que seja um conselheiro experiente nesta área ou que já passou por este problema.

- 3) Um caso onde pode não ser sábio é: um homem aconselhando mulher ou o contrário.

CAPÍTULO IV

ACONSELHAMENTO EFETIVO

A – Característica que fazem conselheiros mais efetivos (um estudo de Provérbios)

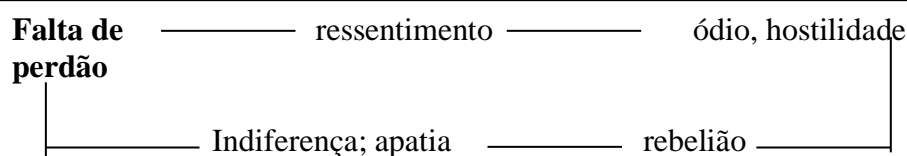
1. Pureza (integridade) de vida (Pv 4:18,19).
2. Confidente (reservado) (Pv 11:13).
3. Tempo e tato com as palavras (Pv 15:22,23,28).
4. Habilidade de ouvir (Pv 18;13,15)
5. Objetivo e discernimento (Pv 18:17)
6. Compreensivo (Pv 20:5)
7. Honesto (Pv 24:24-26)
8. Interesse sincero e amor (Pv 27:9)

B. Considerando a raiz da falta de perdão

1. A consequência da falta de perdão é muito perigosa. De acordo com Mt 6:14,15, “Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará; se porém não perdoardes aos homens, tampouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas.”

2. A Falta de perdão à outra pessoa é frequentemente a raiz de muitos outros problemas. Muitas vezes, os sintomas de um problema pode ser fácil de se ver enquanto que a raiz do problema está escondida. Uma raiz comum é a falta de perdão.

Ponto de debate



Nota: A raiz de todos estes sintomas e frequentemente a falta de perdão. O último estágio (apatia) e o mais difícil de ajudar. A raiz deve ser desenterrada. A pessoa deve ser encorajada à perdoar.

C. Oito formas de conseguir resultados melhores e mais rápidos no aconselhamento.

1. Evite aconselhar quando a pessoa estiver perturbada emocionalmente, agitada ou sob tensão.
Este é o momento de simplesmente ouvir e dar conforto (Pv 25:20)
2. Peça um resumo (uma ou duas sentenças) do problema (Pv 18:17; 21:2). Desta forma você pode evitar os detalhes que as pessoas usam quando estão racionalizando (desculpas).
3. Procure evidências em três raízes de problemas (Hb 12:15-17):
 - a. Amargura (falta de perdão)
 - b. Ganância

- c. Imoralidade
4. Faça o desafio em uma pergunta não em uma afirmativa direta (Pv 15:1):
 - a. Diga, “você estava mentindo?”
 - b. Não afirme, “você estava mentindo”.
 5. Procure por dois tipos de problemas (Pv 13:18):
 - a. Superficial – este será o problema respeitável.
 - b. A raiz – este será o mais sério e o mais vergonhoso. A pessoa irá avaliar a reação do conselheiro referente ao problema superficial. E se ele se sentir confortável com a reação do conselheiro e tiver confiança e segurança com ele então irá permitir que o conselheiro veja a raiz do problema. O conselheiro experiente irá ouvir pacientemente e só no momento oportuno poderá perguntar: Somado a isto você tem outro problema?
 6. Assuma que a pessoa que vem com o problema normalmente é a chave para a solução (Rm 2:1-3; e Lc 12:13-15).
 7. Marque consultas em vez de aconselhar de imediato (Pv 20:5) se o problema não for sério ou se for só um problema superficial então ele terá tempo de ser resolvido.
 9. Grande cuidado deverá ser tomado entre os cristãos em levar casos para a justiça. (I Co 6:1-10). Sabedoria Bíblica e o espírito de reconciliação podem ser requeridos de você como conselheiro (I Co 6:1-10)

D. Perspectivas Bíblicas em aconselhamento.

1. O que é aconselhamento de acordo com o Velho Testamento?
(Veja Dt 11:18,19; Pv 15:22; Sl 64:2; Pv 1:5; e Pv 12:20).

2. Quais são os benefícios de aconselhar?
 - a. Ajudar e aliviar ansiedade. (Pv 12:18,25).

 - b. Oferecer segurança e satisfação (Pv 11:14)

 - c. Ajudar a planejar (Pv 16:9; 19:21; 20:18).

 - d. Para obter sabedoria (Pv 12:5, 15; 13:10; 19:20)

3. Quais os tipos de pessoas que não são beneficiadas com aconselhamento?
 - a. Os que rejeitam à verdade (Pv 10:17)

 - b. Aqueles que só querem falar. (Pv 18:2)

 - c. Aqueles que estão irados e não querem mudar (Pv 19:19)

 - d. Aqueles que desprezam a verdade (Pv 23:9)

 - e. Aqueles que tentam contrariar com risadas ou ironia (Pv 29:9)

 - f. Aqueles que não querem responder com o problema ou questão. (Pv 29:19)

3. Lembre-se: Nós sempre temos um conselheiro que está sempre à disposição (Is 9:6).

CAPÍTULO V

APÊNDICE

A – Aconselhando problemas específicos

1. Aconselhamento de tristeza e lamento.

a. Lamentar é natural para a cura de situações de perda (por exemplo, lamentar a morte de um cônjuge). É um processo que uma pessoa tem que passar. É sadio quando a pessoa que está lamentando é capaz de expressar sentimentos profundos. O conselheiro pode ajudar uma pessoa a passar este processo.

b. Fases de lamentos

Ponto para debate

| FASE | SENTIMENTOS E ATITUDES |
|--|---|
| - O acontecimento conflitante - a perda - O desejo pelo que perdeu. - A falta de organização; - Desespero reorganização; substituição. | - Negação, indiferença, letargia, - Raiva; dor; culpa - Luta; briga, incerteza - Cura; amor direcionado aos outros |

c. Respostas para o aconselhamento de lamentação.

1) Lembre-se que o “lamentar” pode durar por anos.

- 2) Ouça mesmo que a pessoa repita a história várias vezes.
A melhor maneira de aconselhar uma pessoa triste é não dizer nada e só ouvir.
- 3) Permita que a pessoa expresse raiva e culpa (mesmo que ao seu ponto de vista não seja apropriado). Faz parte do processo. A pessoa deve expressar estas emoções como forma de aliviar a tensão e sua influência.
- 4) Use a situação para debater as coisas espirituais. Muitas pessoas ficam mais abertas para falar de Deus quando tem uma perda irreversível. (Como morte, perda de membros, etc. ...)
- 5) Desencoraje a pessoa a fazer grandes decisões e mudanças na sua vida principalmente durante o primeiro ano de luto.

d. Área de Cautela

- 1) Não diga: “Não chore”. Dê a pessoa a liberdade de chorar. Chore com a pessoa.
- 2) Não se preocupe se a pessoa não consegue se controlar imediatamente depois da morte ou perda. Você deve confortar e proteger.
- 3) Permita e dê assistência as crianças a passar pelo processo de luto. É muito perigoso permitir que a criança negue a morte ou crie uma fantasia para repor a realidade.

e) Avisos Gerais

- 1) No começo, mais do que tudo, o conselheiro pode simplesmente ajudar, estando presente e ouvindo.

- 2) No final (depois de passar o tempo), mais do que tudo o conselheiro pode ajudar; provendo compreensão espiritual da perda. O conselheiro pode também usar a situação para desafiar a pessoa a crescer espiritualmente.

2. Aconselhando em situação de Crise.

a. Formas negativas de uma pessoa confrontar uma crise.

- 1) Negar que o problema existe.
- 2) Evitar o problema.
- 3) Recusar ajuda.
- 4) Esconder sentimento de raiva, culpa, etc.
- 5) Não pensar na crise. Tentar esquecer.
- 6) Recusar considerar soluções práticas
- 7) Culpar os outros e esperar que eles providenciem a solução.
- 8) Evitar amigos e pais.
- 9) Se convencer que a crise é castigo de Deus.

b. Formas positivas para uma pessoa enfrentar uma situação de crise.

- 1) Aceitar que existe um problema.
- 2) Tentar entender melhor a situação.
- 3) Aceitar ajuda dos pais, amigos, etc.
- 4) Tomar conhecimento dos sentimentos de raiva, culpa, etc.
Tentar resolvê-los.
- 5) Distinguir entre o que pode ser mudado e o que não pode ser mudado.
Aceitar o que não pode ser mudado.
- 6) Considerar soluções práticas. Dar pequenos passos (no início)
Para executar a solução.
- 7) Aceitar sua própria responsabilidade do problema.

- 8) Se chegar a família e amigos.
- 9) Orar e se concentrar na soberania de Deus.

3. Aconselhamento matrimonial

a. Muitas vezes, um divórcio é o resultado da falta de uma boa comunicação no casamento.

b. Os pontos a seguir formam um guia de comunicação no casamento.

O conselheiro pode usar estes pontos para encorajar, desafiar ou corrigir o padrão de comunicação do casal. Cada um destes pontos pode ser a base para uma tarefa feita fora do tempo de aconselhamento juntos.

- 1) Versículos gerais (Veja Pv 18:21; 25:11; Jó 19:2; Tg 3:8-10; e I Pe 3:10).
- 2) Os cônjuges devem ouvir um ao outro e não responder até que o outro termine (Pv 18:13; Tg 1:19).
- 3) As palavras devem ser vigiadas.
Pense antes de falar. Fale de forma que a outra pessoa possa entender (Pv 15:23,28; 21:23; 29:20; Tg 1:19).
- 4) Não use o silêncio para frustrar a outra pessoa. Explique se você quiser ficar em silêncio.
- 5) Sempre diga a verdade. Diga a verdade com Amor. Não exagere. (Ef 4:15,25; Col 3:9).
- 6) Não discuta. É possível discordar sem discutir (Pv 17:14; 20:3; Rm 13:13; Ef 4:31).
- 7) Não responda com raiva. Seja gentil (Pv 14:29; 15:1; 25:15; 29:11; Ef 4:26, 31).
- 8) Admita quando estiver errado e peça perdão (Tg 5:16).
- 9) Quando a outra pessoa te pede perdão: perdoe, esqueça e não mencione de novo (Pv 17:9; Ef 4:32; Col 3:13; I Pe 4:8).
- 10) Não irrite a outra pessoa. (Pv 10:19; 17:9; 20:5).

- 11) Não critique. Seja um encorajador (Rm 14:3; Gl 6:1; I Ts 5:11; Rm 12:17,21; I Pe 2:23; 3:9).
- 12) Tente entender a opinião da outra pessoa. Mostre interesse na opinião (Fl 2:1-4; Ef 4:2).

B – Exercícios de aconselhamento

1º Caso

Maria tem 13 anos, ela é membra da igreja que você pastorea.

Recentemente a avó de Maria morreu. Ela veio ao seu gabinete para aconselhamento.

Ela diz: “Como é morrer? Para onde vai o espírito?” Ela faz pelo menos 12 perguntas similares.

No final ela diz, “Eu não sei o que aconteceu com a minha avó. A morte me faz triste, mas ao mesmo tempo me fascina.

Algumas vezes eu realmente tenho medo dela. Eu tenho algum problema?

1. Que tipo de ajuda Maria precisa?
2. Você acha que ela tem problemas que ainda não foram revelados?
3. O que você tentará fazer durante a consulta?
4. Que tipo de tarefa você a daria para fazer?

2º Caso

João e Beth são um casal da sua igreja. Você é o pastor. Eles pedem você para os aconselhar.

João diz que a Beth não o ama mais. Beth diz que João não a respeita mais.

João diz: “Eu tento prover tudo para ela. Eu trabalho duro todo dia e o que é que eu ganho com isso?”

Beth começa a falar: “É difícil para mim”. Imediatamente ela é interrompida.

João grita: “Não é difícil ficar sentada em casa o dia todo!” Este tipo de discussão continua até que Beth começa a chorar.

1. O que você vai fazer agora?
2. Você acha que será necessário aconselhar cada um separadamente?
3. Como eles podem começar a construir um relacionamento melhor?
4. Quais são algumas perguntas que você pode fazer agora a eles?
5. Que tipo de tarefa você irá dar a eles?

CONCLUSÃO DO CURSO

Esperamos que ao término deste curso você procure deixar um legado de Fé do qual seus filhos e netos nunca se envergonharão. Deixe um legado histórico que influencie os que convivem com você e os que ainda haverão de nascer. Eis o que permanece. Como Paulo, "prossiga para o alvo, para o prêmio da soberana vocação", de tal forma que quando a morte chegar, você tenha a convicção necessária para dizer: "Acabei a carreira, guardei a fé"! Ah! e não venda seus livros para os sebos, doe-os generosamente aos que estão logo atrás de você na carreira ministerial!

Nenhum ministério sobrevive sem a operação eficaz do Espírito Santo em nossas vidas. O Espírito Santo nos foi enviado da parte de Jesus, capacitando-nos para que realizemos sua obra aqui na terra.

Quando o obreiro começa a depender muito de si mesmo, de sua capacidade, oratória e conhecimento das Escrituras, deixando de recorrer continuamente à pessoa do Espírito Santo, seu ministério até poderá ter algum sucesso humano, mas sem o aval divino, o que faz não irá constar nos anais de Deus!

REFERÊNCIAS

- 1) Manual do Ministério Pastoral – João A. de Souza Filho – (Ed. Atos)
- 2) Notas de classe do curso: “Aconselhamento Pastoral”, 1986. Partes do Diagrama são formados dos conceitos desenvolvidos por Joe Kloba professor Educacional da Universidade de Regent. Outras partes do diagrama são formados por William Kirwan modelo de aconselhamento dentro do Conceitos Bíblicos de Aconselhamento Cristão (Baker, 1983).
- 3) Adaptado do ensinamento do Dr. Joseph Umidi como recebido no curso, “Aconselhamento Pastoral” da Universidade Regent, 1986, usado com permissão.
- 4) Adaptado de um ensinamento do “Instituto em Conflitos Básicos dos Jovens”. 1979.

OBS:

É proibida a reprodução total ou parcial desta apostila, sem a permissão por escrito, do Seminário Casa de Profetas.